

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Análise da construção da informação através dos *links* no
blog “O Biscoito Fino e a Massa” durante o ataque de
Israel a Gaza em dezembro de 2008**

**Paula Bianca Bianchi
Porto Alegre
2009**

Paula Bianca Bianchi

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Orientadora: Laura Strelow Storch

Co-orientadora: Márcia Benetti

Porto Alegre
2009

Agradecimentos

À minha família, em especial aos meus pais que sempre tiveram como uma única condição que eu fosse feliz.

À minha irmã Caroline, por acreditar em mim mesmo quando eu não acreditava.

Aos meus amigos, por estarem sempre presentes e assim ajudarem a manter a minha sanidade mental.

À Ana Lúcia Mohr por ter corrigido, impresso, entregue e sofrido por essa monografia também.

À sociedade brasileira, que custeou os meus estudos e me proporcionou uma educação pública, um privilégio raro em um país como o Brasil.

À Fabico, que entre erros e acertos me proporcionou cinco anos inesquecíveis e me permitiu conhecer pessoas muito especiais que levarei por toda a vida.

À minha orientadora, Laura Strelow Storch, pela paciência, amizade e grande dedicação na hora da orientação, essenciais para a realização deste trabalho.

Aos professores Wladimir Ungaretti, Clarice Esperança e Cida Golin por ensinarem jornalismo para além das paredes da Fabico.

Ao povo palestino, que sofre sozinho frente a um Ocidente silencioso.

À Ryzard Kapuscinsk, Gabriel García Márquez e todos os escritores que me fizeram crescer sonhando em cruzar fronteiras.

Aos caminhos e descaminhos da Bolívia, país onde escrevo estas linhas e que espero ser o começo de uma série de outros desbravamentos.

RESUMO

Este trabalho busca compreender a forma como os *links* participam da construção da informação nos *posts* do *blog* “O Biscoito Fino e a Massa” durante o ataque de Israel à Faixa de Gaza em dezembro de 2008. Para isto, elabora um resgate da idéia de *blog* e *hiperlink*, seguido de uma apresentação breve do histórico do conflito entre palestinos e israelenses. O trabalho foi desenvolvido a partir de referenciais teóricos e do método de análise de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: *Blogs*, hipertexto, Faixa de Gaza, Israel.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Blog ““O Biscoito Fino e a Massa”	32
Figura 2: Trecho do <i>post</i> “Glossário macabro da ocupação, 2: “equilíbrio”, “ponderação”, “ver os dois lados”	53
Figura 3: Trecho do <i>post</i> “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua (...)”	55
Figura 4: Trecho do <i>post</i> “Israel continua disparando contra ambulâncias”	56
Figura 5: Trecho do <i>post</i> “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua (...)”	57
Figura 6: Trecho do <i>post</i> “Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino: (...)”	59
Figura 7: Trecho do <i>post</i> “Carta aberta de Uri Avnery a Barack Obama”	60
Figura 8: Trecho do <i>post</i> “Jimmy Carter conta como Israel rompeu o cessar-fogo”	60
Figura 9: trecho do <i>post</i> “Tempo dos virtuosos, por Gideon Levy”	61
Figura 10: Trecho do <i>post</i> “Um <i>link</i> importante”	62
Figura 11: Trecho do <i>post</i> “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua (...)”	63
Figura 12: Trecho do <i>post</i> “Três espaços indispensáveis em português”	64
Figura 13: Trecho do <i>post</i> “O verdadeiro jornalismo”	65
Figura 14: Trecho do <i>post</i> “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua assassinando e os líderes mundiais se calam”	66
Figura 15: Trecho do <i>post</i> “Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel, escreveu – e apagou – um <i>blog</i> racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação”	67
Figura 16: Trecho do <i>post</i> “A dignidade infinita dos Shministim”	68
Figura 17: Trecho do <i>post</i> ““Estão destruindo tudo ... O que dizem as notícias?": O horror de um pai enjaulado em Gaza, no <i>blog</i> da filha”	69
Figura 18: Trecho do <i>post</i> “O êxodo de Rafah: Mais um testemunho <i>blogueiro</i> ”	70
Figura 19: Trecho do <i>post</i> ““Vou lhe contar como ele morreu": Tradução de um <i>blog</i> de Gaza”	71
Figura 20: Trecho do <i>post</i> “Uma mulher de dignidade infinita”	72
Figura 21: Trecho do <i>post</i> “Amálgama inicia traduções do Electronic Intifada”	72
Figura 22: trecho do <i>post</i> “Três espaços indispensáveis em português”	73
Figura 23: trecho do <i>post</i> “Jimmy Carter conta como Israel rompeu o cessar-fogo”	74
Figura 24: Fotografia presente no <i>post</i> ““Estão bombardeando 1,5 milhão de pessoas enjauladas”	76
Figura 25: Frame do vídeo presente no <i>post</i> “As crianças de Gaza”	77
Figura 26: Trame do vídeo presente no <i>post</i> ““Estão bombardeando 1,5 milhão de pessoas enjauladas”	78
Figura 27: Trecho do <i>post</i> “Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino (...)”	79
Figura 28: Trecho do <i>post</i> “Mais bombardeios a escolas”	79

Figura 29: Trecho do <i>post</i> “Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel, escreveu – e apagou – um <i>blog</i> racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação”.....	81
Figura 30: Trecho do <i>post</i> “Palestinos no Facebook”.....	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – Blogs e hiperlink	9
1. <i>Blogs</i>	9
1.1. Breve histórico.....	10
1.2 Principais características.....	12
1.2.1 Organização temporal.....	12
1.2.2 Arquitetura da informação.....	12
1.2.3 Interatividade.....	13
1.2.4 Hipertextualidade.....	13
1.3 A dificuldade em definir os <i>blogs</i>	14
1.4 Busca de um conceito.....	16
1. O hipertexto.....	19
1.1 Breve histórico.....	20
1.2 O que é o hipertexto.....	22
1.3. Características do hipertexto	23
1.4 <i>Hiperlinks</i> , a alma do hipertexto.....	24
1.5 Tipologia de <i>links</i> proposta por Mielniczuk	26
1.6 A ligação dos <i>blogs</i> com os hiperlinks.....	27
CAPÍTULO 2 – “O Biscoito Fino e a Massa” e a questão palestina	29
2.1 O <i>blog</i> O Biscoito Fino e Massa e o seu autor	30
2.2 A relação do <i>blog</i> com a Palestina	33
2.3 Política editorial do <i>blog</i>	33
2.4 O conflito entre palestinos e israelenses	35
2.4.1 Breve histórico	35
2.4.2 A busca de um acordo.....	39
2.5 O ataque à Faixa de Gaza.....	42
2.5.1 A Faixa de Gaza	43
2.5.2. O ataque	45
2.6 Metodologia.....	47
CAPÍTULO 3 – Análise	51
3.1 <i>Link</i> jornalístico.....	52
3.1.1 <i>Link</i> jornalístico/reportagem.....	54
3.1.2 <i>Link</i> jornalístico/artigo.....	58
3.1.3 <i>Link</i> jornalístico/agência de notícias ou veículo.....	61
3.2 <i>Link blog</i>	64
3.2.1 <i>Link blog</i> /informativo.....	65
3.2.3 <i>Link blog</i> /pessoal.....	71

3.3 <i>Link</i> autorreferencial.....	73
3.4 <i>Link</i> multimídia.....	75
3.5 <i>Link</i> instituições.....	78
3.6 <i>Links</i> quebrados.....	80
3.7 Outros.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88

INTRODUÇÃO

Com o advento da Internet é possível perceber uma mudança na forma como a informação é produzida, transmitida e assimilada. A rede aproximou o leitor do processo de produção de informação e diminuiu o tempo e as distâncias com que ela circula. No entanto, com a criação dos *blogs* essa mudança ganhou um grande impulso, uma vez que qualquer pessoa com acesso à rede pode produzir e publicar conteúdos.

No fim de dezembro de 2008, o noticiário da editoria de internacional da maior parte dos veículos comunicativos do mundo foi tomado por notícias de um ataque israelense a Faixa de Gaza. No entanto, a proximidade das festas de ano novo no Ocidente e das férias de verão no hemisfério sul diminuiu o impacto e o espaço que esse acontecimento teria normalmente.

Por outro lado, enquanto as informações sobre o ataque a Gaza tinham um espaço tímido nos noticiários, esse tema tornou-se assunto principal na Internet e, em especial, nos *blogs*. Foi possível observar uma espécie de “insurreição informativa¹” na *blogosfera* que fez questão de difundir os horrores do ataque para além do que estava sendo noticiado pela mídia tradicional.

Através das possibilidades permitidas pelos *blogs* e das funcionalidades do hipertexto, matérias e *posts* sobre o ataque das mais diversas partes do globo foram relacionadas por blogueiros dos mais diversos lugares, sendo lidas também nas mais diversas partes do planeta. Essa busca de informação e posterior indicação de fonte gerou uma espécie de construção coletiva de conhecimento alternativo à grande mídia sobre o assunto.

A fim de entender a forma como os *links* presentes nos *posts* contribuíram para a construção da informação, este trabalho se detém nos *posts* a respeito do ataque israelense à Gaza presentes no *blog* “O Biscoito Fino e a Massa”, do brasileiro radicado nos Estados Unidos, Idelber Avelar e na forma como a construção da informação ocorreu nesse site, uma das principais fontes sobre o assunto em português. Para tal, dividimos o trabalho em três capítulos.

¹ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/o_verdadeiro_jornalismo.php

No primeiro capítulo, tratamos dos *blogs* e *hiperlinks* a fim de entender a relação entre eles. O capítulo foi dividido em duas partes. Na primeira, realizamos um breve resgate do histórico dos *blogs*, o que nos permite situar a relevância desse meio para o fazer comunicativo atual. A partir desse histórico, elencamos as principais características do *blogs* para então discorrer sobre as dificuldades em conceituar esse tipo de *site*. Após essa explanação, buscamos uma aproximação do conceito de *blog* que abrangesse todas as mudanças e apropriações que eles sofreram desde o seu surgimento.

Feita essa delimitação da idéia de *blog*, fizemos também um breve resgate histórico do hipertexto, base dos *links*. Ao buscar os primórdios do hipertexto sentimos a necessidade de caracterizá-lo, o que fizemos tentando também a aproximação de um conceito e definindo as suas características recorrentes.

A partir da definição de hipertexto, partimos para a apresentação dos *hiperlinks*, base da pesquisa empírica. Para melhorar o entendimento da idéia de *link* e facilitar a pesquisa, buscamos uma tipologia que fosse ao encontro das leituras que havíamos feito até então. Esta tipologia foi encontrada na pesquisa de Mielniczuk (2007) que terminou por servir de base para uma tipologia própria, apresentada no segundo capítulo. Após tratar dos *blogs* e do hipertexto, buscamos relacioná-los, a fim de entender a sua importância na construção da informação.

Como a pesquisa empírica recai sobre um acontecimento específico, no segundo capítulo foi necessário apresentar o conflito entre palestinos e israelenses. Apesar de acreditar que a situação palestina é por si só injusta e tratada de forma parcial, com um claro favorecimento ao ponto de vista israelense, buscamos apresentar em linhas gerais um brevíssimo histórico do conflito e situar a Faixa de Gaza e a forma como se deu o ataque israelense. No fim do capítulo, apresentamos a metodologia e a tipologia de *links* que serviu de guia para a pesquisa empírica.

No terceiro e último capítulo, analisamos os *links* presentes na amostra selecionada a partir da fundamentação e do método estabelecido nos capítulos anteriores. Buscamos entender, a partir da divisão dos *links* em categorias e da discussão dos dados, a forma como a informação foi construída no *blog*.

Weblogs e hiperlinks

Com pouco mais de dez anos, uma eternidade em termos de Internet, os *blogs* já se tornaram familiares a maior parte das pessoas e não necessitam mais de notas de rodapé quando citados em algum periódico. Esses *sites*, que permitem que qualquer pessoa com acesso a rede possa produzir e publicar conteúdo, estão ajudando a construir uma nova cultura de comunicação, que, no presente momento de convergência informativa, torna-se extremamente importante de estudar.

Este primeiro capítulo se divide entre *weblogs* e *hiperlinks*. Inicialmente, é apresentado de forma resumida um histórico da evolução dos *blogs*, partindo então para uma reflexão sobre as definições mais utilizadas e as características frequentes para depois tentar a aproximação de um conceito de *blog* abrangente e condizente com o atual estado desse tipo de *site*. O hipertexto, parte integrante dos *blogs* e da estrutura da internet em geral, será apresentado na seqüência. A idéia é entender a sua relação com esse tipo de *site*, partindo da importância dos *links* para os *blogs*.

1. *Blogs*

O crescimento do número de *blogs* e as diferentes apropriações que esse tipo de *site* vem sofrendo tornam interessante e necessário estudá-los. Em um mundo em que a informação é preponderante, a inovação proporcionada pelos *blogs* não pode ser ignorada.

De acordo com Edo (2009), a web modificou a forma como a população se informa, retirando a primazia de noticiar do rádio, da televisão e dos jornais, revolucionando a comunicação ao permitir a livre disseminação e produção de informação. No entanto, essa revolução só foi plenamente possível após a criação dos *weblogs* (ORIJUELA, 2006). A possibilidade de ter um espaço próprio na rede, sem esforço, mudou definitivamente as tendências comunicativas (EDO, 2009), introduzindo um novo formato de produção de conteúdo.

Os *blogs* democratizam a informação ao dar vazão a discussões que são ignoradas pela grande mídia e ajudam a questionar a objetividade jornalística, o equilíbrio do

noticiário e a qualidade de apuração (CHRISTOFOLETTI e LAUX, 2008). Eventos como os ataques de 11 de Setembro nos EUA, a Guerra do Iraque e as eleições presidenciais norte-americanas são exemplos da relevância da informação produzida pelos *blogs* como fontes complementares, alternativas e críticas aos meios de comunicação tradicionais (ORIJUELA, 2004). Gillmor (*apud* ORIJUELA, 2006:69) defende que precisamos deixar de entender o jornalismo como uma conferência e passar a vê-lo como uma conversação, característica importante na configuração dos *blogs*.

Esses *sites* estão sendo utilizados das mais diversas formas², tanto por cidadãos quanto por empresas. Segundo Escobar (2009) eles são o primeiro meio de comunicação totalmente desenvolvido na rede e evoluem com ela (ESCOBAR, 2009; ORIJUELA, 2006).

O *weblog* é uma expressão genuína das “tecnologias de hoje”, nas quais o autor, sem nenhum tipo de intermediação editorial e graças a um sistema muito eficiente de gestão de conteúdos, se converte em um *global publisher*: uma voz pessoal que pode falar com todo o mundo (ORIHUELA, 2006, p. 39) [Tradução da autora]³.

No entanto, antes de tratar da forma como a diversidade de informação se faz presente e é construída nos *blogs*, objetivo deste trabalho, é preciso definir alguns aspectos.

1.1 Breve histórico

O nome “*weblog*” vem da mistura dos termos *log* - que pode se referir tanto ao jargão da tecnologia de informação para o arquivo que registra o número de acessos a um servidor, quanto aos diários de bordo mantidos pelos marinheiros indicando localização e condições meteorológicas - e *web* (STORCH, 2006; TRÄSEL, 2009). Ele foi usado pela primeira vez em dezembro de 1997 por Jorn Barger para se referir a *sites* que faziam relações de *links* interessantes (Blood, 2000), muito úteis em uma época em que os

² Em agosto, a empresa Petrobras criou um *blog* (<http://www.blogspetrobras.com.br/fatosedados/>), seguida pela presidência da república (<http://blog.planalto.gov.br/>) que abriu o espaço em setembro, isso sem contar os milhares de *blogs* criados todos os dias no mundo.

³ El *weblog* es una genuina expresión de las “tecnologías del yo”, en las que el autor, sin ningún tipo de intermediación editorial y gracias a un sistema muy eficiente de gestión de contenidos, se convierte en un *global publisher*: una voz personal que puede hablarle a todo el mundo.

buscadores ainda não tinham se estabelecido. Dessa forma, os primeiros *blogs* não deixavam de ser mapas para navegar pela WWW⁴.

Mantidos por um pequeno grupo que dominava os conhecimentos necessários para construir páginas na internet, os *weblogs* dessa época não eram muito diferentes dos *sites* tradicionais.

Weblogs só podiam ser criados por pessoas que já sabiam como fazer um *website*. Um editor de *weblog* tinha que ou aprender a programar em HTML⁵ por diversão, ou, depois de trabalhar o dia todo criando *websites* comerciais, passando várias horas do seu tempo livre todos os dias surfando na internet e postando no seu *site*. Esses eram entusiastas da Internet (BLOOD, 2000, *online*) [Tradução da autora]⁶.

Não é possível determinar qual foi o primeiro *weblog*. A maioria dos pesquisadores concorda com David Winer, que considera o site “*What’s new in 92*”⁷, criado pelo estadunidense Tim Berners-Lee, a primeira aparição do formato.

No entanto, foi com a criação das ferramentas de edição dinâmicas que os *weblogs* se popularizaram. Em 1999 a Pitas⁸ lançou a primeira ferramenta de manutenção de *blogs*, seguida pela Pyra que criou o *Blogger*⁹. Esses sistemas permitiam a publicação de conteúdo na rede sem a necessidade de conhecimentos de programação, o que facilitou a apropriação e assimilação do formato. Segundo Grumet (2003), “os *blogs* incentivaram a publicação tornando muito fácil publicar” [Tradução da autora].¹⁰ A posterior agregação da possibilidade de comentar o conteúdo também foi fundamental para a difusão dos *blogs* (AMARAL, RECUERO e MONTARDO, 2009).

O formato padrão oferecido por esses softwares de edição terminou por determinar as primeiras características associadas aos *blogs*: conteúdo publicado em bloco – os chamados *posts* - e organizados em ordem cronológica reversa; o espaço para que os leitores interagissem com o *blogueiro* na forma de comentários; a possibilidade de colocar

⁴ *World Wide Web*

⁵ HTML- *Hypertext Markup Language* – Linguagem em que se baseia a maioria dos *websites* disponíveis na Internet.

⁶ Weblogs could only be created by people who already knew how to make a website. A weblog editor had either taught herself to code HTML for fun, or, after working all day creating commercial websites, spent several off-work hours every day surfing the web and posting to her site. These were web enthusiasts.

⁷ *What’s new in 92* foi a primeira página produzida em formato HTML. Nela Berners-Lee registrava a evolução do projeto World Wide Web desde janeiro de 1992.

⁸ www.pitas.com

⁹ www.blogger.com

¹⁰ Tradução da autora: fundamentally, weblogs encourage publishing by making it really easy to publish.

links para outras páginas; atualização irrestrita e o conteúdo completamente a cargo do autor do *blog* (FOLETTTO, 2007). Foi a partir dessas características que começaram a surgir as primeiras definições de *weblogs*.

1.2 Principais características

Observando o histórico do desenvolvimento dos *weblogs* e da internet é possível perceber uma revolução conceitual envolvendo os *blogs*, bastante influenciada pelas mudanças tecnológicas do meio. No entanto, existem algumas características, enumeradas por STORCH (2006), que os acompanham desde o seu surgimento e podem ser apontadas como forma de diferenciar os *blogs* do *sites* tradicionais. Elas também podem ser consideradas em parte responsáveis pelo estágio em que os *weblogs* se encontram hoje.

1.2.1 Organização temporal

A organização temporal do conteúdo está presente nos *blogs* desde o seu surgimento. No geral, cada *post* é registrado com o dia e a hora em que foi produzido em uma única página, partindo dos *posts* mais novos para os mais antigos, na chamada ordem cronológica reversa. Apesar de não ser comum a todos os *weblogs*, a ordem cronológica reversa das postagens é uma das características mais citadas quando se trata de defini-los, sendo que alguns autores a utilizam inclusive para tecer seus conceitos de *blog*, caso de Blood (2000) e Orijuela (2006).

O autor do *blog* ainda pode escolher a forma como irá armazenar o conteúdo – semanal, quinzenal, etc. –, sendo que as postagens mais antigas podem ser acessadas através de *hiperlinks* posicionados em seções fixas da página.

1.2.2 Arquitetura da informação

A forma como o conteúdo é apresentado nesses *sites* também é uma característica marcante e que ajuda a identificá-los. Desde os primeiros *blogs*, o espaço destinando para a

publicação de conteúdo, os *posts*, é separado na página de um espaço fixo em que se listam *links* para outros *blogs*, o *blogroll*, e *sites*.

Apesar de não ser essencial, este é um espaço importante, pois faz parte da construção da comunidade em que o *blog* está inserido e ajuda a compor a *blogosfera*, “um conjunto variado de micro e macro comunidades de fronteiras difusas a que cada *blog* pertence de forma simultânea¹¹” (ORIHUELA, 2006). O autor de um *blog* relaciona em seu *site* os *links* dos *blogs* que geralmente frequenta e comenta, o que leva os autores desses *blogs* a fazerem o mesmo, corroborando com a idéia defendida por Orihuela (2006) de que a *blogosfera* deve ser entendida como uma grande conversação.

1.2.3 Interatividade

Alguns autores consideram a interatividade a responsável pelo crescimento do número de *blogs*, além de ser uma das principais características da internet no geral, em especial por propiciar que o leitor tome parte no debate (STORCH, 2006; TEIXEIRA, 2007). Através da ferramenta dos comentários, a interatividade é potencializada (TEIXEIRA, 2007) aproximando os *blogs* das idéias iniciais das possibilidades da WEB concebida pelo pesquisador Ted Nelson nos anos 60, como abordaremos mais adiante.

Os comentários são uma parte importante da construção do conteúdo dos *posts*, apesar de alguns *blogs* prescindirem deles. Através da caixa de comentários os leitores podem complementar, criticar, sugerir, etc. Cria-se um vínculo entre o *blogueiro* e o leitor e os outros leitores, que podem inclusive trocar idéias através dos comentários. Para ARAÚJO (2006), é a interatividade permitida pelos comentários que tornam o *blog* um valioso “espaço de discussão”.

1.2.4 Hipertextualidade

¹¹ Tradução da autora: “...un variado conjunto de micro y macros comunidades de fronteras difusas a las que cada blogger pertenece de forma simultánea.”

A hipertextualidade é a base da Web e a característica mais importante dos *blogs*. Segundo Storch (2006) é através do hipertexto que os autores dos *blogs* conseguem relacionar os assunto dos *posts* e fazer associações com a imensidão de outras informações presentes, seja para corroborar o que está escrito, permitir ao leitor checar as informações ou apresentar uma idéia divergente. Através de *links*, o hipertexto também permite o cruzamento de mídias no *post*, como vídeo, áudio, texto, etc., e a *linkagem* para outros *sites*, tida por alguns autores como a base primordial dos *blogs* (ARAÚJO, 2006 ;BLOOD, 2000).

Adiante iremos tratar especificamente do hipertexto e explicar as implicações da sua relação com os *blogs*. Mas é importante lembrar que as características apresentadas não são definitivas e encontram-se em constante mutação, assim como os *blogs* e as tecnologias desenvolvidas através da internet.

1.3 A dificuldade em definir os *blogs*

Definir o que é ou não um *weblog* é ainda um dos principais problemas dos pesquisadores que se detém no assunto. Segundo o professor de comunicação Antonio Cambronero (2006), autor do *Blogpocket.com*, existem tantos conceitos quanto escritores de *blogs* na rede.

O próprio formato de *posts*, escritos em ordem cronológica reversa, acompanhados da data e hora da publicação, foi adotado pela facilidade de editar as páginas, já que nos primórdios dos *blogs* ainda não existiam ferramentas de edição (TRÄSEL, 2009). Com o tempo, os *links* passaram a ser comentados pelos autores do *sites* e pequenos relatos do cotidiano se juntaram às páginas, tornando a pessoalidade um fator indissociável da idéia de *blog*. Uma memória estendida de seus autores, carregadas de pitacos informativos, descritivos, por vezes irônicos e até poéticos (ORIHUELA, 2006).

Baseando-se em uma série de definições gerais apontadas por Garfunkel (2004), Träsel (2009) sugere um resumo das principais características de um *blog*, tais como:

1. *website* de cunho subjetivo ou não-comercial, tipicamente produzido por um único indivíduo;

2. formato de um diário organizado em ordem cronológica reversa, em geral atualizado todos os dias ou com bastante frequência;
3. referências a outros *sites* da web e excertos comentados de outras fontes e impressões pessoais;
4. relatos da vida diária (TRÄSEL, 2009:96).

Definições que vão ao encontro da proposta por Orihuela (2006), que entende um *blog* como “um *site* de internet pessoal e autogestionado, composto por entradas individuais que mantém um endereço permanente, assim como a sua data e hora de publicação, e se ordena mediante cronologia inversa (as histórias mais recentes aparecem na parte superior do site).” (ORIHUELA, 2006:30) [Tradução da autora]¹².

Além dessas acepções tradicionais, a denominação alternativa *online-journal*, traduzida no Brasil como diário virtual, acompanhou os *blogs* por bastante tempo, junto com o estigma que desmerecia o conteúdo produzido nesses sites: o de serem apenas diários virtuais. O excesso de pessoalidade e o suposto narcisismo eram os principais argumentos daqueles que questionam a legitimidade da informação produzida nos *blogs* (TRÄSEL, 2009), em especial os jornalistas receosos de perderem as suas prerrogativas profissionais.

Possivelmente de maneira intencional, uma parte da imprensa tradicional pretende reduzir o fenômeno *weblog* aos diários pessoais, em vão tentando desativar um movimento que começa a questionar os valores sobre os quais até bem pouco se estruturava o edifício midiático (ORIHUELA, 2006:74) [Tradução da autora]¹³.

Essas críticas foram deixadas de lado a partir do momento em que mídia tradicional e as empresas começaram a criar *blogs* (TRÄSEL, 2009). Grandes jornais, como a “Folha de São Paulo” e “O Globo”, fizeram *blogs* para os seus colunistas e passaram a usar o formato em diversas coberturas. A apropriação se tornou comum¹⁴.

¹² ...um sitio web personal autogestionado compuesto por entradas individuales que mantienen una dirección permanente, así como su fecha y hora de publicación, y se ordenan mediante cronología inversa (las historias más recientes aparecen en la parte superior des sitio).

¹³ Posiblemente de manera intencionada, una parte de la prensa tradicional pretende reducir el fenómeno weblog a los diarios personales, con la vana intención de desactivar un movimiento que comienza a cuestionar los valores sobre los que hasta hace bien poco se asentaba el edificio mediático.

¹⁴ Podemos citar como exemplo os recentes comunicados divulgados pela rede Globo de televisão e pela Folha de São Paulo restringindo o uso de blogs pelos seus funcionários – ter um blog sim, desde que trabalhando a favor da empresa. O artigos podem ser encontrados, respectivamente, nos endereços <http://www.comunique-se.com.br/conteudo/newsshow.asp?op2=&op3=&editoria=8&idnot=53471> e

Por outro lado, foi o fato dos autores dos *blogs* se assumirem como tais e assinarem os conteúdos que firmou a reputação de confiabilidade dos *blogs*. Para além das responsabilizações jurídicas, a identificação do autor ajudou a estabelecer a relação de fiabilidade para com o conteúdo das postagens (CHRISTOFOLETTI e LAUX, 2008).

Conforme Foletto (2007), os *blogs* dos grandes portais não necessariamente podem ser considerados *blogs*. Em primeiro lugar, em geral os conteúdos expostos, apesar de ganhar dinamicidade, terminam por apenas reproduzir as colunas dos jornalistas nos veículos impressos.

(...) são *blogs* que funcionam em uma espécie de “circuito fechado” particular, ignorando a existência de toda uma comunidade de informação externa que se retroalimenta constantemente. O resultado é que eles acabam por não fazer parte da produção da multivocalidade característica da chamada *blogosfera*, a comunidade a qual todos os *blogs* estão inseridos (FOLETTTO, 2007:30).

Mais importante que isso os *links* - tema que iremos tratar mais adiante –, presentes nesses *sites* se referem apenas a *blogs* do próprio grupo midiático, indo contra a idéia de pluralidade irrestrita encampada pela *blogosfera*.

1.4 Busca de um conceito

A linha de entendimento que parte da ferramenta, da técnica, para definir o que é ou não um *blog* não é suficiente, pois acaba por excluir o fator humano do processo ao focar nas características estruturais do objeto e não no seu conteúdo. A tecnologia abre os espaço para o crescimento do formato, mas não é responsável sozinha pela sua evolução (ESCOBAR, 2009). Os *blogs* são ferramentas de publicação, mas vão além disso. É a forma como as pessoas se apropriam desse formato que deve definir o que eles são ou virão a ser.

Träsel (2009) defende que a apropriação cada vez mais freqüente das características originalmente tidas como próprias de *blogs* por outros *sites* torna difícil tecer uma

definição, mas que buscar a delimitação clara desse objeto é imprescindível para que a idéia de *blog* não se dilua no mar de outros formatos presentes na internet.

Não é possível chegar a uma definição que esgote o conceito, uma vez que ele está em constante evolução, no entanto a diferenciação sugerida por Primo e Smaniotto (2006) entre “*blog/texto*”, “*blog/programa*” e “*blog/lugar*” pode colaborar com o debate. Ela consegue superar o problema da sobreposição do fator tecnológico sobre o fator humano admitindo que o *blog* é ao mesmo tempo três espaços distintos onde o *blogueiro* e os comentaristas/leitores se encontram.

Por *blog/texto* se entende tudo que o *blogueiro* coloca no *post*, sejam textos, vídeos ou áudios. É o conteúdo do *blog*, que pode ser apresentado seguindo as características citadas acima ou não, independente da presença de uma ferramenta de edição, o *blog/programa*. Geralmente quando alguém se refere a um *blog*, está falando do *blog/texto*.

O *blog/programa* é o software que gera o *site* com as especificidades tidas como características do *blog* (ainda que o *blogueiro* possa optar por não usá-las), ou ainda a ferramenta utilizada para produzir o *blog/texto*. A própria ferramenta de edição não interfere no formato do *blog/texto*, confusão comum, já que não condiciona o tamanho dos textos ou o seu conteúdo, o que põe por terra definições que partem do princípio de que em um *blog* os *posts* são obrigatoriamente curtos ou de teor pessoal. Apesar de ser um dos principais responsáveis pela popularização do formato ao permitir que qualquer um pudesse publicar mesmo sem ter conhecimentos de internet, o *blog/programa* veio depois da criação do *blog/texto*.

O *blog/lugar*, por sua vez, é o endereço na rede em que está localizado o *blog*. Mas mesmo ele não é indispensável para leitura do *blog/texto*. Vários *sites* e *blogs* fornecem recursos como “*feed*” que possibilitam que os *posts* sejam lidos em programas conhecidos como agregadores de notícias¹⁵. Eles buscam automaticamente as atualizações nos *blogs*, congregando-as em uma mesma página e retirando a relação do conteúdo com o espaço. Segundo Primo e Smaniotto (2006) é grande o número de internautas que estabelecem *blogs/lugares* e os abandonam, não produzindo *blogs/texto*, o que atrapalha a quantificação da *blogosfera*.

¹⁵ Os agregadores de notícias são softwares que vasculham periodicamente a lista de blogs e sites cadastrados pelo internauta atrás de conteúdos novos. As novidades são listadas pelos software, que permite a leitura no próprio agregador.

Antes de formular um esboço de conceito, no entanto, é preciso pensar mais alguns aspectos dos *blogs*: a sua formação como meio de comunicação e a importância dos *links* e da interatividade para as postagens.

Os *blogs* impactaram a forma como a comunicação é feita de tal forma que já não é possível imaginar a circulação de informação na internet sem eles. A própria forma como a informação é produzida nos meios tradicionais vem sendo modificada.

Quando uma ferramenta de comunicação pública consegue um impacto social de tal magnitude que transforma a cultura, então se converte em um meio. Da mesma forma que o livro, a televisão, o cinema, o vídeo, o disco e os jornais, o *weblog* é um meio que, valendo-se do suporte Web, desenvolve sua própria linguagem e transforma a cultura (ORIHUELA, 2006:65) [Tradução da autora]¹⁶.

Como meio, o *blog* é um veículo de expressão passível de ser usado pelos mais diversos pólos da sociedade nos mais diversos gêneros, que vão do diário pessoal do começo dos anos 90 aos *blogs* jornalísticos e literários que proliferam na *blogosfera* atual. E, como qualquer outro meio, está sempre reformulando o seu formato, linguagem e estilo.

Entre as características que permitem essa multivocalidade¹⁷, um dos destaques é a linkagem, considerada essencial por Blood (2000), que chega a dizer que um *blog* que não coloca *links* para outros *blogs* não pode ser considerado como tal. É através dos *links* sugeridos pelos leitores nos comentários e colocados nos *posts* e na estrutura fixa do *blog* que o leitor tem a oportunidade de expandir a forma como compreende o que está lendo e sair da posição passiva de mero receptor de conteúdo. Christofolletti e Laux (2008) lembram que os leitores de *blogs* não apenas comentam as notícias, mas discordam de suas angulações, apontam imprecisões ou incorreções e ainda sugerem pautas e abordagens, de forma que “o hipertexto converte-se num elemento de autoridade ao aumentar a profundidade da informação” (CHRISTOFOLETTI e LAUX, 2008:33).

Dito isso, e tendo em vista que este trabalho tem como objetivo analisar a construção da diversidade de informações das postagens do *weblog* “O Biscoito Fino e a

¹⁶ Cuando una herramienta de comunicación pública consigue un impacto social de tal magnitud que transforma la cultura, entonces se convierte en un medio. Al igual que el libro, la radio, la televisión, el cine, el vídeo, el disco o la prensa, el *weblog* es un medio que, valiéndose del soporte Web, desarrolla su propio lenguaje y transforma la cultura.

¹⁷ Multivocalidade é decorrente da abertura textual tanto devido as intertextualidades quanto das intratextualidades. Esta característica do hipertexto refere-se ao fato de um texto conter vários caminhos de leitura, várias vozes a serem ouvidas, internas e externas.

Massa”¹⁸ durante o ataque de Israel a Palestina, perpetuado no fim de dezembro de 2008, é possível chegar a uma aproximação de conceito.

No contexto deste estudo, passamos a entender um *blog* como um espaço na internet em que as relações de produção de conteúdo são democratizadas, posto que o *blogueiro* é o seu próprio editor, e em que a informação está em constante construção a partir da intervenção dos leitores/comentaristas e das novas leituras proporcionadas pelos *links* citados durante os *posts* e comentários.

É a forma como a informação se constrói, e não a ferramenta, que permite a publicação que deve ser levada em conta na hora de definir um *blog*. Sendo assim, podemos partir para a definição e explanação dos *hiperlinks*, parte integrante dos *blogs*.

1. O hipertexto

A preocupação com o armazenamento do conhecimento é constante à humanidade desde a invenção da escrita. Tanto que uma das idéias iniciais do hipertexto eletrônico era resolver o problema da organização de informação e cruzamento de banco de dados (JUNIOR, 2007). Segundo Aquino (2007), a possibilidade de armazenar informações de forma interconectada permitiu a formulação de novos dados e idéias, e, conseqüentemente, a evolução do conhecimento humano.

Araújo (2006) considera o *blog* um conceito de página de hipertexto difundida pela WWW, entendendo por hipertexto “um método eletrônico de apresentação de documentos em que textos, imagens, sons e comandos no ambiente digital estão unidos mediante uma rede remissiva de associações” (ARAÚJO, 2006:27).

É através do hipertexto, mais especificamente, dos *links*, que os *blogs* produzem relações e significados. O leitor passa a fazer parte da construção da informação ao poder verificar as fontes através de um *link*, participar da discussão sobre um assunto ou apenas observá-la nos comentários, ler outros textos sobre a mesma questão em outros *blogs* ou *sites* além de ser convidado a contribuir com as idéias tratadas, fazendo as suas próprias relações e indicações (PRIMO e RECUERO, 2003).

¹⁸ <http://www.idelberavelar.com>

Essa rede de relações que permeia a rede dos *blogs* poderia representar as associações que todos os *blogueiros* e internautas realizaram ao ler o mesmo texto, apresentando suas próprias contribuições, como notas escritas em um livro. Essas notas, representadas pelas opiniões e comentários das pessoas formam intrincadas trilhas hipertextuais dentro da própria Rede, que são constantemente modificadas e trabalhadas pelos autores que lerão o texto em seguida. Cada internauta pode, portanto, observar as associações dos outros leitores e colocar também as suas. Trata-se, deste modo, de uma construção coletiva (PRIMO e RECUERO, 2003:6).

1.1 Breve histórico

A idéia de hipertexto é anterior aos *blogs* e a própria internet. Desde a invenção da escrita há um esforço para tornar a leitura mais dinâmica e melhorar a forma de armazenamento e transmissão de informações, seja através da invenção dos primeiros títulos, intertítulos e margens até os atuais *links* que permeiam as páginas na internet (MONTERICE, 2001).

Para Lemos (*apud* MONTERICE, 2001), todo texto escrito é um hipertexto, uma vez que durante a leitura desencadeamos uma série de processos associativos, interconexões à memória em conjunto com as referências do texto, construindo novas idéias de forma não necessariamente linear. Idéia reforçada por Primo (2003:8), para quem “toda leitura é também uma invenção particular, alicerçada em uma cadeia mental também hipertextual”.

Primo e Recuero (2006) localizam as primeiras formas de hipertexto ainda nos séculos XVI e XVII, nas *marginálias*, que, segundo definição de Aquino (2007) eram

(...) índices pessoais, citações de textos, remissões a outras partes ou outros textos feitas pelos leitores dos livros da época, anotadas nos cantos das páginas destes e depois transferidas para um caderno de “lugares comuns”, para que posteriormente pudessem ser consultadas.

O termo hipertexto foi utilizado pela primeira vez nos anos 1960 por Theodore Nelson. Ele propôs o desenvolvimento de um sistema em que fosse possível que as pessoas compartilhassem idéias e em que cada leitor deixasse a sua contribuição através de comentários (LEÃO, 1999). “As idéias não precisam ser separadas nunca mais (...). Assim, eu defino o termo hipertexto simplesmente como escritas associadas não-sequenciais, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leitura em diferentes direções”

(NELSON *apud* LEÃO, 1999:21). Se os pensamentos são estruturados de maneira não-sequencial, não haveria motivos para fixá-los de maneira que parecessem lineares (RIBEIRO, 2006).

Batizado de Xanadu, o projeto perseguia o sonho da biblioteca universal, com ambições comparáveis a de Alexandre, o grande, ao propor a Biblioteca de Alexandria (AQUINO, 2007). Ele possibilitaria a troca de imagens, sons, documentos, diálogos, interações, etc., de forma que os dados não fossem apenas pilhas de informação, mas sistemas organizados passíveis de serem acessados de forma arbitrária. Os leitores poderiam tecer caminhos próprios, através de uma escrita não-linear (JUNIOR, 2007).

Antes disso, no entanto, o físico e matemático Vannevar Bush já tinha apresentado os principais conceitos de hipertexto no clássico artigo “*As we may think*” em que introduz o Memex¹⁹. Trabalhando com a idéia de que a mente humana funciona através de associações ele critica os sistemas tradicionais de indexação e propõe uma máquina que misturaria as tecnologias existentes até então, como o microfilme e a célula fotoelétrica, para armazenar dados de origens diferentes, permitindo o acesso através de elos entre os documentos (Leão, 1999). O memex funcionaria como uma extensão da memória e influenciou todas as gerações seguintes no desenvolvimento do que viria a ser a rede mundial de computadores.

Pouco depois do artigo de Bush e do Xanadu de Nelson, e inspirada neles, surge a internet. Inicialmente desenvolvida pelo governo estadunidense para fins militares, ela passou por diversas transformações, tendo como base de navegação o hipertexto (AQUINO, 2007). O sistema continuou evoluindo até que no começo dos anos 90 o pesquisador do CERN, Tim Berners-Lee, inventou a *World Wide Web*, inteiramente baseada no hipertexto. Berners-Lee deu os primeiros passos para a atual configuração da internet e ajudou na disseminação da hipertextualidade (AQUINO, 2007; JUNIOR, 2007).

¹⁹ Memory Extension

Apesar do desenvolvimento de diversas e cada vez mais complexas formas de hipertexto, foi somente com o surgimento da web 2.0²⁰ que a internet começou a se aproximar da amplitude pensada por Bush e Nelson (AQUINO, 2007).

1.2 O que é o hipertexto

As diversas possibilidades do hipertexto potencializadas pela internet fizeram com que o seu estudo, iniciado nos anos 80, não se restringisse ao âmbito tecnológico, abarcando outros campos de pesquisa como a lingüística e a comunicação. Os conceitos de hipertexto partem das convergências e divergências entre essas linhas de análise. Partindo do âmbito textual, os pesquisadores buscam descobrir como ele afeta a leitura; do tecnológico, como a tecnologia afeta a construção dos hipertextos (JUNIOR, 2007).

Para Lévy (*apud* RIBEIRO, 2006), o hipertexto é uma metáfora de um mundo sem fronteiras em que as pessoas estão ligadas de maneiras complexas, o que torna necessário pensá-lo além de blocos de informação ligados por *links*.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 1993, p. 33).

O hipertexto, mais que uma forma de organização de dados e armazenamento de informações cuja identidade é conferida através do uso dos seus elementos internos, os *links* e os blocos de informação (CAVALCANTE, 2005), seria para Levy (*apud* RIBEIRO,

²⁰ Segundo Primo e Recuero (2006), o termo faz um trocadilho com o tipo de notação em informática que indica a versão de um software, foi popularizado pela O'Reilly Media e pela MediaLive International como denominação de uma série de conferências que tiveram início em outubro de 2004.

2006:5) “uma espécie de virtualização técnica ou de exteriorização dos processos e leitura”, um modelo do funcionamento da mente em rede.

Ao partir de um suporte que não pode ser definido pelos seus aspectos materiais, as escritas hipertextuais, defende Chartier (2002), alteram a leitura, e, conseqüentemente, a produção de conteúdo. A nova forma de armazenamento de informações permite uma interatividade nova se comparada a relação com o texto escrito e a aproximação dos interlocutores (JUNIOR, 2007).

O hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se a do elo pensado como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura (CHARTIER, 2002, p. 108).

Dessa forma, podemos definir o hipertexto como uma nova forma de escrita não-linear potencializada pelos meios eletrônicos em que blocos de conteúdo – os nós – encontram-se ligados através de *links* às mais variadas fontes de informação (JUNIOR, 2007) e mídias, possibilitando ao leitor além de interagir com o conteúdo, ter acesso ao contexto (XAVIER, 2005). Ele contraria a tradicional linearidade das narrativas e congrega em um mesmo espaço todas as formas de comunicar e passar informações que o homem já produziu.

1.3. Características do hipertexto

O hipertexto é baseado em nós – blocos de conteúdo/informação – interconectados por *links* – pontos destacados que remetem para outros hipertextos. No entanto, para além disso é possível agrupar algumas características que partem do ponto de vista lingüístico que ajudam a esclarecer a idéia de escrita hipertextual. A seguinte lista parte das enumerações de Junior (2007:62).

- Não-linearidade ou eixo hipertextual: o hipertexto não exige uma ordem de leitura;
- Volatilidade: é o caráter passageiro do hipertexto, visto que ele está estabelecido na virtualidade;

- Infinitude: ele altera as formas de compreensão textuais e rompe com os limites tradicionais e hierárquicos do texto, já que possibilita um número de conexões infinito;
- Fragmentação: todo hipertexto é sempre um fragmento de outros hipertextos. O que poderia jogá-lo na superficialidade é em parte sanado a partir da existência dos links que ajudam na elaboração hipertextual;
- Ilimitabilidade: Semelhante a infinitude. O hipertexto não tem as limitações físicas do mundo real. O suporte eletrônico permite ao interlocutor o acesso a qualquer tipo de informação;
- Hiperímídia: é a potencialização da interação de diferentes linguagens em um mesmo espaço;
- Interatividade: é a possibilidade de diálogo e interação dos leitores com conteúdo, os autores e os outros leitores;
- Polifonia: são as diversas vozes e inúmeros hipertextos passíveis de organização instantânea
- Descentração: existência constante de informações, o que faz da rede uma série de universos paralelos.

Tais características são o que permite a amplitude atual do hipertexto, o que torna a WWW pensada por Bernes-Lee possível. Como lembra Chartier (2002), o hipertexto cria possibilidades de escritas impensáveis fora da internet. Ao congregiar conteúdos e ligar as informações, ele estabelece o contato entre os agentes na internet, que antes podiam ser entendidos como ilhas isoladas (JUNIOR, 2007). O hipertexto é a informação circulando.

1.4 Hiperlinks, a alma do hipertexto

Encontramo-nos, hoje, no que é definido por Primo e Recuero (2006) como a terceira geração da hipertextualidade. A Web 2.0 enfatiza a colaboração no lugar da produção de conteúdo, em um sistema em constante reconstrução. Quanto mais pessoas participando da sua construção coletiva, melhor. Os *blogs* são um dos melhores exemplos dessa nova fase (PRIMO e RECUERO, 2006).

A primeira geração estaria vinculada aos formatos impressos, enquanto que a segunda emerge com as tecnologias de informação em que o *link* é um dos elementos principais, conferindo velocidade aos formatos impressos. Nessa segunda fase o poder da escrita hipertextual continua com o programador do *site*, sendo que ao leitor cabe seguir percursos pré-determinados. Na Web 2.0, por outro lado, “a abertura dos hipertextos à participação é levada ao limite” (PRIMO e RECUERO, 2006:84). Cavalcante (2005) define a segunda geração também como o momento em que os recursos de hipermídia e a interação passam a fazer parte do hipertexto.

No entanto, essa evolução só foi possível graças a um pequeno elemento presente em todas as páginas da internet – o *hiperlink*, mais conhecido como *link*. Ele é considerado a essência do hipertexto (ESTALELLA, 2005; MIELNICZUK, 2007; LANDOW *apud* PRIMO e RECUERO, 2006; JUNIOR, 2007; PRIMO *et al*, 2004), uma vez que os *links* são a principal forma de navegação na web.

Mielniczuk (2003) defende que a novidade do hipertexto não está na escrita não-linear ou na intertextualidade e convergência de linguagens, mas nos *links* que potencializam essas características. Para a autora, o *link* é “o elemento principal na escrita hipertextual, pois é ele que estrutura, viabiliza a existência do hipertexto digital” (MIELNICZUK, 2003:117). Ele seria o elemento que possibilitaria estruturar a narrativa de forma multilinear.

Sendo o hipertexto uma rede de nós interligados por *links*, são também os *links* que ajudam a interpretar a informação e tornar o todo coerente (JUNIOR, 2007) ao fazer a mediação do conteúdo na internet. Não adianta falar e não ser ouvido; sem os *links* é quase como se os *sites* não existissem, pois quem iria acessá-los? (PRIMO *et al*, 2004) Eles evitam que o conteúdo se perca no mar de informações *online* (ESTALELLA, 2005).

Primordialmente, os *links* permitem a passagem de um hipertexto para o outro e garantem que todas as informações estejam conectadas entre si. Mas eles também são os responsáveis por conectar as figuras do mundo real – instituições, pessoas – entre si e a rede, permitindo a elas qualquer tipo de ação que desejarem (JUNIOR, 2007). Uma ferramenta sintética (CHARTIER, 2002), que permite as mais diversas possibilidades de escrita e combinações de informações no hipertexto, como mencionado anteriormente.

Mielniczuk (2007) lembra que o valor do estudo dos *links* depende da área que se debruça sobre eles. A partir da premissa de que nem todos os links atuam com a mesma finalidade, ela propõe uma tipologia, inicialmente relacionada com o hipertexto no jornalismo digital, mas que servirá como base para uma tipologia própria e identificada com os *blogs* no próximo capítulo.

1.5 Tipologia de *links* proposta por Mielniczuk

Segundo Mielniczuk (2007), os *links* podem ser divididos em três grupos: quanto à navegação; universo de abrangência do *link* e tipo de informação. Este último é subdividido de acordo com os *links* que pertencem à narrativa jornalística.

1. navegação:

- *link* conjuntivo: remete o leitor para outro nó, mudando apenas o conteúdo da janela do programa navegador;

- *link* disjuntivo: no momento em que remete o leitor para outro nó, abre-se uma janela menor ou mesmo outra janela dentro do navegador. Permite a presença simultânea de nós;

2. universo de abrangência:

- intratextuais: também conhecidos como internos. Remetem para nós dentro do *site*;

- intertextuais: também conhecidos como externos. Remetem para nós fora do *site*;

3. tipo de informação:

- *link* editorial: pertence ao conteúdo informativo do *site*. Pode ter função organizativa ou narrativa;

- *link* de serviços: remetem a serviços oferecidos pelo *site*. Podem ser tanto internos quanto externos;

- *link* publicitário: remete à publicidade, que também pode ser tanto interna quanto externa;

A partir da consciência de que o hipertexto está estruturado sobre os *links*, e que esses mesmos *links* se apresentam de formas diversas, fica clara a sua importância e a conseqüente opção pelo seu estudo dentro dos *blogs* nesse trabalho, relação que exploraremos na seqüência.

1.6 A ligação dos *blogs* com os *hiperlinks*

Como colocado no início desse capítulo, historicamente a primeira definição de *blog* é de um *site* dedicado a comentar *links* para outros *sites* da web. Posição reforçada por Blood (2000), para quem um *blog* que não linka outros sites, não pode ser considerado um. No entanto, o papel dos *links* dentro dos *blogs* vai além da caracterização. Eles são os responsáveis pela construção da informação e das relações que compõem a *blogosfera*.

Através do uso de hiperlinks, um autor estabelece desde o seu blog um diálogo deslocalizado com outros bloggers, transcende as limitações do que é um espaço pessoal e se insere em uma rede de vínculos e relações. Perante a falta de limites que acometem o espaço de comunicação e as possibilidades de interação, os hiperlinks são o meio com que os bloggers constroem uma interação deslocalizada cheia de referências e conversações com outros blogueiros e com seus leitores (ESTALELLA, 2005, p. 2) [Tradução da autora]²¹.

Cotidianamente, os autores de *blogs* praticam escritas hipertextuais (ESTALELLA, 2005). As diferentes referências e *links* utilizados nos *posts* para dar crédito às informações, a prática de comentar nos *sites* presentes em seu *blogroll*, as indicações de *links* nos comentários, etc. fazem parte da grande conversação que é a *blogosfera* (ORIJUELA, 2006). Graças aos *links*, os *posts*, base do conteúdo nos *blogs*, devem ser entendidos mais como partes de um processo de construção de informação do que um resultado final.

Nos *blogs*, a ação dos internautas não se restringe a seguir trilhas pré-estabelecidas pelos programadores dos *sites*. Os leitores e o *blogueiro* têm a oportunidade de criar novos nós e *links*, construindo a informação de forma conjunta e modificando a web no processo. “Trata-se de uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de *blogueiros* e leitores, que terminam por participar também como autores.” (PRIMO e RECUERO, 2003:4).

Estalella explica que os *links* são fundamentais para obter visibilidade em uma *blogosfera* extensa e ilimitada, além de funcionarem também como filtros de informação.

²¹ Mediante el uso de los hiperenlaces, un autor establece desde su *blog* un diálogo deslocalizado con otros *bloggers* (De Moor, 2004), trasciende las limitaciones de lo que es un espacio personal y se inserta en una red de vínculos y relaciones. Ante la falta de límites que acoten el espacio de comunicación y las posibilidades de interacción, los hiperenlaces son el medio con el que los *bloggers* construyen una interacción deslocalizada hecha de referencias y conversaciones con otros *bloggers* y con sus lectores.

Eles são a forma de garantir que o autor será lido, fundamentais para a dinâmica da *blogosfera*. “A voz individual na internet se eleva sobre os ombros de milhares de outros *blogs*” (ESTALELLA, 2005:3).

Graças aos *links* e à biblioteca de Alexandria que é a internet os *blogs* são capazes de alcançar, dessa forma, a tão sonhada convergência informativa imaginada por Bush e Nelson. Não mais necessitando de aparelhos ou programas específicos, apenas das escritas hipertextuais.

Após termos resgatado tanto o conceito e o histórico dos *blogs* quanto o conceito e o histórico do hipertexto, podemos partir para o segundo capítulo. Nele apresentaremos o objeto desta pesquisa – o *blog* “O Biscoito Fino e a Massa” –, a metodologia empregada e buscaremos contextualizar, ainda que brevemente, o conflito entre palestinos e israelenses para então partir para a análise empírica.

Capítulo 2 – “O Biscoito Fino e a Massa” e a questão palestina

No capítulo anterior buscamos nos aproximar de um conceito de *blog* e hipertexto, e demonstrar a importância dos *blogs* como meio de comunicação. Como foi colocado, o *blog* democratiza as relações de comunicação ao permitir que qualquer um com uma conexão a internet publique conteúdo (ORIJUELA, 2006). No entanto, é a forma como as pessoas se apropriam desse meio que o torna tão importante.

Na primeira parte deste capítulo iremos apresentar o *blog* “O Biscoito Fino e a Massa”, objeto desta pesquisa, e a sua relação com a questão palestina. Como a análise empírica parte de um acontecimento específico, no caso o ataque de Israel à Faixa de Gaza em dezembro de 2008, na segunda parte buscamos contextualizar de forma breve o conflito entre israelenses e palestinos para então situar o ataque de que tratam os *posts* do *blog*.

Segundo Ramonet (2005), vivemos em uma época de insegurança informativa em que boa parte da população parte do princípio de que não pode confiar no que está lendo/ouvindo.

Cada vez mais cidadãos tomam consciência de esses novos perigos e se mostram muito sensíveis a respeito das manipulações midiáticas, convencidos de que em nossas sociedades hipermediatizadas, vivemos paradoxalmente em estado de insegurança informativa. A informação prolifera, mas sem nenhuma garantia de fiabilidade. Assistimos o triunfo do jornalismo de especulação e de espetáculo, em detrimento do jornalismo de informação. A entrada em cena (a embalagem) predomina sobre a verificação dos fatos. (RAMONET, 2005, online) [Tradução da autora]²².

Para o autor, o aumento do número de *blogs* e de pessoas em busca de informações através desse meio é sintomática do processo de perda de credibilidade dos meios de comunicação tradicionais. “(...) muitos leitores preferem a subjetividade e a parcialidade assumida dos *bloggers* a falsa objetividade e a imparcialidade hipócrita da grande mídia” (RAMONET, 2005, online). [Tradução da autora]²³. Outros autores, como Grumet (2003), vão mais longe e afirmam que ao trazer democracia aos oligopólios de informação, os *blogs* devem trazer aos cidadãos maior influência sobre o processo político.

²³(...) muchos lectores prefieren la subjetividad y la parcialidad asumidas de los *bloggers* a la falsa objetividad y a la imparcialidad hipócrita de la gran prensa.

O jornalismo trabalha com recortes da realidade, submetidos ao *dead line*²⁴ e ao espaço de publicação. Nos *blogs*, como o próprio autor é o editor e responsável pelo site, esses fatores são ampliados e interferem menos no trabalho final. Para Rodrigues (2006), a publicação em jornais nem sempre é fácil e com os *blogs* surgem novas oportunidades.

(...) ao escrever num blog, o autor tem total liberdade, é editor de si próprio, não está obrigado a seguir critérios editoriais que lhe sejam impostos externamente e não precisa de obedecer a limites temporais, apesar de ser certo que os leitores ‘pedem’ uma atualização constante, caso contrário, sentem-se defraudados (RODRIGUES, 2006, p. 50).

Durante o ataque israelense perpetuado contra o território palestino da Faixa de Gaza entre o final de dezembro de 2008 e o começo de janeiro de 2009, os *blogs* tiveram um papel marcante de alternativa informacional ao abrir espaço para manifestações e fontes que não receberam tanta atenção da mídia tradicional – entre elas, *blogs* de palestinos e israelenses que presenciaram a ofensiva. A diversidade das informações oferecidas por esses *sites* extrapolava os noticiários tradicionais, que além do pouco acesso à área do ataque - fechada por Israel tanto para jornalistas quanto para ações humanitárias -, traziam mais material sobre as questões bélicas do que sobre a situação da população que presenciava o conflito.

Em português, um dos destaques foi o *blog* “O Biscoito Fino e a Massa”, mantido pelo professor universitário Idelbrar Avelar. Ele transformou o *site* em uma “central de tradução e disseminação de textos, vídeos e informações sobre a matança”²⁵, e se dedicou a realizar uma cobertura extensiva da ofensiva.

Neste trabalho, pretendemos estudar a diversidade de informações que o *blog* forneceu sobre o ataque através da análise dos *links* presentes nos *posts*. No entanto, antes de iniciar a análise empírica é importante apresentar o *blog* “O Biscoito Fino e a Massa” e tentar recuperar, ainda que brevemente, as formas como a relação entre palestinos e israelense se deu até dezembro de 2008.

²⁴ Prazo de fechamento das publicações jornalísticas. É o momento em que todas as matérias/conteúdos precisam estar prontas para serem impressas/ir ao ar.

²⁵ Declaração do blogueiro em um dos primeiros *posts* a realizar a cobertura do ataque. Disponível em: http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/a_paz_nao_passa_pelo_massacre_por_milton_hatoum.php

2.1 O *blog* “O Biscoito Fino e a Massa” e o seu autor

O *blog* “O Biscoito Fino e a Massa”²⁶ (que referenciaremos doravante apenas como Biscoito Fino), foi criado em outubro de 2004 pelo professor universitário Idelber Avelar²⁷. Após quase cinco anos de postagens, o “Biscoito Fino” deixou de ser atualizado em 10 de agosto de 2009.

Descrito no *template*²⁸ como “um *blog* sobre política, literatura, música e ~~futebol~~ basquetebol”, o *site* surgiu da frustração de Avelar com a cobertura das eleições norte-americanas no Brasil. O nome do *blog* se refere a frase de Oswald de Andrade, “a massa ainda comerá do biscoito fino que fabrico”²⁹ e remete à idéia de que é possível superar a oposição entre bons textos para poucas pessoas e textos ruins para muitos: “há espaço para escrever-se inteligentemente para grandes públicos”, defende o *blogueiro*³⁰.

Atualizado diariamente, com *posts* longos, que contrariavam a idéia de que na *blogosfera* só há público para textos curtos, o “Biscoito Fino” abordava os assuntos mais variados. De esportes ao conflito entre israelenses e palestinos – tema que será desenvolvido adiante –, passando pela política, música e literatura, os erros da mídia e também seus acertos de forma aprofundada. Avelar explica que se limita a assuntos sobre os quais tem a mínima pesquisa ou referências:

²⁶ <http://www.idelberavelar.com/>

²⁷ Mineiro, Avelar²⁷ mora há quase vinte anos nos Estados Unidos, onde é professor titular de literaturas latino-americanas e teoria literária na Tulane University. É licenciado em Letras pela UFMG, mestre em literatura brasileira pela Universidade da Carolina do Norte e Ph.D. em literatura latino-americana pela Duke University. Avelar também autor dos livros *The Letter of Violence: Essays on Narrative, Ethics, and Politics* (New York: Palgrave, 2004) e *Alegorias da Derrota: A Ficção Pós-Ditatorial e o Trabalho do Luto na América Latina* (UFMG, 2003). Ganhou o *Prêmio Katherine Singer Kovacs da Modern Language Association* como autor do melhor livro escrito sobre literaturas e culturas latinas nos EUA durante o ano de 1999. É autor de cerca de 50 ensaios publicados em revistas especializadas da Europa e das Américas. Já foi premiado pelas fundações *Rockefeller*, *Ford*, *Hewlett* e pelo *CNPq*. Foi professor visitante ou palestrante na Argentina, Chile, Inglaterra, Canadá, Equador, México, Brasil e em aproximadamente 30 universidades norte-americanas.

²⁸ *Layouts* de *websites* pré-fabricados, disponibilizados pelo sistema e selecionados pelo usuário.

²⁹ Informações retiradas da entrevista que Idelber Avelar concedeu ao colunista do jornal O Globo Luiz Antônio Gravata, em 16/5/2005. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/online/blogs/gravata/default.asp?periodo=&palavra=avelar>. Acesso em 23/9/2009

³⁰ Informações retiradas da entrevista que Idelber Avelar concedeu ao colunista do jornal O Globo Luiz Antônio Gravata, em 16/5/2005. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/online/blogs/gravata/default.asp?periodo=&palavra=avelar>. Acesso em 23/9/2009

Literaturas modernas e música popular brasileira são minhas praias na academia e sobre elas tenho bons arquivos. Sobre futebol escrevo como torcedor, embora acompanhe a bibliografia especializada. Sobre política falo só como cidadão do Brasil e dos EUA: não como especialista, mas como alguém que lê jornais, se informa e tem uma história de participação política³¹.

O *blog* criou uma grande rede de leitores/comentaristas, tornando-se referência na *blogosfera* brasileira. Algumas entradas da caixa de comentários do “Biscoito Fino” chegavam a ter mais de 200 mensagens e eram parte integrante do conteúdo produzido. Diversas vezes o *blogueiro* voltava ao *post* original para acrescentar ou rebater colocações dos seus leitores.

A estética do *site* é simples. Nele estão presentes todas as principais características dos *blogs*, apontadas no capítulo anterior. O título “O Biscoito Fino e a Massa”, parte de um *template* personalizado, encabeça os *posts* seguido por uma série de *links* alinhados a esquerda da tela, de acordo com a arquitetura de informação recorrente nos *blogs*. Além do *blogroll*, há um histórico temporal das entradas do *blog*, uma lista de outros *sites* de que Idelbrar faz parte, dos assuntos tratados no *blog* separados por *tags*³², um buscador do *site* Google³³ e alguns selos das séries de postagens especiais presentes no *site*.

A organização temporal também é seguida. Os *posts* são organizados em ordem cronológica reversa e contêm data e hora de publicação. Eles também são acompanhados de comentários, que possibilitam a interatividade do leitor, e estão repletos de *links*, expandido as possibilidades de interpretação dos conteúdos e agregação de informação através da hipertextualidade permitida pela internet.

³¹ Informações retiradas da entrevista que Idelber Avelar concedeu ao colunista do jornal O Globo Luiz Antônio Gravata, em 16/5/2005. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/online/blogs/gravata/default.asp?periodo=&palavra=avelar>. Acesso em 23/9/2009

³² Uma *tag* é uma palavra ou termo associado com uma informação (ex: uma imagem, um artigo, um vídeo) que permite uma classificação da informação. Essa classificação costuma ser informal, partindo da escolha do autor, e é bastante associada a Web 2.0.

³³ www.google.com

Figura 1: Blog “Biscoito Fino”



2.2 A relação do *blog* com a Palestina

Desde o ano de 2005, a Palestina tem sido tema constante no *blog* “Biscoito Fino” que, em janeiro de 2009, agrupou todas as postagens envolvendo o assunto sobre a *tag* “Palestina Ocupada”. Em entrevista³⁴ aos também *blogueiros* Jorge Conterrâneo, André Deak e Rodrigo Savazoni publicada no “Biscoito Fino” em fevereiro de 2009, Avelar explica que seu envolvimento com a questão palestina ganhou força em 1982, quando Israel invadiu o Líbano:

A brutalidade dos massacres sofridos por palestinos desarmados em campos de refugiados como os de Sabra e Chatila³⁵ foram o despertar inicial, simultâneo à

³⁴ <http://www.idelberavelar.com/archives/2009/02/entrevista.php>

³⁵ O massacre de Sabra e Chatila ocorreu durante a invasão do Líbano, entre 16 e 18 de setembro de 1982. Milícias cristãs falangistas entraram em dois campos de refugiados palestinos - Sabra e Chatila - que estavam sob o controle das tropas israelenses e mataram milhares de pessoas, na sua maioria mulheres e crianças, em retaliação ao assassinato do recém-eleito presidente [Bachir Gemayel](#). Estima-se que morreram entre 800 e

percepção de que a imprensa e os governos ocidentais sempre tratavam a questão com luvas de pelica. Depois, li a obra de Edward Said. O contato com a cultura árabe – através de escritores como Ahdaf Soueif – veio depois. Depois ainda, veio a leitura da grande historiografia ocidental sobre a região, de Illan Pappé a Robert Fisk. O meu interesse é aguçado pela trajetória profissional: a formação do hispanista pressupõe algum estudo de Al-Andalus, período de controle árabe sobre a atual Andaluzia, onde árabes, judeus e cristãos viveram em relativa paz: um contra-exemplo cabal para os que falam de raízes "milenares" da situação de hoje.

Declaradamente pró-palestina, Avelar sempre que possível abriu espaço para informações sobre a situação da população palestina que vive nos territórios ocupados e dentro de Israel. O principal argumento é o “desconhecimento que o mundo tem da realidade brutal da ocupação militar que se arrasta desde 1967 sobre as terras nas quais, segundo a lei internacional, deveria se constituir o Estado Palestino”.³⁶

2.3 Política editorial do *blog*

No dia 5 de janeiro de 2009, partindo de um *post* com o título “Nota sobre a política editorial do *blog*”³⁷, Avelar declarou situação de exceção no “Biscoito Fino” e deixou clara a sua disposição de transformar o espaço em uma central de informações sobre o conflito:

Enquanto a situação em Gaza for de massacre do exército invasor israelense sobre a população civil, este blog deverá funcionar como central de tradução e disseminação de textos, vídeos e informações sobre a matança, com um ritmo bem mais acelerado de postagem e caixas de comentários fechadas. Esta última escolha tem sido, com exceções ocasionais, a mais comum neste blog para o tema da Palestina Ocupada. Ela não está em discussão.³⁸

As caixas de comentários foram fechadas e o ritmo de publicação aumentou vertiginosamente. Os *posts* passaram a focar no ataque, e em sua maioria *linkavam* outros *sites* e *blogs* que tratavam do assunto, reafirmando a decisão de transformar o espaço em um centro de difusão de informações sobre o ataque.

3.500 civis. Em 16 de dezembro de 1982, a Assembléia Geral da ONU condenou o massacre e declarou ser um ato de genocídio.

³⁶Afirmção presente em artigo escrito pelo autor para a revista Fórum de fevereiro, também publicado no blog. Disponível em: http://www.idelberavelar.com/archives/2009/02/a_questao_humanitaria_definitiva_do_nosso_tempo.php.

³⁷ <http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/>

³⁸ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/nota_sobre_a_politica_editorial_do_blog.php

A cobertura da mídia tradicional também era questionada com frequência. Vários *posts* apresentavam colocações como “o verdadeiro jornalismo”, “jornalismo mais verdadeiro que aquele de que tem sido capaz a grande mídia”, “notícias que você não encontrará no nosso pobre jornalismo, enlameado entre o silêncio cúmplice e a distribuição de boletins de imprensa do exército de ocupação”³⁹, afirmando que a cobertura realizada pelos veículos tradicionais era insuficiente. O *blogueiro* utilizou, inclusive, a expressão “insurreição da informacional”⁴⁰ para descrever a atuação dos *blogs* em relação ao conflito.⁴¹

Questionado por Conterrâneo, Deak e Savazoni⁴² sobre quantas crianças palestinas teriam de morrer para que a imprensa internacional começasse a noticiar os fatos em sua real dimensão, Avelar foi categórico: “Quando se alterarem as relações de força entre os vários grupos sociais que exercem pressão sobre essa imprensa. Quantas crianças palestinas morrerão até lá, não sei. Muitas, provavelmente”.

2.4 O conflito entre palestinos e israelenses

A disputa entre israelenses e palestinos, que levou ao ataque de Israel a Faixa de Gaza entre 27 de dezembro e 18 de janeiro, é definida por Avelar (2009) como a “questão humanitária do nosso tempo”, e considerada por estudiosos (FINKELSTEIN, 2005; GOMES, 2001) um dos maiores problemas da atualidade.

Admitindo que não é possível resumir o conflito em apenas algumas páginas, pretendemos ao menos contextualizar a situação a fim de entender melhor o impacto da invasão e posterior bloqueio à Gaza. Antes de entrar na questão da Faixa de Gaza propriamente dita, no entanto, é necessário retomar um pouco do histórico da formação de Israel e das guerras que se seguiram. É importante lembrar que sempre que se fala em “israelenses” e “Israel” estamos nos referindo ao governo de Israel, uma vez que não é toda a população do país que concorda com as suas ações.

³⁹ <http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/>

⁴⁰ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/o_verdadeiro_jornalismo.php

⁴¹ Frases encontradas em diversos posts do mês de janeiro.

⁴² Entrevista publicada no “Biscoito Fino”. Disponível em:

<http://www.idelberavelar.com/archives/2009/02/entrevista.php>. Acesso em 22/9/2009

2.4.1 Breve histórico

O conflito entre palestinos e israelenses começou oficialmente em 1948, com o fim do mandato britânico sobre o território da Palestina e a fundação de Israel, embasada na Resolução 181 da ONU. Os sionistas⁴³ defendiam que a única forma de garantir a segurança do povo judeu era através de um Estado-nação.

Desde 1882, com a fundação da primeira colônia judaica perto de Jaffa, na Palestina, grupos de judeus passaram a se estabelecer na região. A princípio, fugindo do anti-semitismo russo, depois incentivados pelos Amigos de Sion que buscavam junto às potências ocidentais apoio para a criação de um Estado judeu.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vinda a público do Holocausto⁴⁴, essa posição ganhou força e o que era apenas uma menção de apoio explicitada na Declaração de Balfour⁴⁵ culminou na Resolução 181, assinada em 1947.

⁴³ O movimento sionista começou oficialmente em 1897, no Congresso de Bale, a partir do grupo Amigos de Sion. O congresso, promovido pelo escritor húngaro Teodoro Herzl, autor do livro O estado judeu, lançado em 1896, lançou as bases para a união de forças em prol da criação de um estado-nação judeu. No congresso se definiu como objetivo “garantir ao povo judeu um lar na Palestina amparado pelo Direito Público”. (GOMES, 2001)

⁴⁴ A palavra holocausto remonta a sacrifícios religiosos realizados na Antiguidade. A partir do século XIX o termo passou a ser usado para designar grandes catástrofes, sendo que após a Segunda Guerra Mundial o termo passou a ser utilizado especificamente para se referir ao extermínio de milhões de pessoas que faziam parte de grupos politicamente indesejados pelo então regime nazista, comandado por Adolf Hitler. Entre os mortos havia judeus, militantes comunistas, homossexuais, ciganos, eslavos, deficientes motores, deficientes mentais, prisioneiros de guerra soviéticos, membros da intelectualidade polonesa, russa e de outros países do Leste Europeu, ativistas políticos, alguns sacerdotes católicos, alguns membros mórmons e sindicalistas, pacientes psiquiátricos e criminosos de delito comum. Após os julgamentos dos crimes da guerra, o termo passou a ser associado à morte dos cerca de seis milhões de judeus presentes nos campos de concentração nazistas. Não há números corretos para as mortes dos outros grupos, mas estima-se que no total foram exterminadas cerca de 20 milhões de pessoas.

⁴⁵ Em 1917 Chaim Weizmann, chefe do sionismo, obtém uma declaração do ministro britânico lorde Balfour que promete ao povo judeu o apoio do Reino Unido quanto ao “estabelecimento, na Palestina, de um lar nacional”[tradução da autora]. Íntegra da Declaração de Balfour: Foreign Office, November 2nd, 1917. Dear Lord Rothschild, I have much pleasure in conveying to you, on behalf of His Majesty's Government, the following declaration of sympathy with Jewish Zionist aspirations which has been submitted to, and approved by, the Cabinet: His Majesty's Government view with favour the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people, and will use their best endeavours to facilitate the achievement of this object, it being clearly understood that nothing shall be done which may prejudice the civil and religious rights of existing non-Jewish communities in Palestine, or the rights and political status enjoyed by Jews in any other country. I should be grateful if you would bring this declaration to the knowledge of the Zionist Federation.

Yours sincerely Arthur James Balfour. Disponível em:
<http://www.mfa.gov.il/MFA/Peace+Process/Guide+to+the+Peace+Process/The+Balfour+Declaration.htm>.
Acesso em 10/10/2009

Os sionistas e o Ocidente pretendiam resolver na Palestina um problema cuja origem não estava no mundo árabe. Na realidade, não fizeram mais que criar um novo problema, uma grande injustiça: a questão palestina. Na sua própria terra, os palestinos transformaram-se nos “novos judeus” da nossa era. (SALEM, 1977:132 apud SILVA, 2003:1).

À época, o território da Palestina era controlado pela Grã-Bretanha e contava com cerca de um milhão de árabes palestinos. Como destaca Soares (1989), o chamado plano de partilha dividia a região em sete partes, garantindo que 56% do território passaria a constituir o Estado judeu. Os outros 43% serviriam a um futuro Estado palestino e Jerusalém ficaria sob jurisdição internacional.

As populações árabes que viviam no local e os países vizinhos não aceitaram a formação do novo Estado, dando início à Guerra de 1948, da qual participaram Egito, Jordânia, Iraque, Síria, Líbano, os palestinos e Israel. Sem organização nem armamentos suficientes, as forças árabes foram derrotadas pelo exército israelense que contava com o apoio dos Estados Unidos e já esperava o conflito.

Segundo Gomes (2001), Israel adotou duas estratégias durante o ataque: buscar redesenhar as fronteiras designadas pela ONU para o Estado judeu, ocupando o máximo de territórios possíveis e promover uma limpeza étnica. Aldeias foram dizimadas enquanto comunicados no rádio davam a entender que toda a população palestina corria esse risco o que causou a fuga em massa dos palestinos que habitavam a região.

(...) após o armistício, os palestinos que haviam saído de suas casas, escondendo-se em outros lugares dentro do próprio país, tentaram retornar, mas suas propriedades, incluindo residências, plantações e indústrias foram confiscadas por Israel, que nunca as devolveu ou pagou indenização. Até 1949, o conflito produziu 726 mil refugiados palestinos, um dos temas centrais e de mais difícil solução no atual processo de paz. (GOMES, 2001, p. 100).

O número de refugiados varia. Alguns relatórios apontam que nessa época foram desalojadas até 300 mil pessoas, o que levou à criação da organização da Agência da ONU para refugiados, a Acnur (SOARES, 1989). Para Finkelstein (2005), a oposição árabe aos sionistas era uma questão de defesa de território, não de anti-semitismo: “O que desencadeou a oposição dos palestinos ao sionismo não foi o anti-semitismo, no sentido do ódio irrestrito ou abstrato aos judeus, mas a perspectiva – muito correta – de sua própria expulsão” (FINKELSTEIN, 2005:15). Ele afirma que ocupar todo o território fazia parte

das ambições sionistas, que tinham em mente a transferência da população palestina da região desde o princípio.

Em outubro 1956, a França, a Inglaterra e Israel atacaram simultaneamente o Egito, começando o segundo conflito árabe-israelense. O ataque foi uma represália à indicação de nacionalização do Canal de Suez, proposta pelo governo egípcio, e a sua suposta disposição de atacar Israel. O conflito terminou em novembro, quando a Assembléia da ONU determinou o cessar-fogo e a retirada de todas as tropas israelenses e anglo-francesas do território egípcio – Israel havia ocupado toda a região das colinas de Golin (SOARES, 1989).

O recuo das tropas israelense e anglo-francesas abriu espaço a um esforço de união árabe, encabeçado pelo governo egípcio. Em junho de 1964 e julho de 1965 foram promovidas no Cairo duas conferências árabes de cúpula, “buscando resgatar a unidade do mundo árabe e a defesa da causa palestina” (SOARES, 1989:55). Foi também nessa época que nasceu o embrião da Organização para a Libertação da Palestina – OLP⁴⁶, sob a liderança de Yasser Arafat.

Desde os ataques de 1956, os conflitos entre Israel e o estados árabes aumentaram eclodindo no dia 5 de junho de 1967 na Guerra dos Seis Dias. Em menos de uma semana Israel, que contava com o apoio estadunidense e inglês, enquanto que os árabes recebiam armamentos da União Soviética, ocupou as colinas de Golan, pertencentes à Síria, à Cisjordânia e à Jerusalém oriental, parte do território da Jordânia, e a Faixa de Gaza e a península do Sinai, do Egito. A ofensiva ampliou o território israelense, que passou de 21 mil para 68 mil km². Cerca de um milhão de palestinos das áreas recém ocupadas foram submetidos ao controle militar do governo de Israel (SOARES, 1989).

Sob o efeito da guerra, a ONU criou a Resolução 242, a solução de dois Estados, que estabeleceu um consenso internacional para a criação de um estado palestino e determinou a volta de Israel às fronteiras anteriores, resolução que Israel interpretou a sua maneira mantendo-se nos territórios ocupados (FINKELSTEIN, 2005).

⁴⁶ A organização passou a ser considerada a plataforma representativa do povo palestino, estando nela integrados todos os grupos, partidos, organizações e associações palestinas. Funcionando como infra-estrutura do Estado palestino, abarcou o Conselho Nacional Palestino, o Fundo Nacional Palestino, o Exército de Libertação da Palestina e mais três departamentos: o de Saúde, Educação e Informação, o da Terra Ocupada e o Político (SOARES, 1986:56).

Israel alegava um problema de semântica para o não cumprimento da resolução, posto que entendia não estar claro se a mesa estabelecia sua retirada *dos* territórios ocupados ou *de* território ocupados. No primeiro caso poderia significar todas as áreas conquistadas desde a guerra da independência, em 1948. No segundo poderiam estar em questão apenas algumas áreas conquistadas na guerra de 1967. (SOARES, 1989, p. 63).

Junto com o retorno dos refugiados palestinos, as fronteiras entre Israel e o futuro Estado palestino permanecem um dos maiores enclaves aos acordos de paz (GOMES, 2001). Após a ocupação de 1967, Israel deu início a uma política de colonização dos territórios ocupados a fim de alcançar a hegemonia da população judia na região, que permanece até hoje (FINKELSTEIN, 2005).

Desde então, seguiu-se uma série de conflitos. Os mais marcantes foram a Guerra do *Yon Kippur*, no dia 6 de outubro de 1973, quando forças árabes invadiram Israel durante as comemorações do Dia do Perdão judeu, infligindo a primeira derrota ao país e levando os preços do petróleo às alturas (SOARES, 1989); e a invasão do Líbano em 1982, quando Israel atacou o país para dismantelar as forças da OLP (FINKELSTEIN, 2005). Entre 1977 e 1979, Israel e o Egito assinaram um acordo de Paz, que resultou na devolução do Sinai e no fim dos conflitos na fronteira entre os dois países.

Em 1987 aconteceu o primeiro levante palestino contra a ocupação na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, batizado de *Intifada*⁴⁷ (FINKELSTEIN, 2005). Armados de paus e pedras, os palestinos residentes nos territórios ocupados enfrentaram o exército israelense. O levante foi brutalmente reprimido, causando comoção internacional. Em um ano e meio de resistência, cerca de 600 palestinos perderam a vida (GOMES, 2001; SOARES, 1989).

Segundo Soares (1989), a *Intifada* conseguiu ampliar a discussão sobre a questão do Oriente Médio.

Os palestinos apreenderam que suas armas mais poderosas não são os atos de terror e ações militarmente impotentes mas, sim, as ações e os movimentos politicamente substantivos. (...) Civis enfrentando soldados são cenas muito mais eloqüentes do que terroristas dando tiros em civis. (SOARES, 1989, p. 77).

Em 1988 o Conselho Palestino renunciou a *Intifada* e aceitou o Plano de Partilha proposto ainda em 1948. A decisão da OLP de aceitar a existência de Israel abriu espaço para o início das negociações de paz entre palestinos e israelenses, até então inexistentes.

⁴⁷ *Intifada* é uma palavra árabe que pode ser traduzida como revolta ou o “despertar da nação” (SOARES, 1989).

2.4.2 A busca de um acordo

A transição para um auto-governo palestino na Faixa de Gaza e na Cisjordânia iniciou após os Acordos de Oslo, em 1993, a partir de uma declaração de princípios assinada conjuntamente por Israel e pela OLP. Através de uma série de acordos firmados entre maio 1994 e setembro de 1999, Israel transferiu para a ANP a responsabilidade pela segurança dos civis das áreas palestinas.

Finkelstein (2005) defende que os Acordos de Oslo já nasceram sem legitimidade ao passar por cima do consenso internacional que previa a volta de Israel as fronteiras estabelecidas pela Resolução 181. Ele compara a situação palestina ao *apartheid* sul-africano⁴⁸. Com o Acordo e a capitulação da OLP, os palestinos ficaram divididos em bantustões⁴⁹, limitados aos territórios da Faixa de Gaza e da Cisjordânia e privados do seu direito de autodeterminação uma vez que, entre outros fatores, ainda é Israel que controla os recursos hídricos e as fronteiras do país.

Israel criou nos territórios ocupados um regime de separação baseado na discriminação, aplicando dois sistemas jurídicos diferentes na mesma área e baseando os direitos dos indivíduos em sua nacionalidade. (...) Este regime é único no mundo, assemelhando-se a regimes odiosos do passado, como o regime do *apartheid* na África do Sul. (Relatório da ONG israelense B'Tselem *apud* FINKELSTEIN, 2005, p. 25).

Depois de sete anos de suspensão e retomada de acordos, em julho do ano 2000, palestinos e israelenses voltaram a se reunir durante a Cúpula de Camp David, mediada pelo presidente estadunidense Bill Clinton. Conforme Enderlin (2003), durante a cúpula o primeiro ministro israelense Ehud Barak ofereceu um plano para o estabelecimento de um Estado palestino na Faixa de Gaza e 91% da Cisjordânia, retendo, porém, o controle sobre todas as fronteiras e principais cursos de água, e anexando definitivamente 12% do Vale do

⁴⁸ Regime adotado legalmente na África do Sul entre 1949 e 1990. Os negros tinham a convivência com os brancos, detentores do poder, controlada e ficavam restringidos a áreas específicas do país batizadas de bantustões.

⁴⁹ Bantustões foram pseudo-estados criados pelo regime do apartheid na África do Sul para separar a população negra da população branca de acordo com as tribos a que cada grupo pertencia. Neles a liberdade era relativa, controlada pelo estado branco. O termo bantustão foi cunhado pelos inimigos do regime. Bantu é o nome de um grande grupo de povos africanos e -stão é uma terminação de origem persa que designa o território de determinado povo, como Afeganistão.

Jordão, a região mais fértil da Cisjordânia, a favor de Israel, reservando-se ainda o direito de permanecer entre 12 a 30 anos em outros 10% dessa região. Yasser Arafat rejeitou o acordo, exigindo como pré-condição para as negociações a retirada de Israel para as fronteiras de antes de junho de 1967.

Após o colapso das negociações, em setembro de 2000 teve início a Segunda *Intifada*. As forças israelenses reocuparam a maioria das áreas sob controle palestino, paralisando as negociações sobre o status permanente da Faixa de Gaza e da Cisjordânia.

Em 2001, Ariel Sharon foi eleito primeiro-ministro de Israel, ocupou uma série de territórios palestinos e deu início à construção de um muro entre o território israelense e os territórios palestinos. O argumento para a construção do chamado “Muro da Vergonha”⁵⁰ era que esta seria a única forma de dificultar os ataques à bomba e atentados terroristas perpetuados por palestinos e garantir a segurança da população israelense.

À medida que as colônias judaicas se expandem, Israel começou a encurralar os palestinos da Cisjordânia em oito fragmentos de território, todos cercados com arame farpado e com a exigência de autorização para a circulação ou comércio entre eles (os caminhões são obrigados a carregar e descarregar nos limites territoriais), o que tem contribuído para devastar ainda mais a economia na qual cerca de um terço da população está desempregada, metade da população vive abaixo da linha da pobreza de US\$2 por dia e um quinto das crianças até 5 anos de idade sofre de desnutrição, em grande medida causada – segundo as agências de assistência dos EUA, da ONU e da União Européia – pelas restrições impostas por Israel ao transporte de alimentos. (FINKELSTEIN, 2005, p. 25).

A situação levou os Estados Unidos, a União Européia, a ONU e a Rússia a apresentarem, no começo de 2003, um plano de paz para acabar com os conflitos no Oriente Médio. Ele era baseado em ações recíprocas a serem realizadas pelos palestinos e israelenses, mas não fixava uma data para um acordo final entre os dois lados. A data

⁵⁰ Também chamado de “Muro da Cisjordânia”, a barreira foi condenada pela ONU e pela Corte Internacional de Justiça. Com 350 km de extensão, contra os 155 km do Muro de Berlim, a divisória chega a ter oito metros de altura em alguns pontos e divide o território palestino do israelense. O muro consiste numa rede de vedações com trincheiras rodeadas por uma área de exclusão média de 60 metros e por paredes de concreto de até 8 metros de altura (10%). Sua maior extensão está na Cisjordânia, acompanhando, em parte, as fronteiras definidas no Armistício árabo-israelense de 1949 ou Linha verde, que separava Israel e a Jordânia. Quando estiver terminado, aproximadamente 10% do território da Cisjordânia, incluída Jerusalém Ocidental, estará isolado pela barreira e conectado a Israel.

continuou sendo adiada por causa dos inúmeros conflitos na região e a alegação de que ambos os lados não cumpriam a sua parte do acordo.

Para Said (*apud* CLEMESHA, 2007:07) o plano não abordava as reivindicações reais do povo palestino, além de ser omissa ao não tratar de forma clara das fronteiras de um futuro Estado palestino.

A única fonte de otimismo, a meu ver, continua sendo a coragem dos palestinos para resistir. Foi por causa da *Intifada* e porque os palestinos se recusaram a capitular diante dos israelenses que chegamos à mesa de negociação — e não apesar de tudo isso, como alguns insistem em dizer. O povo palestino vai continuar se opondo aos assentamentos ilegais, ao exército de ocupação, aos esforços políticos para pôr um ponto final em sua aspiração legítima de ter um Estado. A sociedade palestina vai subsistir, apesar de todos os esforços que têm sido feitos para sufocá-la. (SAID *apud* CLEMESHA, 2007, p. 7).

O intelectual também lembra que a nação palestina foi destruída com estabelecimento de Israel, deixando 70% da sua população desabrigada e que as ações da ONU, ao invés repatriarem essas pessoas ou resolverem a situação, apenas reafirmam a sua ilegalidade (SAID *apud* CLEMESHA, 2007). Para o escritor israelense Amóz Oz, a única solução possível é a de dois Estados que resolvam a questão dos refugiados, mas que reconheçam que a Palestina é a pátria dos palestinos e que Israel é a pátria dos judeus. Para ele não é uma questão de ser pró-Israel ou pró-palestina, mas a favor da paz.

(...) o conflito árabe –israelense é essencialmente um conflito entre duas vítimas. Duas vítimas do mesmo opressor. A Europa, que colonizou o mundo árabe, o explorou, o humilhou, esmagou sua cultura, o controlou e o usou como quintal imperialista, é a mesma Europa que discriminou os judeus, os enxotou e, finalmente, os assassinou em massa num crime de genocídio sem precedentes. (OZ, 2004, p. 54).

Tendo situado, ainda que brevemente, as relações entre palestinos e israelenses, podemos partir para o ataque a Faixa de Gaza, que teve a sua autodeterminação declarada em 2005, como explicamos a seguir.

2.5 O ataque à Faixa de Gaza

Em 2004 o líder palestino Yasser Arafat morreu e a presidência da Autoridade Palestina passou para Mahmud Abbas. As pressões do plano de paz levam Israel a retirar

todos os soldados e colonos da Faixa de Gaza, desmantelando suas instalações militares na região. No entanto, mesmo com a retirada de cerca de oito mil colonos judeus da região, o governo israelense manteve o controle do espaço aéreo, do mar territorial e de todas as passagens de fronteira de Gaza, dificultando enormemente o comércio além das fronteiras, bem como o acesso dos palestinos aos seus locais de trabalho⁵¹.

Em janeiro de 2006, o Hamas⁵² venceu as eleições legislativas palestinas, conseguindo 76 das 132 cadeiras do Conselho Legislativo Palestino, o parlamento. A comunidade internacional, liderada pelos Estados Unidos, se recusou a reconhecer o governo do Hamas, acusado de ser uma organização terrorista.

O Hamas assumiu o governo da Faixa de Gaza em março de 2006, em substituição a ANP e enfrentou resistência do Fatah⁵³, grupo partidário de Abbas. O presidente da ANP buscou, sem sucesso, uma conciliação com o governo do Hamas, a fim de apresentar uma plataforma política que fosse aceita pela comunidade internacional.

Os conflitos entre o Hamas e o Fatah culminaram na expulsão do Fatah da Faixa de Gaza, em junho de 2007. Desde então, o governo de Israel impôs um bloqueio ao território, a fim de sufocar o partido. A fronteira com Israel foi fechada e o território palestino isolado, inclusive da Cisjordânia. A ação foi conjugada a um boicote econômico, apoiado pelos Estados Unidos e pela União Européia, sob o argumento de que o Hamas não reconhece Israel tampouco os acordos firmados anteriormente⁵⁴, e mantém a violência.

⁵¹ Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2005/06/050619_ricatp.shtml Acesso em 10/10/2009

⁵² O Hamas é uma organização radical palestina que não reconhece a existência do Estado de Israel e que, desde junho de 2007, controla a Faixa de Gaza. Hamas é a abreviatura para *Harakat Al-Muqawama al-Islamia* (Movimento de Resistência Islâmica). As origens do grupo remontam à Irmandade Islâmica, organização fundamentalista criada em 1928 no Egito. Com o início da primeira Intifada (insurreição, em árabe) contra Israel, em 1987, a Irmandade Islâmica criou um braço armado, - o Hamas. Ele é ao mesmo tempo um partido político e um movimento militar, as Brigadas Qassam. São elas que organizam os ataques com mísseis contra Israel. O Hamas prega o fim do Estado de Israel e a sua substituição por um Estado palestino que ocuparia a área onde hoje estão Israel, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia. Ele é considerado uma organização terrorista pela União Europeia Estados Unidos, Canadá, Japão e Israel. Fonte: <http://www.dwworld.de/dw/article/0,,1873524,00.html>

⁵³ Fatah ou Al-Fatah é uma organização política e militar fundada em 1964 por Yasser Arafat e outros palestinos. É a maior facção da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), uma confederação multipartidária. No contexto político palestino, ele pode ser definido como um partido centro-esquerda. No fim dos anos 80 reconheceu o direito de existência de Israel, uma das principais razões de sua aceitação internacional. O atual presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, pertence ao partido.

⁵⁴ Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/06/080613_hamasmano_rc.shtml

Em junho de 2008, o grupo estabeleceu um cessar-fogo com Israel, com duração de seis meses⁵⁵. O acordo foi violado em novembro de 2008 quando o governo israelense fez uma operação em Gaza que resultou na morte de seis membros do Hamas⁵⁶. Os membros do partido responderam ao ataque e, no dia seguinte, lançaram mais de vinte foguetes caseiros contra o sul de Israel. Em dezembro, o Hamas optou por não renovar o cessar-fogo⁵⁷, uma vez que Israel não suspendeu o bloqueio à Gaza e não cessou os ataques ao território palestino. Segundo Maalouf (2009), a ação serviu de estopim para a posterior ofensiva a Faixa de Gaza.

2.5.1 A Faixa de Gaza

A Faixa de Gaza está localizada no sudeste do Mediterrâneo, formando um retângulo com aproximadamente 45 quilômetros de comprimento e 10 quilômetros de largura. O território é limitado ao norte e a leste por Israel e ao sul pela península do Sinai (Egito).

Habitada há mais de três mil anos, Gaza era um entreposto estratégico no Mediterrâneo, além de ponto de passagem de mercadorias na Antigüidade. O Império Otomano dominou Gaza por centenas de anos até a Primeira Guerra Mundial, quando o controle do território passou para os britânicos, junto com o restante da Palestina. Depois, durante a guerra árabe-israelense, passou para o controle do Egito, e, por fim, foi ocupada por Israel depois da Guerra dos Seis Dias, em 1967.

Em 1948 a população da Faixa triplicou ao absorver um quarto das centenas de milhares de refugiados palestinos expulsos das áreas que hoje constituem Israel. Cerca de 1,5 milhões de pessoas vivem na área de poucos mais de 332 km², que tem umas das maiores densidades populacionais e taxa de crescimento demográfico do mundo.

Mais da metade dos moradores da Faixa de Gaza é composta por palestinos refugiados das guerras com Israel e seus descendentes, sendo que 56% dos habitantes do

⁵⁵ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u413187.shtml>

⁵⁶ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u464137.shtml>

⁵⁷ Fonte: http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/12/081219_hamasatualizacq_ba.shtml

território são menores de 16 anos e cerca de 80% da população depende da ajuda de organizações humanitárias – 1,1 milhão recebem alimentos diretamente da ONU.⁵⁸

Os constantes bloqueios israelenses e a dificuldade de circulação entre os territórios causadas pelo muro e pelos *check-up points*, pontos de passagem entre os territórios guardados pelos exército israelense em que os cidadãos palestinos são obrigados a parar para se identificar, dificultam o comércio e a busca de trabalho além das fronteiras. A população sofre com falta de água, combustível, remédios, alimentos e energia, cuja entrada é controlada por Israel. O relatório “The Gaza Strip: A Humanitarian Implosion⁵⁹” aponta que boa parte dos moradores da Faixa de Gaza vive com menos de US\$ 2 ao dia⁶⁰.

2.5.2. O ataque

No dia 27 de dezembro de 2008, Israel começou uma série de ataques ao território da Faixa de Gaza. Batizada de “Operação Chumbo Fundido” pelo governo israelense, ela ficou conhecida como “Massacre de Gaza” entre os árabes. Foram 22 dias de ofensiva, que resultaram na morte de 1.337 palestinos, entre eles mais de 400 crianças, e 13 israelenses. Só no primeiro dia da operação, que continuou até o dia 18 de janeiro, morreram 225 pessoas. O ataque deixou mais de cinco mil feridos, agravando ainda mais a crise humanitária no território, que já sofria com os efeitos dos 18 meses de bloqueio imposto por Israel.

Durante a ofensiva, Israel utilizou aviões e armamentos pesados, entre eles caças de guerra F-16, helicópteros *Apache* e tanques *merkavas*, com couraça reforçada. Organizações internacionais denunciaram ainda a utilização de bombas de fósforo⁶¹, proibidas pela Convenção de Genebra⁶². O governo israelense alegou que o ataque era uma

⁵⁸, ³¹ Dados retirados do relatório The Gaza Strip: A Humanitarian Implosion. Disponível em: http://www.oxfam.org.uk/resources/downloads/oxfam_gaza_lowres.pdf. Acesso em 10/10/2009

⁵⁹ Relatório realizado pela ONG inglesa Oxfam. Disponível em http://www.oxfam.org.uk/resources/policy/conflict_disasters/gaza_implosion.html.

⁶¹ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0801200906.htm>

⁶² Convenção de Genebra é o nome que se dá a vários tratados internacionais assinados entre 1864 e 1949 para reduzir os efeitos das guerras sobre a população civil, além de oferecer uma proteção para militares capturados ou feridos. A história desses tratados está associada ao suíço Henri Dunant, fundador da Cruz Vermelha. Dunant tomou a iniciativa de organizar esse tipo de acordo em uma convenção na cidade de Genebra, na Suíça, em 1864, que contou com a presença das principais potências européias. Após o primeiro

resposta aos mísseis *qassams*, de fabricação caseira, disparados contra o país por militantes do Hamas (MAALOUF, 2009).

Apesar de afirmar que tinha como único objetivo reprimir os ataques de mísseis caseiros contra o seu território, a ofensiva não se limitou às áreas militares: hospitais, escolas, creches, universidades e 53 prédios das Nações Unidas e organizações internacionais foram atingidos indiscriminadamente⁶³. Maalouf (2009) considera que, pelo número de vítimas e curta duração do ataque, a ofensiva pode ser considerada a pior investida de Israel contra populações árabes desde a invasão do Líbano em 1982, que resultou no massacre de Sabra e Chatila.

Segundo Maalouf (2009:112), “escolheu-se uma data em que a opinião pública e líderes mundiais estivessem desmobilizados e as atenções desviadas para o ‘feriadão’ ocidental entre as comemorações de Natal e a virada para o ano novo”. O jornal israelense Haaretz relatou que, de acordo com fontes do Ministério da Defesa de Israel, a operação havia sido planejada há mais de seis meses, antes ainda da assinatura do cessar-fogo com o Hamas⁶⁴.

No dia 18 de janeiro, pressionado pela ONU e pela comunidade internacional, o governo de Israel propôs um cessar-fogo unilateral e começou a retirada das tropas do território, mas manteve o controle das vias de acesso à Gaza. Doadores internacionais prometeram 4,5 bilhões dólares em ajuda para reconstruir a Faixa de Gaza, arrasada pelo ataque. No entanto, até maio desse ano, apenas uma pequena fração dessa quantia havia chegado ao seu destino⁶⁵.

Em junho, uma equipe da ONU presidida pelo juiz sul-africano e judeu Richard Goldstone foi enviada ao território para verificar as denúncias de violação dos direitos humanos e do direito internacional durante a ofensiva israelense. A investigação resultou em um relatório apresentado pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU no dia 15 de setembro.

O documento afirma que Israel “cometeu crimes de guerra e, possivelmente, contra a humanidade” e que o alvo do ataque foi “o povo de Gaza em conjunto”, além de ter usado

encontro, várias outras convenções foram realizadas para ampliar e detalhar uma espécie de regulamento para a participação em uma guerra. Fonte: http://mundoestranho.abril.com.br/historia/pergunta_286500.shtml

⁶³ Fonte: <http://www.haaretz.com/hasen/spages/1061189.html>

⁶⁴ Fonte: <http://www.haaretz.com/hasen/spages/1050426.html>

⁶⁵ fonte: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gz.html>

“a força de maneira desproporcional” contra civis palestinos e bombardeado armazéns de alimentos, zonas residenciais, fábricas e equipamento de tratamento de água. Segundo a comissão, “essas destruições tinham como objetivo negar a subsistência da população civil”⁶⁶.

O texto recomenda que os dois lados envolvidos conduzam investigações independentes sobre o conflito e apresentem as suas conclusões ao Conselho de Segurança da ONU em seis meses. Caso isso não seja feito, o Tribunal Penal Internacional deve ser consultado. Após a sua publicação, a ANP pediu sanções internacionais contra Israel.

O relatório foi mal recebido por Israel, que se esforça para impedir a sua aprovação e o acusou de legitimar as políticas do Hamas. O governo estadunidense também criticou o texto, manifestando apoio a Tel Aviv. Sem apoio, o documento corre sérios riscos de ser inutilizado. Os países membros do Conselho de Direitos Humanos da ONU ainda não entraram em consenso se o relatório deve ou não ser endossado pela instituição⁶⁷.

Uma vez estabelecida uma recuperação sobre o conflito entre palestinos e israelenses e os seus desdobramentos até o ataque a Faixa de Gaza no fim de 2008, podemos partir para a exposição da metodologia segundo a qual realizaremos a análise empírica dos conteúdos do *blog* “Biscoito Fino”.

2.6 Metodologia

Neste trabalho optamos por utilizar como método a análise de conteúdo, a fim de compreender os processo de construção da informação no *blog* “Biscoito Fino” durante a cobertura do conflito entre palestinos e israelenses na Faixa de Gaza.

A análise de conteúdo é classificada como uma metodologia de abordagens quantitativa e qualitativa, utilizada para “descrever e interpretar o conteúdo de toda a classe de documentos e textos”, ajudando a “atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 9).

Bardin (1977) a define como:

⁶⁶ fonte: http://www.nytimes.com/2009/09/20/opinion/20landau.html?_r=1

⁶⁷ fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u638550.shtml>

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/reprodução (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Essa forma de análise se consagrou na segunda metade do século XX como um método “eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informação cujas palavras, frases (...) podem ser reduzidas a categorias baseadas em regras explícitas” (HERSCOVITZ, 2007:125). Para a autora, a análise de conteúdo “revela-se um método de grande utilidade na pesquisa jornalística” (HERSCOVITZ, 2007:123).

(...) método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

Bardin (1977) considera que o processo de aplicação deste tipo de método pode ser dividido em três fases:

1. pré-análise ou leitura flutuante – é quando se realiza o primeiro contato com o material que poderá ser analisado, executa-se a seleção do que será de fato estudado, formulam-se hipóteses e objetivos e classifica-se o material disponível para análise;
2. exploração do material – quando a amostra, após ter sido selecionada, é dissecada pelo pesquisador;
3. tratamento dos resultados, inferência e interpretação – quando o pesquisador procura interpretar os dados obtidos a partir do estudo da amostra.

O método costuma ser condenado por não ser rigoroso na definição de categorias e por ser uma metodologia “híbrida”, que mistura dados quantitativos e qualitativos para a análise do objeto de pesquisa (HERSCOVITZ, 2007). Entretanto, consideramos que é justamente essa maleabilidade que torna esse tipo de análise o mais adequado, uma vez que o *corpus* da pesquisa se desenvolve na web, meio em que os fatores a serem avaliados são variáveis, indo além do mero texto.

A análise de conteúdo requer a determinação de categorias que depois serão interpretadas de acordo com os resultados encontrados na amostra escolhida. A medição das categorias é feita através das unidades de registro, que podem ser palavras, frases,

temas, parágrafos ou até mesmo textos inteiros. Para Bardin (1977) uma boa categorização deve conter as seguintes características:

- exclusão mútua: um elemento não pode ser incluído em mais de uma categoria;
- homogeneidade: cada categoria comporta unidades de registro da mesma natureza;
- pertinência: o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação;
- objetividade e fidelidade: os procedimentos classificatórios devem ser objetivos, garantindo a fidelidade dos resultados;
- produtividade: um conjunto de categorias deve fornecer resultados férteis em índice de inferências, dados e novas hipóteses.

O *corpus* a ser analisado compreende um total de 149 *links* presentes em 34 *posts*, publicados no *blog* “O Biscoito Fino e a Massa” entre os dias 29 de dezembro de 2008 e 9 de janeiro de 2009, abrangendo a primeira semana do conflito descrito anteriormente. Escolhemos esse período por se tratar da primeira semana do conflito que recebeu atenção do *blog* e por consideramos que a quantidade de material publicado possibilita a realização de uma análise significativa.

As categorias de análise foram elaboradas com base na tipologia proposta por Mielniczuk (2007), com adaptações referentes às especificidades dos *blogs*. A categorização da autora divide os *links* quanto à navegação; universo de abrangência e tipo de informação sendo que estas categorias principais se dividem em outras sete subcategorias, respectivamente: *link* conjuntivo e desjuntivo; intertextuais e intratextuais e *link* editorial, de serviço e publicitário.

Como o foco da análise se encontra nos *links* referentes ao tipo de informação, deixamos de lado as categorias navegação e universo de abrangência. Os *links* presentes nos *posts* serão divididos de acordo com o tipo de informação que apresentam em:

- *link* jornalístico: remete a conteúdos de publicações jornalísticas, como jornais, portais de notícias *online*, e agências de notícias⁶⁸. Para maior clareza, optamos por subdividir essa categoria de acordo com os conteúdos jornalísticos apresentados em:

⁶⁸ Agência de notícias são veículos jornalísticos especializados em produzir material para outros veículos também jornalísticos.

- *link* jornalístico/reportagem – remete para o conteúdo de notícias e reportagens;
- *link* jornalístico/artigo – remete para os artigos presentes nas publicações;
- *link* jornalístico/editorial – remete para os textos editoriais dos veículos;
- *link* jornalístico/agência de notícias ou veículo – quando o *link* remete diretamente para uma agência de notícias ou veículo jornalístico.
- *link blog*: remete a conteúdos provenientes da *blogosfera*. Devido à variedade das informações produzidas pelos *blogs*, também optamos por subdividir esse *link* em:
 - link blog*/informativo – remete a *post* com notícias e informações;
 - link blog*/testemunhal – remete a *posts* de pessoas que testemunharam o conflito;
 - *link blog*/pessoal – quando o link remete diretamente a um *blog* pessoal ou coletivo;
- *link* autoreferencial – remete a conteúdos do próprio autor que estabelece o *link*;
- *links* instituições – remete a ONGs, organizações governamentais de caráter humanitário e demais instituições;
- *link* multimídia – engloba vídeo, áudio e imagens;
- *link* quebrado – quando não é possível acessar o conteúdo do link original;
- outros – *links* que não contribuem para a pesquisa, como indicações de sites de compras, etc.

A partir desta categorização e da contextualização da situação entre palestinos e israelenses podemos partir para o próximo capítulo. Nele, o *corpus* selecionado e devidamente coletado será tabelado e depois avaliado. Pretendemos, dessa forma, entender de que maneira esses diferentes *links* participaram da construção do conteúdo e da

diversidade de informação dos *posts* do *blog* durante a cobertura do ataque de Israel a Faixa de Gaza.

3. Análise

Neste capítulo iremos analisar os *links* presentes nos *posts* do *blog* “O Biscoito Fino e a Massa” durante a primeira semana do ataque de Israel a Gaza no fim de 2008. Dessa forma, pretendemos compreender a maneira como a informação foi construída no *blog* durante a cobertura do conflito. Escolhemos trabalhar com a análise de conteúdo, um método bastante freqüente nas pesquisas de comunicação e que consideramos capaz de abranger a multiplicidade de conteúdo dos *blogs*.

A partir da tipologia proposta por Mielniczuk (2007), dividimos os *links* presentes nos *posts* em sete categorias, adaptadas para dialogar com o conteúdo dos *blogs*: *link* jornalístico, *link blog*, *link* autoreferencial, *link* instituição, *link* multimídia, *link* quebrado e outros. Sendo que as categorias *link* jornalístico e *link blog* se subdividem, respectivamente em *link* jornalístico/reportagem, *link* jornalístico/artigo, *link* jornalístico/agência de notícias ou veículo, *link blog*/informativo, *link blog*/testemunhal e *link blog*/pessoal.

A fim de alcançar uma semana de postagens, a amostra se concentrou nos primeiros sete dias do conflito que receberam atenção do *blog*⁶⁹. No total, foram examinados 149 *links* distribuídos em 34 *posts* do “Biscoito Fino”.

Primeiramente, tabelamos todos os *links* enquadrando-os nas sete categorias apresentadas anteriormente. Dentro do período analisado, eles se dividem a proporção de:

- 36 *links* jornalístico
- 48 *links blog*
- 16 *links* autorreferencial
- 12 *links* multimídia
- nove *links* instituições
- 11 *links* quebrado
- 20 outros

Estes *links* serão examinados categoria a categoria, conforme o tipo de informação que trazem ao conteúdo dos *posts*, com destaque para os exemplos mais marcantes desta utilização.

⁶⁹ A saber, 29/12/2008, 30/12/2008, 5/1/2009, 6/1/2009, 7/1/2009, 8/1/2009 e 9/1/2009.

3.1 *Link* jornalístico

Os *links* jornalísticos se referem a conteúdos de publicações jornalísticas, como jornais, portais de notícias *online*, e agências de notícias. Eles se dividem em três subcategorias:

- *link* jornalístico/reportagem;
- *link* jornalístico/artigo e
- *link* jornalístico/agência de notícias ou veículo.

Os *links* jornalístico/reportagem remetem para o conteúdo de matérias e reportagens, os *links* jornalístico/artigo para artigos presentes nas publicações enquanto que os *links* jornalístico/agência de notícias ou veículos a referências diretas a agências de notícias ou veículos noticiosos. Na amostra analisada, encontramos 36 *links* jornalísticos, o equivalente a 24, 16% do total divididos em:

- 18 *links* jornalístico/reportagem
- nove *links* jornalístico/artigo
- nove *links* jornalístico/agência de notícias ou veículo

Apesar de estabelecer *links* que levam a nós com conteúdos de grandes empresas jornalísticas, durante todo o período analisado Avelar critica duramente a cobertura da mídia. A sensação de insegurança informativa descrita por Ramonet (2005) é constante e o *blogueiro* se encaixa na descrição do autor galego, para quem

Cada vez mais cidadãos tomam consciência de esses novos perigos e se mostram muito sensíveis a respeito das manipulações mediáticas, convencidos de que em nossas sociedades hipermediatizadas, vivemos paradoxalmente em estado de insegurança informativa.” (RAMONET, 2005, *online*). [Tradução da autora]

No *post* “Glossário macabro da ocupação, 2: ‘equilíbrio’, ‘ponderação’, ‘ver os dois lados’⁷⁰, Avelar discorre sobre a facilidade em escrever textos supostamente imparciais, em uma alusão aos textos jornalísticos sobre a questão palestina. Ele critica a postura distante da mídia, que, para ele, não trata o assunto com a verdadeira gravidade.

⁷⁰http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/glossario_macabro_da_ocupacao_2_equilibrio_ponderacao_ver_os_dois_lados.php

Os trechos destacados que seguem não contêm *links* jornalísticos. No entanto, é interessante por mostrar a postura do *blog* frente ao jornalismo tradicional, que se mantém quando Avelar utiliza *links* jornalísticos, como mostraremos na seqüência.

Figura 2: trecho do post “Glossário macabro da ocupação, 2: “equilíbrio”, “ponderação”, “ver os dois lados”

Qualquer bom profissional da área de Letras, com um mínimo de formação em retórica, poderá lhe explicar, caro leitor, como seria relativamente simples escrever um panfleto racista que parecesse “ponderado”, uma monstruosidade pró-Apartheid que soasse “equilibrada”, uma justificativa do colonialismo mais bárbaro que parecesse estar “vendo os dois lados”. Basta ir fazendo um pingue-pongue pretensamente neutro entre verdugo e vítima, e você engana os incautos.

No caso das discussões acerca da catástrofe que assola o povo palestino desde 1948 e, muito especialmente, desde 1967, esses termos, “ponderação”, “equilíbrio”, constituem a faceta mais perversa do glossário macabro. O nosso jornalista “ponderado” dirá: *sim, é verdade que Israel usa força desproporcional, mas o Hamas provocou com os foguetes*, omitindo que a “trégua” -- e eu já expliquei **aqui** e **aqui** porque uso aspas nesse termo -- foi rompida no dia 04 de novembro por Israel, com uma invasão seguida de sete assassinatos. O jornalista “equilibrado” dirá: *sim, é verdade que os israelenses estão bombardeando Gaza por motivos eleitorais, mas o Hamas não é muito melhor*, omitindo o fato de que quando a liderança incontestada dos palestinos era a secular OLP de Arafat, a política de extermínio e desumanização de Israel era absolutamente a mesma. Ou seja, como **já explicou** a especialista Jenniffer Loewenstein, o Hamas não tem nada a ver com o bombardeio a Gaza. Qualquer liderança que os palestinos construíssem, e que não compactuasse com sua escravização, estaria sofrendo o mesmíssimo massacre.

Nada tenho contra quem escreve sobre o tema com temperatura menos fervente que a minha. Mas não é essa temperatura que determina a forma como avalio o texto. Julgo-o, principalmente, por sua determinação em buscar a verdade. E o filistinismo da “ponderação” muitas vezes não está nem um pouco interessado na verdade, e sim em parecer “equânime” e bonitinho.

Além desse *post*, é comum encontrar chamadas diretas aos jornalistas e ao “verdadeiro jornalismo”, no período analisado. No *post* “Palestinos no Facebook⁷¹”, Avelar

⁷¹ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/palestinos_no_facebook.php

convida os leitores a recolherem relatos sobre o conflito dos próprios palestinos que o vivenciam através do *site* de relacionamento e cutuca “estará fazendo jornalismo mais verdadeiro que aquele de que tem sido capaz a grande mídia⁷²”.

A situação se repete diversas vezes. No *post* “Amálgama inicia traduções do Electronic Intifada⁷³”, o *blogueiro* critica novamente a cobertura da mídia: “O Amálgama iniciou uma série de traduções do Electronic Intifada, com notícias que você não encontrará no nosso pobre jornalismo, enlameado entre o silêncio cúmplice e a distribuição de boletins de imprensa do exército de ocupação”. No *post* “Carta aberta de professores brasileiros sobre o bombardeio israelense a universidade em Gaza⁷⁴”, ele se refere diretamente aos jornalistas e a mídia e pergunta “Imaginam o que é estudar comércio na Palestina Ocupada, jornalistas e mídia? Não? Então imaginem”.

Levando em conta a postura do “Biscoito Fino” em relação à mídia tradicional, podemos partir para o uso dos *links* jornalísticos nos *posts*. Iremos apresentar as diversas formas como os *links* jornalísticos aparecem no *blog*, partindo das subcategorias listadas acima.

3.1.1 *Link* jornalístico/reportagem

O *link* jornalístico/reportagem leva o autor para matérias e reportagens de *sites* noticiosos. Dos 36 *links* jornalísticos da amostra, metade (18) são do tipo jornalístico/reportagem.

Na maior parte das vezes, os *links* jornalísticos/reportagem aparecem como forma de ratificar as informações presentes nos *posts*. No primeiro *post* sobre a o ataque⁷⁵, publicado no dia 29 de janeiro de 2009, Avelar constrói um longo texto explicando a situação dos palestinos e da Faixa de Gaza. Todos os dados relevantes, como número de mortos ou armamentos utilizados, recebem *links* para as fontes de informação originais.

⁷² http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/palestinos_no_facebook.php

⁷³ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/amalgama_inicia_traducoes_do_electronic_intifada.php

⁷⁴ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/carta_aberta_de_professores_brasileiros_sobre_o_bombard_eio_israelense_a_universidade_em_gaza.php

⁷⁵ http://www.idelberavelar.com/archives/2008/12/300_mortos_e_1000_feridos_em_gaza_israel_continua_assassinando_e_os_lideres_mundiais_se_calam.php

Ao afirmar que o ataque foi planejado há seis meses, o autor sugere ao leitor uma matéria do jornal indiano “The Hindu⁷⁶”, intitulada “Preparações para a ofensiva de Gaza começaram seis meses atrás”⁷⁷ [tradução da autora]. Quando coloca que os observadores internacionais foram proibidos de acompanhar a ofensiva, essa informação também está *linkada* a uma matéria da agência “Inter Press Service”⁷⁸. O mesmo é feito em relação a afirmações de falta de alimentos, bombardeios de universidades e instituições humanitárias e referências a reação da população dos mais diversos países sobre o ataque.

Figura 3, trecho do post “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua (...)”



A confirmação de dados através de *links* jornalísticos/reportagem segue durante toda a semana analisada, apesar de perder espaço para traduções de artigos e testemunhos

⁷⁶ www.hindu.com

⁷⁷ Preparations for Gaza offensive began six months back

⁷⁸ www.ipsnews.net

sobre o ataque. Como na matéria *linkada* abaixo, parte do *post* “Israel continua disparando contra ambulâncias⁷⁹”.

Figura 4, trecho do *post* “Israel continua disparando contra ambulâncias”



Há uma preocupação em apontar as fontes e permitir ao leitor interpretações próprias. Em um *post* que trata dos ataques aéreos com bombas de fósforo proibidos pela Convenção de Genebra ele cita uma entrevista com um relator da ONU que confirma o uso das bombas. Como o acesso à entrevista é restrito – ela fazia parte do conteúdo fechado do jornal Folha de São Paulo – Avelar reproduz um trecho da conversa no corpo do *post*.

⁷⁹ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/israel_continua_disparando_contra_ambulancias.php

Figura 5: trecho do post “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua (...)”

Relator da ONU expulso por Israel confirma uso de bombas de fósforo contra civis



Entre a sua infundável repetição de boletins de imprensa do exército israelense e a igualmente infundável reiteração dos clichês “ponderados”, que olham “os dois lados” do “conflito”, a Folha de São Paulo conseguiu, reconhecemos, imprimir uma matéria decente nesta quinta-feira. Não é do “enviado” a Israel, mas da reportagem local: uma entrevista com o Professor Emérito de Princeton University, **Richard Falk**, que foi nomeado pela ONU relator para a situação humanitária nos territórios palestinos.

Falk é gringo de ascendência judaica. Foi nomeado pela ONU. Ao tentar chegar à Cisjordânia, **Palestina Ocupada**, via Israel, Falk foi enjaulado por 15 horas e chutado para fora de lá. O argumento? Aquele, velho: seu relatório seria “enviesado” [*biased*]. O detalhe é que não lhe foi dada a possibilidade de escrever o relatório. Trechos da **entrevista** (link para assinantes):

FOLHA - O Hamas infiltrou organizações humanitárias?

FALK - É uma acusação absurda. A ONU é muito rigorosa no esforço constante de se manter à distância de movimentos políticos. Mas como o Hamas é a principal força em Gaza, é possível que indivíduos isolados tenham algum tipo de simpatia com o Hamas, nada mais.

No *post* acima, Avelar justifica a presença de uma matéria do jornal “Folha de São Paulo” e reconhece a exceção do texto na cobertura do ataque feita pelo jornal. Há preferência pelas fontes informativas originais, além de uma grande variedade de veículos noticiosos *linkados*.

Ao falar da Índia, o autor enviará o leitor para um jornal do país. O mesmo acontece com outras regiões. Em um momento do *post* “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua assassinando e os líderes mundiais se calam⁸⁰” quando diz que “Na Síria, na Turquia, no Líbano, na Indonésia, até em Londres, aumenta a cada dia a revolta contra os repetidos massacres que sofre o povo palestino⁸¹” cada um desses locais recebe um *link*

⁸⁰http://www.idelberavelar.com/archives/2008/12/300_mortos_e_1000_feridos_em_gaza_israel_continua_assassinando_e_os_lideres_mundiais_se_calam.php

⁸¹http://www.idelberavelar.com/archives/2008/12/300_mortos_e_1000_feridos_em_gaza_israel_continua_assassinando_e_os_lideres_mundiais_se_calam.php

para textos jornalísticos provenientes de veículos dessas regiões que confirmam a informação.

3.1.2 *Link* jornalístico/artigo

Os *links* jornalísticos/artigo se referem a artigos publicados em veículos jornalísticos. Eles representam 25% dos *links* jornalísticos da amostra ou nove *links*.

Como colocado no capítulo anterior, durante o ataque a Gaza o “Biscoito Fino” assumiu um papel de “central de tradução e disseminação de textos, vídeos e informações sobre a matança”. Essa posição permite que *posts* inteiros sejam substituídos por conteúdos informativos de outros *sites* da internet, em especial artigos.

Esse é bem o caso dos *links* jornalísticos/artigo, que servem principalmente de fonte de informação para os leitores, e são publicados na íntegra. O artigo abaixo conta com 10.105 caracteres, todos presentes no *post* “Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino: Se o Hamas não existisse, por Jennifer Loewenstein⁸²”.

⁸²http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/israel_nao_tem_nenhuma_intencao_de_admitir_um_estado_palestino_se_o_hamas_nao_existisse_por_jennifer.php

Figura 6, trecho do post “Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino: (...)”

Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino: Se o Hamas não existisse, por Jennifer Loewenstein



Deixemos uma coisa perfeitamente clara. Se a degradação e a mutilação por atacado da Faixa de Gaza for continuar; se a vontade de Israel é uma com a dos Estados Unidos; se a União Européia, a Rússia, as Nações Unidas e todas as organizações e agências legais internacionais espalhadas pelo globo vão continuar sentadas como manequins ociosos sem fazer nada a não ser os repetidos “chamados” por um “cessar-fogo” de “ambos os lados”; se os covardes, obsequiosos e supinos Estados Árabes vão continuar de braços cruzados vendo seus irmãos serem trucidados de hora em hora enquanto a Super-Potência valentona do mundo olha-os ameaçadoramente de Washington, no caso de que digam qualquer coisinha que a desgoste; então vamos pelo menos dizer a verdade sobre por que está tendo lugar este inferno na terra.

O terror de estado disparado neste momento dos céus e do chão contra a Faixa de Gaza não tem nada a ver com o Hamas. Não tem nada a ver com o “Terror”. Não tem nada a ver com a “segurança” a longo prazo do Estado Judeu ou com o Hezbolá, a Síria ou o Irã, exceto na medida em que agrava as condições que levaram até a crise de hoje. Não tem nada a ver com alguma conjurada “guerra” -- um eufemismo cínico e gasto que não representa mais que a escravização por atacado de qualquer nação que ouse reclamar seus direitos soberanos; que ouse afirmar que seus recursos são seus; que não queira uma das obscenas bases militares do Império assentada em suas queridas terras.

Em geral, trata-se de textos sem versão em português. Além de disponibilizar o material, os artigos que se encontram em outra língua são traduzidos pelo autor; os originais, *linkados* ao fim. É o caso do artigo do texto de Loewenstein e do artigo abaixo, presente no *post* “Carta aberta de Uri Avnery a Barack Obama”⁸³.

⁸³ http://www.idelberavelar.com/archives/2008/12/carta_aberta_de_uri_avnery_a_barack_obama.php

Figura 7: trecho do post “Carta aberta de Uri Avnery a Barack Obama”

em relação à paz com o Egito. No momento, a maioria dos israelenses se sente insegura, incerta e temerosa de qualquer iniciativa ousada de paz, em parte graças a uma desconfiança de qualquer coisa que venha do lado árabe. A intervenção do Sr., neste momento crítico, poderia, literalmente, fazer milagres, ao criar a base psicológica para a paz.

(esta é uma **carta aberta escrita por Uri Avnery**, 85 anos, ex-deputado do Knesset, soldado que ajudou a fundar Israel em 1948 e que há décadas **milita pela paz**. A tradução ao português é de Idelber Avelar. O obrigado pelo envio do link vai ao **Daniel do Amálgama**. O pedido de divulgação vai a todos os que desejam uma paz duradoura, nos termos já reconhecidos pela comunidade internacional).

Artigos traduzidos em outros locais também ganham espaço, novamente com indicação das fontes, como no artigo publicado no post “Jimmy Carter conta como Israel rompeu o cessar-fogo”.

Figura 8: trecho do post “Jimmy Carter conta como Israel rompeu o cessar-fogo”

Fomos incapazes de confirmar isso em Jerusalém por causa da decisão de Israel de não admitir qualquer negociação com o Hamas, mas os lançamentos de foguetes logo pararam e houve aumento na entrega de comida, água, remédios e combustível. Ainda assim o aumento foi para cerca de 20% do nível original [de 700 caminhões]. E esse cessar-fogo frágil foi parcialmente rompido em 4 de novembro, quando Israel lançou um ataque em Gaza (**fonte** em português; original em inglês **aqui**).

É possível perceber uma rede de sites que traduzem esse tipo de material *linkados* por Avelar. O *blog* publica os artigos e agradece tanto pela iniciativa de tradução quanto pelas indicações de *sites* com textos interessantes. Caso do texto do post “Tempo dos virtuosos, por Gideon Levy⁸⁴”.

⁸⁴ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/tempo_dos_virtuosos_por_gideon_levy.php

Figura 9: trecho do post “Tempo dos virtuosos, por Gideon Levy”

Shavit pretende que Israel mate e mate e, depois, construa hospitais de campanha e mande remédios para os feridos? Ele sabe que uma guerra contra civis desarmados, talvez os seres mais desamparados do mundo, que não têm para onde fugir, é e sempre será vergonhosa.

Continue lendo **Tempo dos virtuosos**, de Gideon Levy, um legítimo herdeiro do humanismo judaico, lá no **Amálgama**.

Os *links* jornalísticos/artigo ao serem traduzidos e publicados na íntegra tornam o “Biscoito Fino” fonte de informação para outros *blogs* e *sites* da rede. No entanto, não há só transcrições. Os *links* jornalísticos/artigo também aparecem na construção da informação dos *posts*. Caso do trecho “Mas são 7 milhões de israelenses, dos quais 20%, árabes, jamais defenderiam o estado sionista. Em volta dele, 1 bilhão de muçulmanos. Essa irresponsabilidade do país que se recusa a ser adulto ainda custará muito caro a toda a humanidade”, presente no post “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua assassinando e os líderes mundiais se calam⁸⁵” em que o *link* na expressão “país que se recusa a ser adulto” justifica a afirmativa.

3.1.3 Link jornalístico/agência de notícias ou veículo

Os *links* jornalísticos/agência de notícia ou veículo se referem diretamente a veículos de comunicação ou agências de notícias. Eles receberam nove citações, 25% das 36 referências a *links* jornalísticos presentes na semana de postagens analisada.

Esses *links* seguem a linha de indicação de fontes alternativas de informação, caso dos do *post* “Um *link* importante⁸⁶” que indica *sites* do veículo árabe Al Jazeera.

⁸⁵http://www.idelberavelar.com/archives/2008/12/300_mortos_e_1000_feridos_em_gaza_israel_continua_assassinando_e_os_lideres_mundiais_se_calam.php

⁸⁶ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/um_link_importante.php

Figura 10: trecho do post “Um link importante”

Um link importante

Uma das boas fontes para acompanhar a chacina contra o povo palestino tem sido o **Twitter da Al Jazeera** (em inglês). Há boa informação também no **site da emissora**. A Al Jazeera **relata** que a Câmara dos Deputados americana aprovou uma moção, por 390 votos a 5, que afirma que "Israel tem o direito de se defender contra os ataques de Gaza". A esse ponto chega o cinismo.

Um ilha de dignidade em meio às mentiras patrocinadas pelo lobby pró-Israel, o deputado Dennis Kucinich, de Ohio, perguntou-se: *como reivindicar autodefesa num ataque contra Gaza, que não tem exército, marinha ou força aérea?*

O leitor é incentivado a procurar outros meios de se informar. Nos *post* abaixo, Avelar afirma que, frente ao jugo criminoso por que passam os palestinos, é importante tentar se manter informado. São indicadas três agências de notícias palestinas que fazem a cobertura do conflito: *International Middle East Media Center, International Middle East Media Center e Electronic Intifada*.

Figura 11, trecho do post “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua (...)”



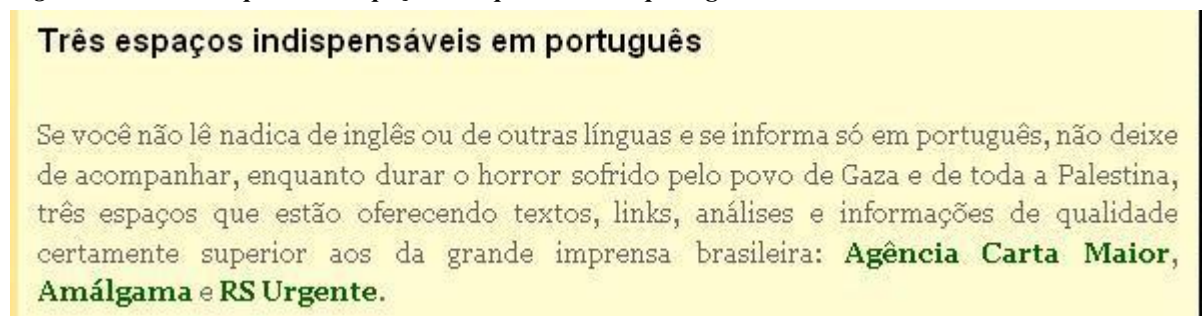
(crédito das fotos)

Este blog considera que o jugo criminoso sob o qual vive o povo palestino é a questão humanitária definitiva do nosso tempo. Ela tem ramificações em todas as facetas da política internacional. É importante se informar sobre ela. Aqui vão alguns links, infelizmente quase todos em inglês.

Para uma documentação diária dos crimes perpetrados pela ocupação militar, acompanhe o **International Middle East Media Center**. Também é possível ter notícias diárias do horror no **Palestine Information Center**. Para uma coleção atroz de vídeos dos massacres em Gaza, consulte o **Israel's Crimes** e o **Palestine Video**. Se você quer dedicar 50 minutos a se informar sobre a catástrofe palestina, assista ao imperdível filme **Palestine is still the issue**. Para ler depoimentos terríficos sobre o cotidiano em Gaza e na Cisjordânia ocupada, assine o feed do **Electronic Intifada**. No Facebook, você pode demonstrar

No *post* abaixo, “Três espaços indispensáveis em português”, Avelar tenta amenizar a falta de informações de qualidade em português. A agência de notícias “Carta Maior” é indicada junto a outros *links* de *blogs* informativos. Esses *blogs* são citados com frequência pelo “Biscoito Fino” como fontes de informação. Pela forma como a mídia tradicional é tratada, a “Carta Maior” aparecer ao lado de tais *blogs* sugere um elogio por parte do autor ao conteúdo do *site*.

Figura 12: trecho do post *Três espaços indispensáveis em português*”



3.2 Link blog

Os *links blogs* tratam de conteúdos apresentados na *blogosfera*. Assim como os *links* jornalísticos, eles também se dividem em três subcategorias:

- *Link blog/informativo*;
- *Link blog/testemunhal* e
- *Link blog/pessoal*.

Os *links blog/informativo* tratam de *posts* que trazem notícias e informações. Os *links blog/pessoal* são indicações diretas de *blogs* individuais ou coletivos e os *links blog/testemunhal* se referem a *posts* que tratam de relatos de pessoas que testemunharam o conflito.

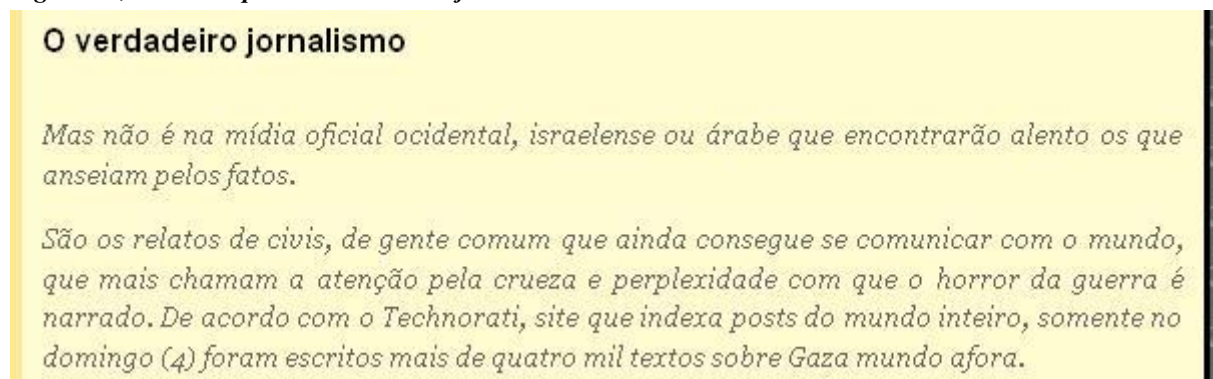
Dos 149 *links* tabulados, 48 se referem a conteúdos presentes em *blogs* o que corresponde a 34,43% da amostra analisada. Estes são divididos em três subcategorias a proporção de:

- 21 *links blog/informativo*
- sete *links blog/testemunhal*
- 17 *links blog/pessoal*

Segundo Ramonet (2005), com a crise de credibilidade por que passam os meios de comunicação as pessoas tendem a preferir a subjetividade assinada dos textos dos *blogs* à suposta imparcialidade dos veículos jornalísticos tradicionais. O fato desta categoria ser a que apresenta mais *links* torna clara a preferência de Avelar pelas informações provenientes de *blogs* e também a coloca como a categoria mais importante.

Diversas vezes, textos de *blogs* são apontados como exemplos de bom jornalismo. Os textos perfazem uma séria crítica a grande mídia, como exemplificado acima quando nos referimos aos *links* jornalísticos. No *post* “O verdadeiro jornalismo⁸⁷”, Avelar afirma que não é através da mídia tradicional que as pessoas vão conseguir informações sérias e indica a sua preferência por informações presentes em *blogs*.

Figura 13, trecho do *post* “O verdadeiro jornalismo”



O texto poderia facilmente ser acompanhado de uma citação de Ramonet (2005), que recorda uma expressão utilizada com frequência pelo fundador do periódico *Le Monde*⁸⁸, Hubert Beuve-Méry: “A opinião é livre, os fatos são sagrados⁸⁹”. (RAMONET, 2005, *online*). [Tradução da autora].

Como comentado no primeiro capítulo, os leitores dos *blogs* participam ativamente do processo de construção dos *posts*. Eles não só comentam as notícias, como discordam, apontam imprecisões, sugerem novos ângulos. Dessa forma, o caráter hipertextual desse tipo de *site* se estabelece como um elemento de credibilidade e autoridade, permitindo o aprofundamento das informações (CHRISTOFOLETTI; LAUX, 2008).

A seguir, iremos apresentar os exemplos mais marcantes e a forma como os *links blog* apareceram na construção dos *posts*.

3.2.1 *Link blog/informativo*

⁸⁷ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/o_verdadeiro_jornalismo.php

⁸⁸ <http://www.lemonde.fr/>

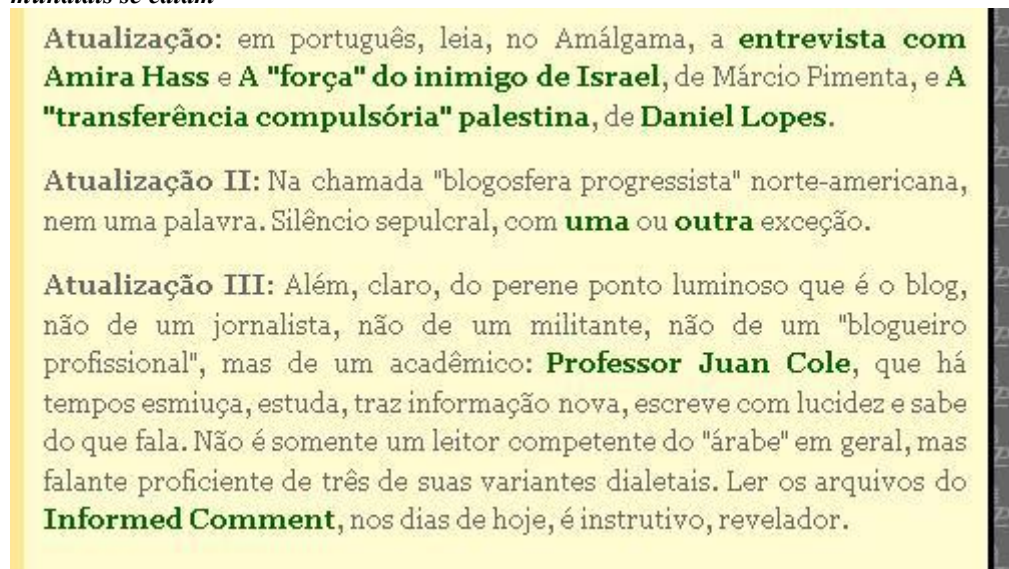
⁸⁹ Los hechos son sagrados, la opinión es libre

Os *links blog/informativo* tratam de *posts* com notícias e informações em geral. No período analisado, foram encontrados 21 *links* desse tipo, o que representa 43,75% do total de *links blog*.

No começo da difusão dos *blogs*, o caráter demasiado pessoal desses *sites* era apontado como forma de deslegitimar a informação produzida (TRÄSEL, 2009). Ironicamente, foi justamente o fato dos autores dos *blogs* se assumirem como tais que os elevou à fonte de informação confiável na internet (CHRISTOFOLETTI; LAUX, 2008).

Os 21 *links blog/informativo* têm funções parecidas com os *links* jornalísticos/reportagem. No primeiro *post* da cobertura, “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua assassinando e os líderes mundiais se calam⁹⁰”, os *links blog/informativo* aparecem como forma de complementar o conteúdo apresentado, com indicações para entrevistas e outras informações através dos termos “entrevista com Amira Hass”, “A força do inimigo de Israel”, “A transferência compulsória palestina” e “Informed Comment”.

Figura 14: Trecho do post “300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua assassinando e os líderes mundiais se calam”



Quando o *blog* denuncia um *site* de caráter racista e anti-árabe no *post* “Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel, escreveu – e apagou

⁹⁰http://www.idelberavelar.com/archives/2008/12/300_mortos_e_1000_feridos_em_gaza_israel_continua_assassinando_e_os_lideres_mundiais_se_calam.php

– um *blog* racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação”, a notícia é creditada ao *blog* “Cloaca News” através do *link blog/informativo* “todo do Cloaca News, que deu o furo”. A ação mantém a tradição de referenciar as fontes de informação, como já observamos anteriormente.

Figura 15: post “Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel, escreveu – e apagou – um blog racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação”

Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel, escreveu – e apagou – um blog racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação

Quem faz essa acusação de racismo, caro leitor, é o blogueiro que assina o Biscoito – talvez o *blog* que mais abertamente, junto com o **LLL**, discutiu questões raciais no Brasil nos últimos anos. Este blogueiro jamais, ao longo de 4 anos, milhões de visitas, centenas de discussões e dezenas de milhares de comentários, jamais, jamais acusou alguém de racista, de ter ponto de vista racista, de escrever algo racista. Com a autoridade de quem jamais fez isso, **eu acuso agora.**

Nada do mérito das descobertas que se seguem é meu, que fique claro. O mérito é **todo do Cloaca News, que deu o furo.** Eu simplesmente resumo a história com as minhas palavras.

Já no *post* “A dignidade infinita dos Shministim⁹¹”, o *link blog/informativo* aparece no lugar da reflexão que Avelar ia propor logo após uma transcrição de um trecho do conteúdo que será encontrado pelo leitor que clicar no *link* “RS Urgente chegou primeiro e já disse tudo”.

⁹¹ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/a_dignidade_infinita_dos_shministim.php

Figura 16: trecho do post “A dignidade infinita dos Shministim”

A dignidade infinita dos Shministim

Eu já rascunhava um post sobre esses bravos garotos, mas o **RS Urgente chegou primeiro e já disse tudo:**

Os Shministim são jovens estudantes israelenses, todos com idade entre 16 e 19 anos, no final do segundo grau. Eles recusam o alistamento no exército de Israel por objeção de consciência. Estão presos por isso. Esses estudantes defendem um futuro de paz para israelenses e palestinos e negam-se a pegar em armas. Além da prisão, enfrentam uma enorme pressão da família, de amigos e do governo de Israel. No dia 18 de dezembro foi iniciada uma campanha mundial pela libertação desses jovens.



The image shows a screenshot of a YouTube video player. The video title is "Objecção de consciência de jovens de israel Envi...". There are five stars above the title. The video frame shows two young women, one on the left and one on the right, with a play button in the center. At the bottom of the video frame, there is a red subtitle that reads "Por isto somos objetores de consciência". The YouTube logo is visible in the bottom right corner of the video frame. Below the video frame, the video player controls are visible, showing a progress bar at 0:00 / 2:16.

3.2.2 Link blog/testemunhal

Os links *blog/testemunhal* apresentam caminhos para *blogs* que relatam o conflito entre israelenses e palestinos na primeira pessoa. Com sete aparições, eles totalizam 15,58% dos links *blog*.

Estes são os momentos mais emotivos dos *posts* e vão ao encontro da atual preferência pela subjetividade dos leitores apresentada por Ramonet (2005). Os links *blog/testemunhal* aparecem como forma de informação alternativa à grande mídia e são uma maneira de sensibilizar os leitores sobre a situação palestina.

No trecho abaixo, parte do *post* ““Estão destruindo tudo ... O que dizem as notícias?": O horror de um pai enjaulado em Gaza, no *blog* da filha⁹²”, Avelar transcreve um pedaço de *post* de um *blog* de uma palestina que mora nos Estados Unidos. No trecho

⁹²http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/estao_destruindo_tudo_o_que_dizem_as_noticias_o_horror_de_um_pai_enjaulado_em_gaza_no_blog_da_filha.php

do *post* destacado, ela relata uma conversa telefônica com o pai, morador da Faixa de Gaza. Em seguida, o texto é indicado através de um *link/blog* testemunhal e no final a um *link* específico para o *blog* é estabelecido, acompanhado das palavras “imperdível, urgente”, indicando a importância de ler essas versões dos acontecimentos.

Figura17, trecho do post ““Estão destruindo tudo ... O que dizem as notícias?”: O horror de um pai enjaulado em Gaza, no blog da filha”

"Estão destruindo tudo ... O que dizem as notícias?": O horror de um pai enjaulado em Gaza, no blog da filha



Meu pai falou calma, eloquentemente, na escuridão de Gaza sitiada, só com o fogo das bombas israelenses iluminando o seu mundo: “eles estão destruindo tudo o que é belo e vivo”, ele disse ao âncora. Suas mãos tremiam, ele confessava, enquanto se apoiavam no chão de sua casa, onde eles moviam os colchões para mais longe das janelas, com as explosões ensurdecedoras rasgando o céu negro ao redor, iluminando-o em enormes nuvens de fogo.

[...]

“O que está acontecendo, o que está acontecendo?”, ele repete em tom exausto, hipnótico. “A sensação é que eles bombardearam nossa rua de dentro para fora. Não vejo nada. Não sei o que está acontecendo. O que dizem as notícias?”, ele pergunta freneticamente, desesperado por qualquer migalha de informação que possa fazer sentido do terror que tomou conta dele.

Laila é uma mãe palestina de Gaza, casada com um palestino refugiado e, no momento, "a salvo" na Carolina do Norte, enquanto seu próprio pai **vive o inferno em Gaza**. As conversas telefônicas entre Laila e seu pai, relatadas pelo post, ocorreram no sábado à noite. Hoje elas já seriam praticamente impossíveis. Imperdível, urgente, o blog: **Diary of a Palestinian Mother**.

Os *links blog/testemunhal* são apresentados como testemunho, confirmação da abrangência da tragédia. No *post* “O êxodo de Rafah: Mais um testemunho *blogueiro*”⁹³, Avelar transcreve um trecho de uma postagem do *blog* e indica o conteúdo para o leitor através de um *link blog/testemunhal* chamado “testemunha do horror em seu *blog*”.

Figura 18: Trecho do post “O êxodo de Rafah: Mais um testemunho *blogueiro*”⁹⁴

Um pouco antes da meia-noite, começaram a despejar mísseis sobre Rafah, num dos ataques aéreos israelenses mais pesados desde que se iniciaram as atuais atrocidades. Os bombardeios caíram sobre o sul da Cidade de Gaza por mais de 12 horas. Muitas casas foram destruídas ou severamente danificadas, especialmente nos bairros ao longo da fronteira com o Egito.

Os moradores desses bairros relataram um massivo lançamento de panfletos pelos aviões israelenses esta tarde. Os papéis ordenavam que eles deixassem suas casas nas áreas que vão da linha de fronteira de volta até a Rua do Mar, a rua principal que atravessa o coração de Rafah, paralelamente à fronteira. Essa é uma área de centenas de metros de comprimento e milhares de casas. A maioria dessas áreas são de campos de refugiados; os moradores passaram a ser refugiados a partir das demolições em massa de suas casas em 2003 e 2004 pelos tratores militares israelenses D-9.

Rafah Kid é um jovem palestino de Gaza, **testemunha do horror em seu blog**. Rafah Kid também mantém um Flickr, com **fotos da devastação** causada pelo exército invasor.

Assim como Avelar traduz artigos para que esses possam ser entendidos por pessoas que só lêem em português, alguns relatos também são traduzidos. Eles também assumem o papel de informar e sensibilizar. No trecho abaixo, parte do *post* “Vou lhe contar como ele morreu”: Tradução de um *blog* de Gaza⁹⁵ um trecho de um *blog* palestino é traduzido seguido da indicação do *link blog/testemunhal* na palavra “testemunho” e de um aviso: “O testemunho vem de mais um *blog* que você deve acompanhar nos próximos dias, enquanto ele dure: In Gaza.”

⁹³ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/o_exodo_de_rafah_mais_um_testemunho_blogueiro.php

⁹⁴ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/o_exodo_de_rafah_mais_um_testemunho_blogueiro.php

⁹⁵ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/vou_lhe_contar_como_ele_morreu_traducao_de_um_blog_de_gaza.php

Figura 19: Trecho do post “Vou lhe contar como ele morreu”: Tradução de um blog de Gaza”

Gemendo de dor, com o pé direito amputado e lacerações de bomba de fragmentação ao longo das costas, de todo o corpo, Thaer Hammad conta como seu amigo Ali foi morto. “Estávamos atravessando a rua, saindo de nossas casas, e aí o tanque disparou. Havia muita gente saindo, não éramos os únicos”. Hammad interrompe seu testemunho, de novo gemendo de dor. Ao longo dos dois últimos dias, desde que a invasão terrestre de Israel e a campanha intensificada de bombardeios começaram, os residentes de toda Gaza têm estado fugindo de suas casas. Muitos não tiveram a chance de escapar, tendo sido pegos dentro de casa, enterrados vivos, esmagados. O médico continua a narrativa: “Depois que foram bombardeados, Thaer não conseguia caminhar. Ele chamou Ali para que o carregasse”. O resto da história é que Ali havia carregado Thaer por alguma distância quando atiraram na cabeça de Ali, bala disparada por um soldado não visto, bem na direção na qual eles fugiam. Ali morto, Thaer ferido, e as pessoas fugindo, a ambulância foi chamada.

Tradução minha de mais um relato em primeira mão que confirma o que já sabemos: no massacre israelense em Gaza, a prática é matar mesmo os civis feridos que estão sendo carregados. O **testemunho** vem de mais um blog que você deve acompanhar nos próximos dias, enquanto ele dure: **In Gaza**.

3.2.3 Link blog/pessoal

Os links blog/pessoal trazem indicações diretas a *blogs* individuais ou coletivos. Na amostra, encontramos 17 links desse tipo, o equivalente a 35,42% dos links *blog* analisados.

Além das referências fixas a outros *blogs* presentes no *blogroll*, indicar *blogs* pessoais dentro dos *posts* ajuda na composição da *blogosfera*, que pode ser vista como uma grande uma conversação entre *blogs* (ORIJUELA, 2006). Também é uma forma de apresentar ao leitor outros pontos de vista e confirmar as fontes.

Esta categoria aparece com frequência como forma de agradecer informações e indicar onde foram encontrados os conteúdos citados. No *post* “Uma mulher de dignidade infinita”⁹⁶, Avelar fala de um vídeo em que uma moça desarmada enfrenta soldados israelenses. Logo abaixo o vídeo com a cena, aparece o agradecimento ao *blog* em que o autor encontrou a informação.

⁹⁶ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/uma_mulher_de_dignidade_infinita.php

Figura 20: trecho do post “Uma mulher de dignidade infinita”



O mesmo acontece no *post* “Amálgama inicia traduções do Electronic Intifada”⁹⁷.

Figura 21: , trecho do post “Amálgama inicia traduções do Electronic Intifada”

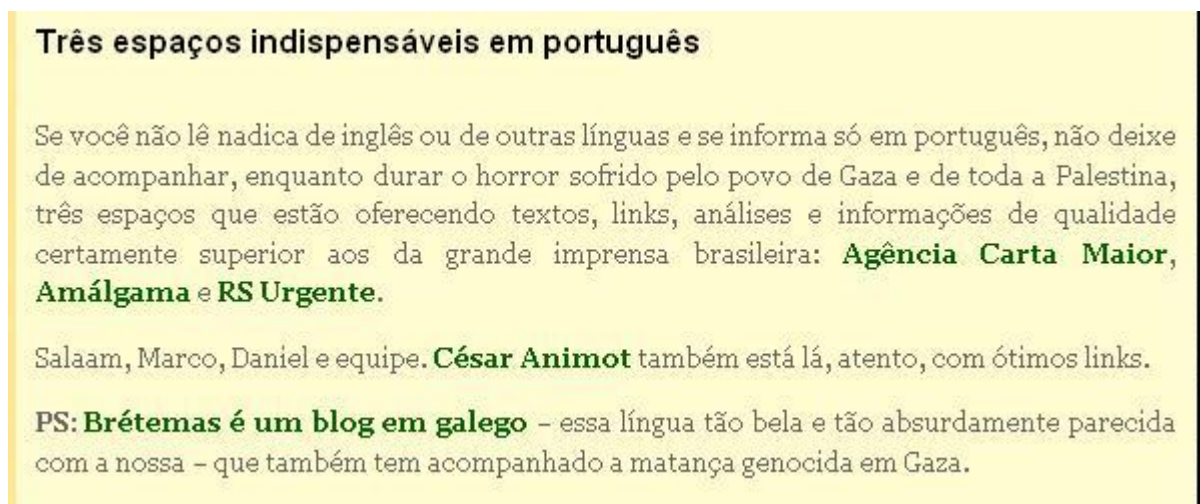
O **Amálgama** iniciou **uma série de traduções** do **Electronic Intifada**, com notícias que você não encontrará no nosso pobre jornalismo, enlameado entre o silêncio cúmplice e a distribuição de boletins de imprensa do exército de ocupação.

Parabéns e obrigado ao **Amálgama**.

Ao fazer essas citações, o *blog* cria relações de confiança com as fontes de informações e alguns *blogs* passam a ser citados com frequência. Assim como nos *links* jornalísticos/agência de notícia ou veículo, o *link blog/pessoal* instiga o leitor a buscar outras fontes de informação.

⁹⁷ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/amalgama_inicia_traducoes_do_electronic_intifada.php

Figura 22: trecho do post “Três espaços indispensáveis em português”



3.3 Link autorreferencial

Os *links* autorreferenciais remetem a conteúdos do próprio autor que estabelece o *link*. Sendo a personalidade considerada uma característica indissociável dos *blogs* por vários autores (ORIJUELA, 2006; TRÄSEL, 2009), é natural que os *posts* contenham *links* autorreferenciais. Na amostra, encontramos 16 *links* desse tipo ou 10,73% do total do material analisado. Eles aparecem geralmente como forma de contextualizar os assuntos e deixam clara a opinião de Avelar sobre a questão palestina.

Quatro *links* se referem à *tag* “Palestina Ocupada”, que agrupa todo o conteúdo referente à Palestina presente no *blog* em um mesmo espaço. Criada no dia 5 de janeiro, no sétimo *post* analisado, a *tag* não aparece apenas na arquitetura do *site*, sendo *linkada* nominalmente durante a construção dos textos quando se usa a expressão Palestina Ocupada. Ela aparece pela primeira vez no *post* sete – “Esta última escolha tem sido, com exceções ocasionais, a mais comum neste *blog* para o tema da Palestina Ocupada⁹⁸” – e diversas outras vezes na construção dos *posts* em frases como “Birzeit é uma notável

⁹⁸ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/nota_sobre_a_politica_editorial_do_blog.php

universidade situada perto de Ramalah, Cisjordânia, Palestina Ocupada⁹⁹” e “Ao tentar chegar à Cisjordânia, Palestina Ocupada, via Israel, Falk foi enjaulado por 15 horas e chutado para fora de lá¹⁰⁰”.

Os *links* autorreferenciais também aparecem como forma de contextualizar as informações. Quando Avelar instiga “Ora, caro leitor, lembre-se do que acontecia nos EUA no dia 04 de novembro ¹⁰¹”, o leitor é remetido para um *post* do “Biscoito Fino” em novembro ao clicar na palavra “acontecia”.

Ao se autorreferenciar o *blogueiro* assume a posição de fonte qualificada, “uma voz pessoal que pode falar com todo o mundo” (ORIJUELA, 2006:39). A referência contextualiza e faz o leitor pressupor que o autor tem conhecimento prévio sobre o assunto, como pode ser observado no *post* abaixo que também tem um *link* autorreferencial com a *tag* “Palestina Ocupada”. Os *links* são os termos destacados em verde:

Figura23, trecho do post “Jimmy Carter conta como Israel rompeu o cessar-fogo”

Nesse ataque, Israel assassinou sete palestinos. A posição do Biscoito Fino e a Massa é de que jamais houve “trégua” nenhuma, pois não se pode falar de trégua quando uma população vive enjaulada, sem ter sequer o direito de recolher seus impostos ou controlar suas fronteiras. Mas mesmo que usemos o termo “trégua” no sentido em que a mídia, em geral, utiliza-o para se referir à **Palestina Ocupada** -- ou seja, “trégua” consiste em que os palestinos continuem vivendo calados, como escravos, nas suas próprias terras --, mesmo assim, o **fato**, a **verdade**, é que a trégua foi rompida por Israel, quando invadiu Gaza no dia 04 de novembro e assassinou sete palestinos, depois de meses inteiros em que o Hamas não havia lançado rojões Qassam sobre território israelense.

Stephen Zunes, especialista da Universidade de San Francisco, disse com todas as letras: *foi uma enorme, enorme provocação, e agora me parece que o objetivo era mesmo fazer com que o Hamas rompesse o cessar-fogo*. Amigo leitor: nada, nada, nada disso foi relatado pela mídia ocidental. É como se a invasão do 04 de novembro não tivesse acontecido.

Por que Israel escolheu o dia 04 de novembro para romper a trégua? Ora, caro leitor, lembre-se do que **acontecia** nos EUA no dia 04 de novembro. Não é difícil adivinhar. O obviedade **é gritante**.

⁹⁹http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/carta_aberta_de_professores_brasileiros_sobre_o_bombard_eio_israelense_a_universidade_em_gaza.php

¹⁰⁰http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/relator_da_onu_expulso_por_israel_confirma_uso_de_bombas_de_fosforo_contra_civis.php

¹⁰¹

http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/jimmy_carterContaComoIsraelRompeuOcessarFogo.php

Outro *link* autorreferencial recorrente é o que aponta para *posts* anteriores específicos que dialogam com o tema discutido. O artigo publicado “Se o Hamas não existisse, por Jennifer Loewenstein¹⁰²”, publicado na íntegra no *blog* e que afirma que Israel realizaria ataques a Gaza independente do partido que estivesse no comando do governo do território, é *linkado* quando Avelar fala das divergências com o partido:

Nenhuma das nossas divergências internéticas tinha a ver com o Hamas. Eu e ela coincidíamos, sempre, na avaliação do que é positivo e do que é negativo no Hamas, e também na avaliação do pouco que essa organização islamista-nacionalista-palestina tem a ver com o genocídio atual perpetrado por Israel. Tudo isso, ‘Jennifer já explicou’¹⁰³.

Já o caminho para o *post* com o texto de Loewenstein volta a ser indicado em outro momento, através do *link* “história catastrófica que se inicia em 1948¹⁰⁴”, como forma de contextualizar a relação entre palestinos e israelenses desde a Resolução 181 da ONU.

3.4 *Link* multimídia

Links para áudios, vídeos e fotos, juntos ou separados, formam a categoria multimídia. Esta categoria é também um exemplo de uso explícito das possibilidades hipertextuais que os *blogs* permitem. Dos 148 *links* tabelados, 12 receberam esta denominação, o que representa 8,11% do total analisado.

Em sua maioria, os *links* multimídia têm como papel, além de informar, ilustrar os textos, sensibilizar os leitores e reafirmar a crítica ao ataque. Colocada logo no início do *post* “‘Estão bombardeando 1,5 milhão de pessoas enjauladas’¹⁰⁵”, a foto abaixo exerce as três funções.

¹⁰²http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/israel_nao_tem_nenhuma_intencao_de_admitir_um_estad_o_palestino_se_o_hamas_nao_existisse_por_jennifer.php

¹⁰³http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/atualizacao_com_singularidade.php

¹⁰⁴http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/glossario_macabro_da_ocupacao_1_conflito.php

¹⁰⁵

http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/estao_bombardeando_15_milhao_de_pessoas_enjauladas.php

Figura 24, fotografia presente no post ““Estão bombardeando 1,5 milhão de pessoas enjauladas””



Aproveitando o fato de que em um *blog* o autor é editor de si próprio e tem total liberdade sobre o conteúdo publicado (RODRIGUES, 2006), Avelar mostra imagens e vídeos fortes, com foco nas vítimas do ataque. Os mortos ganham rostos. No *post* “As crianças de Gaza¹⁰⁶”, uma série de fotografias mostra prédios destruídos, ruas cobertas de sangue, pessoas feridas e mortos, principalmente crianças.

¹⁰⁶ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/as_crianças_de_gaza.php

Figura 25: frame do vídeo presente no post “As crianças de Gaza”



Os *links* multimídia também são usados como forma de corroborar a crítica da cobertura do ataque realizada pela mídia, constante no *blog*. Os vídeos e as fotos mostram versões que, segundo Avelar, não têm espaço fora de *blogs* e veículos independentes.

É o caso do vídeo presente no *post* ““Estão bombardeando 1,5 milhão de pessoas enjauladas”¹⁰⁷”. Nele, um médico norueguês narra a situação de um hospital na Faixa de Gaza e filma a emergência, com pessoas feridas chegando a todo o momento, algumas tendo que ser atendidas no chão por falta de espaço.

107

Figura 26: frame do vídeo presente no post “Estão bombardeando 1,5 milhão de pessoas enjauladas”



Após apresentar o narrador, Avelar afirma que ele está “no meio do inferno em Gaza, dando notícias reais, ao invés de repetir os boletins de imprensa do exército de Israel que vemos na grande mídia” e finaliza com uma chamada direta aos repórteres, “aprendam, jornalista-zinhos”.

3.5 Link instituições

O *link* instituição trata de ONGs, organizações governamentais de caráter humanitário e demais instituições. Na amostra, ele aparece nove vezes o que equivale a 6,04% do total.

Na maioria das vezes, o *link* instituição é utilizado como forma de situar as fontes citadas. No *post* “Carta aberta de Uri Avnery a Barack Obama” um artigo de Uri Avnary é transcrito inteiro. Ao final, Avelar apresenta Avnary: “esta é uma carta aberta escrita por Uri Avnery, 85 anos, ex-deputado do Knesset, soldado que ajudou a fundar Israel em 1948 e que há décadas ‘milita pela paz’[*link*]¹⁰⁸”. A informação de que ele faz parte da ONG

¹⁰⁸ http://www.idelberavelar.com/archives/2008/12/carta_aberta_de_uri_avnery_a_barack_obama.php

israelense pró-palestina Gush Shalom¹⁰⁹ soma-se à descrição através de um *link* na frase “milita pela paz”.

O mesmo acontece no *post* “Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino: Se o Hamas não existisse, por Jennifer Loewenstein” em que é transcrito um artigo de Loewenstein. O *link* instituição amplia a descrição da professora, ao enviar o leitor à Universidade em que ela leciona através das palavras “*Wisconsin em Madison*”:

Figura 27: trecho do post “Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino (...)”

*Jennifer Loewenstein é Diretora Associada do Centro de Estudos do Oriente Médio de uma das principais universidades públicas norte-americanas, a de **Wisconsin em Madison**. Ela trabalhou durante meses, em 2002, no Centro Al Mezan de Direitos Humanos, em Gaza. Retornou a Gaza várias vezes desde então. Original, em inglês, **aqui**. Tradução ao português de Idelber Avelar. Ilustrações, **daqui**.*

O *link* instituição também aparece quando estas são citadas nominalmente. No *post* “Mais bombardeios a escolas”, uma menção à Agência Socorro da ONU é acompanhada por um *link* para o seu *site* oficial.

Figura 28: trecho do post “Mais bombardeios a escolas”

Mais bombardeios a escolas

Pelo menos 42 palestinos que se abrigavam numa escola das Nações Unidas, no campo de refugiados de Jabaliya, foram mortos na terça-feira à tarde, depois de bombardeios de tanques israelenses. Centenas de palestinos aterrorizados, desesperadamente tentando escapar das bombas, haviam buscado abrigo lá, pressupondo que uma escola claramente marcada não seria um alvo.

Outro prédio da ONU, a escola Ash-Shouka, em Rafah, no sul da Faixa de Gaza, foi bombardeado na segunda-feira à noite. A **Agência de Socorro** da ONU, antes do início do massacre, havia cedido às autoridades israelenses todas as coordenadas GPS de suas instalações em Gaza.

¹⁰⁹ <http://gush-shalom.org/>

3.6 *Links* quebrados

Um *link* é considerado quebrado quando não é possível tecer o caminho até o nó que ele indicava originalmente. Não é incomum encontrar *links* quebrados na internet devido à volatilidade do meio, em que *sites* são abertos e fechados todos os dias. Da mesma forma que é muito fácil criar um *blog* (GRUMET, 2003), é fácil deletá-lo. Dos 149 *links* analisados, dez estavam quebrados. Frente ao total tabelado, este tipo de *link* representa 7,38% da amostra.

Seis *links* quebrados estão no *post* “Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel, escreveu – e apagou – um *blog* racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação¹¹⁰”. Nele, Avelar repercute a denúncia de que uma das jornalistas responsáveis pela cobertura da Rede Globo de televisão mantinha um *blog* com conteúdo altamente racista e anti-palestino.

O *post* linka aos arquivos do *blog*, já que o *site* foi apagado pela autora devido a sua repercussão negativa. Uma atualização posterior ao período analisado explica que os *links* não existem mais: “Atualização do dia 12/01: *links* agora quebrados, já que a jornalista mandou retirar os arquivos do seu antigo *blog* da *Wayback Machine*¹¹¹”.

¹¹⁰ e ¹⁰

http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/correspondente_da_globo_no_orient_medio_foi_do_exercito_de_israel_escreveu_e_apagou_um_blog_racista.php

Figura 29: post “Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel, escreveu – e apagou – um blog racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação”

Mas acontece que a atual correspondente da Globo, Renata Malkes, assinou durante anos um blog em que se compilam algumas das coisas mais horrendas, racistas, bélicas e desumanizadoras que já se escreveu em lusitana língua blogueira. Ela **apagou o blog**. Mas acontece que na internet **ficam arquivos**. Cito, com um pouco de nojo:

Aqui, ela celebra o fato de ter sido escolhida como "blog de guerra". **Aqui**, ela descamba para o racismo anti-árabe puro e simples. **Aqui** a generalização é "árabe mentiroso" e **aqui** ela celebra a entrada no exército de ocupação. Os arquivos do que essa moça assinou são uma **monstruosidade racista**.* O selinho que ela tinha no blog dizia, com uma imagem de um árabe ao fundo, associado à figura de um terrorista, claro: *não lhes dê um estado*.

Hoje, na Globo, ela **assina um blog que se quer "ponderado"**, que "mostra os dois lados". No compartimento hipocritamente nomeado "nossos vizinhos palestinos", o primeiro que há é um link quebrado. É a farsa da nossa mídia.

Valeu, **Cloaca**.

* **Atualização do dia 12/01**: links agora quebrados, já que a jornalista mandou retirar os arquivos do seu antigo blog da Wayback Machine.

Apesar de não ser possível acessar os nós apontados, em alguns *links* podemos deduzir - pelas palavras *linkadas* e pelas mensagens de erro que aparecem quando tentamos reproduzir o caminho quebrado - que eles pertenciam a *blogs* que foram apagados. Isso corrobora a já citada preferência do autor por conteúdos provenientes da *blogosfera*.

3.7 Outros

Com 20 aparições, os *links* do tipo “Outros” se referem a nós que não estão diretamente ligados com a construção do conteúdo dos *posts* e, portanto, com o foco da pesquisa. No entanto, apesar de representar 13,42% da amostra, estes *links* não descaracterizam o “Biscoito Fino” como *blog*.

Ainda no primeiro capítulo deste trabalho, citamos Blood (2000), que nos lembra que o termo *blog* foi utilizado pela primeira vez para definir um *site* especializado em relacionar *links* interessantes. A própria idéia de um espaço que reúne *links* é uma das

definições primordiais de *blog*. Dessa forma, não há problema em indicar nós que sejam apenas interessantes do ponto de vista do autor ou realizem um serviço para o leitor.

Em sua maioria, os *links* categorizados como “Outros” no *blog* “Biscoito Fino” se referem a páginas de livros do *site* especializado em venda de livros *Amazon*¹¹². No *post* “Carta aberta de acadêmicos americanos ao Presidente Eleito Barack Obama¹¹³” há quatro *links* desse tipo, indicando livros de três professores citados. Os *links* não deixam de ser uma forma de situar os leitores em relação à relevância dos nomes citados. No *post* “Nota editorial sobre o *blog*¹¹⁴”, Avelar recomenda, para quem quiser discutir a questão palestina, o livro *The Ethnic Cleansing of Palestine*, linkando o livro no *site Amazon*.

Já no *post* “Palestinos no *Facebook*” categorizamos quatro *links* como “Outros”, por se tratarem de *links* indicando páginas do *site* de relacionamento que não continham nenhum conteúdo específico. Os *links* são apresentados por Avelar com um pedido para que os leitores prestassem solidariedade à população palestina vítima do ataque, o que retoma uma característica observada nos *links* multimídia: a tentativa de sensibilização das pessoas.

¹¹² www.amazon.com

¹¹³ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/carta_aberta_de_academicos_americanos_ao_presidente_e_leito_barack_obama.php

¹¹⁴ http://www.idelberavelar.com/archives/2009/01/nota_sobre_a_politica_editorial_do_blog.php

Figura 30: post “Palestinos no Facebook”

Palestinos no Facebook

Já há alguns meses, recolho quase diariamente, via **Facebook**, relatos de palestinos vivendo sob o horror da ocupação colonial ou no desterro dos campos de refugiados. Se você é membro da **comunidade** do Biscoito no Facebook, e não está listado como **meu amigo**, fique à vontade para enviar uma solicitação (uma linha de auto-apresentação ajuda).

A partir daí, se quiser, você poderá enviar solicitações também aos palestinos listados como amigos meus. Uma das características mais recorrentes que tenho visto em meus contatos com palestinos, ao longo dos anos, é o forte **desejo de dar testemunho** daquilo que vivem. Um alô em inglês quebrado mesmo -- tipo *I'm Brazilian, interested in the Palestinian cause. I'd like to be in touch and learn more about Palestine* -- será invariavelmente recebido com alegria, gratidão e disposição ao diálogo. O Brasil tem enorme prestígio na Palestina.

Algumas das comunidades do Facebook dedicadas à causa palestina são:

I condemn the Israeli attacks on Gaza.

Let's collect 500,000 signatures.

Palestinians on Facebook.

Para o fórum de cada comunidade, a recomendação do blog, claro, é que se evite bater boca com trolls defensores das chacinas da ocupação israelense. Em qualquer rede de relações sociais, por incrível que pareça, há gente dedicada a fazer isso. A dica é estabelecer o contato individualizado com o potencial amigo que lhe interessar, com uma palavra de interesse e carinho. A partir daí, converse, ouça.

Durante o ataque de Israel a Gaza, a cobertura jornalística tradicional se deteve nos números do conflito – números de mortos, de casas destruídas, etc. -, enquanto que o “Biscoito Fino”, apesar de também apresentar números, buscou principalmente depoimentos daqueles que presenciaram o ataque.

Ao analisar a amostra categoria por categoria e não *post a post*, conseguimos observar mais claramente essa preferência e identificar a participação dos diversos tipos de *links* na construção da informação dos *posts*. Ao buscar fontes de diversos espaços na Internet, cruzando vozes oficiais com vozes pessoais, o autor corrobora com a multivocalidade dos *blogs* e acaba por permitir ao leitor uma forma de checar as informações que apresenta.

Na tabela abaixo é possível enxergar de forma mais clara a distribuição dos *links*:

N ^a	tipo de <i>link</i>	subcategorias			%
36	<i>link</i> jornalístico				24,16%
	18	jornalístico/reportagem			
	9	jornalístico/artigo			
	9	jornalístico/agência de notícias ou veículo			
45	<i>link</i> blog				34,43%
	21	<i>link</i> blog/informativo			
	7	<i>link</i> blog/testemunhal			
	17	<i>link</i> blog/pessoal			
16	<i>link</i> autorreferencial				10,73%
12	<i>link</i> multimídia				8,11%
9	<i>link</i> instituições				6,04%
10	<i>link</i> quebrados				7,38%
20	outros				13,42%

Apesar dos textos dos *posts* estarem por si só bem fundamentados, há uma preocupação do autor em permitir que o leitor busque a versão original. A preponderância das informações provenientes de *blogs* deve-se à idéia do autor da necessidade de buscar fontes alternativas de informação frente à cobertura da mídia tradicional. Dessa forma, ele torna o próprio “Biscoito Fino” uma fonte alternativa de informação. Através das possibilidades hipertextuais presentes no *blog*-ferramenta ele reforça a multivocalidade desse tipo de *site*, usando as mais diversas vozes possíveis para relatar o ocorrido.

Considerações finais

A idéia deste trabalho partiu de uma suposição simples, alimentada pelas horas passadas em frente a *sites* de agências de notícias internacionais para ajudar a construir a editoria de mundo do “Jornal do Comércio”, de Porto Alegre: de que os *blogs* seriam capazes de fazer jornalismo, e no caso do ataque de Israel a Gaza, um jornalismo melhor que o produzido pelos meios de comunicação tradicionais.

Com o decorrer da pesquisa, identificar se os *blogs* eram capazes de fazer jornalismo ou não tornou-se desnecessário. A qualidade da informação e a forma como ela era construída nesses *sites* se sobrepôs à pergunta inicial, nos levando a considerar em primeiro plano os *links* presentes dentro dos *posts*. A escolha do *blog* “O Biscoito Fino e a Massa” também se deu em virtude do seu conteúdo, exaltado por diversos outros *sites* do tipo, e do espaço reduzido de pesquisa que constitui uma monografia de final de curso.

A questão palestina costuma ser tratada de forma delicada pelos meios de comunicação tradicionais, que evitam tomar posicionamento. Nos *blogs* acontece o contrário. Como a presença do autor é muito forte e o mesmo é o editor do *site*, a opinião é parte integrante do texto e quase uma obrigação. Durante o ataque de Israel a Gaza no fim de 2008 foi possível perceber uma espécie de “insurreição informacional”, como define Avelar, por parte dos *blogs* que se uniram para disseminar informações sobre o ataque. Em geral os *posts* vinham acompanhados de frases de repúdio ao ataque, considerado um verdadeiro massacre ao povo palestino. A informação parecia construída coletivamente através de *links* tanto para outras partes da *blogosfera* que tratavam do assunto quando para *sites* noticiosos tradicionais.

No entanto, antes de entrar na pesquisa empírica foi necessário tecer uma fundamentação que nos permitisse enxergar de que forma a presença dos *links* nos *blogs* contribuiu para a construção da informação. No primeiro capítulo, ao buscar o histórico dos *blogs* e do hipertexto, foi possível perceber a evolução na credibilidade depositada nessas tecnologias. O *blog*, que nos seus primórdios era descartado por ser considerado apenas um diário pessoal, hoje é utilizado para os mais diversos fins – até a presidência da república criou um *site* desse tipo. O hipertexto foi aprimorado, modificando as possibilidades informativas das páginas da Internet.

Enquanto buscávamos informações sobre *blogs* percebemos também a necessidade de defini-los. Há tantos *sites* que se colocam como *blogs* que não é exagero quando Träsel (2009) diz que, se os pesquisadores não entrarem em consenso logo sobre uma definição, o objeto corre o risco de se diluir frente aos outros meios. Ao estudar os diversos conceitos de *blog* a aproximação de um conceito próprio terminou por dar-se de forma natural.

Um *blog* não pode ser definido pela ferramenta que o produz. É necessário pensá-lo a partir do conteúdo que apresenta, estando esse conteúdo exposto em textos curtos repletos de *links* ou não. No caso do “Biscoito Fino”, estão presentes todas as principais características desse tipo de *site* elencadas anteriormente, mais uma preocupação do autor com seus leitores, expressa no cuidado que tem em indicar a fonte das suas informações através dos *links*.

O segundo capítulo, que contou com a difícil tarefa de apresentar resumidamente o conflito entre palestinos e israelenses, permite entender o porque das falas por vezes alteradas de Avelar nos *posts*. Trata-se de uma história em que um dos lados tem menos voz que o outro, e essa voz é cerceada por questões como diferença de poder econômico e o próprio desconhecimento que o Ocidente tem do Oriente.

O conflito entre palestinos e israelenses sempre é apresentado pela mídia junto a uma tentativa de mostrar os dois lados em condições semelhantes. O próprio termo conflito corrobora essa idéia. No entanto, não se tratam de dois lados com forças iguais. Os *blogs* que realizaram a cobertura do ataque e em especial o “Biscoito Fino”, da onde partiu nossa análise empírica, partem desse princípio e têm preferência por dar voz a fontes que recebem pouca atenção da mídia tradicional.

No terceiro capítulo realizamos a análise dos diferentes tipos de *links* presentes nos *posts* e da forma como eles contribuem para a construção da informação. Se não fosse pelos *links*, os leitores precisariam recorrer a outros *sites* para buscar informações e confirmação sobre o que leram. Os *links* ampliam essa leitura, apontado assuntos que não foram desenvolvidos no *post* e permitindo ao leitor tecer a sua própria opinião. Nós, como leitores habituados a ler textos na tela do computador, deixamos de perceber a evolução na leitura propiciada pela escrita hipertextual que permite congrega uma série de dados de diversas espécies – textos, mapas, vídeos, etc.-, em um mesmo espaço.

Da amostra analisada podemos destacar diversos fatores. No entanto, o que mais chama a atenção é a forte crítica que Avelar faz à mídia tradicional, reiterada durante todo o período observado. Desta crítica partem tanto o preenchimento dos *posts* com *links* das mais diversas fontes informativas, quanto considerações que instigam os leitores a buscar outras formas de se informar. Esta busca é considerada uma necessidade frente à conjuntura informativa atual e coincide com a percepção de Ramonet (2005), para quem a imprensa nunca foi perfeita, mas também nunca foi tão difícil obter informação de qualidade.

Durante este trabalho buscamos compreender de que forma os *links* participavam da construção da informação no *blog* “O Biscoito Fino e a Massa”. Ao chegar ao fim da pesquisa, é possível perceber que, ao apresentar *links* das mais diversas fontes e, principalmente, dar voz a fontes deixadas de lado pela mídia tradicional, o “Biscoito Fino” trata de seguir o que propõe reiteradamente aos seus leitores: que busquem informações diferenciadas, que as analisem, que tentem situar os fatos além do que a mídia situa.

Por fim, o “Biscoito Fino” terminou por converter-se em um imenso documento do ataque israelense. Apesar da temporalidade da Internet, é como se o *blog* dissesse, “nós estamos vendo o que está acontecendo e não vamos nos esquecer”. Avelar tece um documento contra a injustiça e contra o esquecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana, RECUERO, Raquel, MONTARDO, Sandra. *Blogs: mapeando um objeto*. 2009. Disponível em: <http://www.sobreblogs.com.br/blogfinal.pdf> Acesso em 10/09/2009

AQUINO, Maria Clara. Um resgate histórico do hipertexto: O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes. 2006. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/aquino-maria-clara-resgate-historico-hipertexto.pdf>. Acesso em 20/09/2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BLOOD, Rebecca. *Weblogs: a History and Perspective*. 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso:16/09/2009

CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: Considerações gerais sobre jornalismo na web*. 2001. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/listas/tematica.php?codtema=94>. Acesso em: 27/09/2009.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*/ Luiz Antônio Marcuschi, Antônio Carlos Xavier (orgs.). - 2.ed. - Rio de Janeiro:Lucerna, 2005.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na *blogosfera*. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.31, n.1, p. 29-49, jan./jun. 2008

CLEMESHA, Arlene. A retirada da Faixa de Gaza e a armadilha política de Israel na Palestina. 2007. Disponível em: http://www.gtehc.pro.br/Textos/a_retirada_de_israel_da_faixa_de_gaza.pdf. Acesso em 28/9/2009.

COSCARELLI, Carla Viana. *Hipertexto e subversão: um diálogo com Andrea Ramal*. FALE/UFGM. Belo Horizonte. 2003. Disponível em <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEhptxramal.pdf>. Acesso em 3/10/2009.

<http://oldweblogscomblog.scripting.com/historyOfWeblogs>. Acesso:16/9/2009

EDO, Concha. La noticia en internet: cibermedios, *blogs* y entornos comunicativos emergentes. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/listas/tematica.php?codtema=94>. Acesso em 17/09/2009

ENDERLIN, Charles. *Shattered dreams: the failure of the peace process in the Middle East, 1995-2002*. New York: Other Press LLC, 2003. Tradução de Susan Fairfield. Disponível em http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=a3XfsUSR0yUC&oi=fnd&pg=PR11&dq=Enderlin,+Charles+e+Fairfield,+Susan.&ots=Q5G5UaOHYB&sig=9n-JtmQK0Hcot6_vQY3Zpk6INk#v=onepage&q=Enderlin%2C%20Charles%20e%20Fairfield%2C%20Susan.&f=false. Acesso em 14/10/2009.

GOMES, Aura Rejane. *A questão da Palestina e a Fundação de Israel*. 2001. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo.

ESCOBAR, Juliana. *Blogs como nova categoria de webjornalismo*. 2009. Disponível em: <http://www.sobreblogs.com.br/blogfinal.pdf>. Acesso em 22/09/2009

ESTALELLA, Adolfo. *Anatomía de los blogs. La jerarquía de lo visible*. 2005. Disponível em: <http://cendoc.esan.edu.pe/Pregrado/guias/metodologia/redes/Anatom%C3%ADa.pdf>. Acesso em 7/10/2009.

FINKELSTEIN, Norman G. *Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina*. Rio de Janeiro: Record, 2005

FOLETTTO, Leonardo. *Os weblogs como elementos propulsores do alargamento do campo jornalístico*. 2007. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Santa Maria.

FOLETTTO, Leonardo. *O blog jornalístico: definição e características na blogosfera brasileira*. 2009. Dissertação apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <http://www.scribd.com/doc/20861245/O-Blog-Jornalístico-definicoes-e-características-na-blogosfera-brasileira>. Acesso em 9/10/2009

GARFUNKEL, Jon. “*Blogs: differing definitions*”. *Civilities*, 20/07/2004. Disponível em: <http://civilities.net/OnBlogs>. Acesso em 22/09/2009.

GRUMET, Andrew. *Deep Thinking about Weblogs*, in Andrew Grumet's Homepage, junho de 2003. Disponível em: <http://grumet.net/writing/web/deep-thinking-about-weblogs.html>. Acesso em 19/09/09

HERSCOVITZ, Heloiza G. *Análise de conteúdo em jornalismo*. In: LAGO, C. & BENETTI, M. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

JUNIOR, Ferdinand Miranda Reis. *O link como fator de coerência em hipertextos noticiosos brasileiros e alemães*. 2007. Dissertação apresentada à Universidade de São Paulo.

LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

MIELNICZUK, Luciana. O Link como Recurso da Narrativa Jornalística Hipertextual. 2007. Disponível em <http://ciberjor.files.wordpress.com/2007/09/o-link-como-recurso-da-narrativa-jornalistica-hipertextual.pdf>. Acesso em 27/09/2009.

MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. Tese apresentada à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na Web: o link como elemento paratextual. 2001. online. Disponível em http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuck_linkparatextual.pdf. Acesso em 27/09/2009.

MONTERICE, Érica Simone. Um estudo sobre o hipertexto eletrônico. 2001. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Juiz de Fora.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. Revista Educação. Porto Alegre. Nº 37. Março 1999.

ORIHUELA, José Luis. La revolución de los *blogs*. 1ed. Madrid: La esfera de los libros, 2006.

ORIHUELA, José Luis. Los *weblogs*: de la revolución a la consolidación. Disponível em < <http://chasqui.comunica.org/85/orihuela85.htm> >. 2004. Acesso em 7/10/2009. 2007

OZ, Amós. Contra o Fanatismo. 2ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004

PRIMO, Alex.; SMANIOTTO, Ana. M. R. Comunidades de *blogs* e espaços conversacionais. Prisma.com, v. 3, p. 1-15, 2006. Disponível em <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/insanus.pdf>. Acesso em 17/09/2009.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. Revista da Famecos, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

PRIMO, Alex. Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva. Fronteiras: Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos *Blogs* e da Wikipédia. Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003.

PRIMO, Alex ; RECUERO, Raquel da Cunha . A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. Líbero (FACASPER), v. IX, p. 83-93, 2006.

PRIMO, A.; RECUERO, Raquel da Cunha; ARAÚJO, Ricardo Matsumura. Co-links: proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. *Revista fronteira*, v. VI, n. 1, p. 91-113, 2004.

RAMONET, Ignacio. Medios de comunicación en crisis. *Le Monde Diplomatique*, janeiro de 2005. Disponível em <http://www.geocities.com/lospobresdelatierra2/altermedia/ramonet200105.html>. Acesso em 19/09/09

RIBEIRO, Ana Elisa. Leituras sobre hipertexto: trilhas para o pesquisador. XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, nov. 2006. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Leituras%20sobre%20hipertexto.pdf>. Acesso em 2/10/2009.

RODRIGUES, Catarina. *Blogs e a fragmentação do espaço público*. Covilhã: Livros Labcom, 2006.

SALEM, Helena. *Palestinos, os novos judeus*. Rio de Janeiro: Eldorado-Tijuca, 1977:72.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SILVA, Antonio Ozaí. A favor dos palestinos, contra o maniqueísmo! *Revista Espaço Acadêmico*, nº 93, fevereiro de 2009

SOARES, Jurandir. *Israel x Palestina: as raízes do ódio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1989.

STORCH, Laura Strelow. *Bloggin News? Uma análise das notícias online nos jornais e weblogs*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas.

TEIXEIRA, João Pedro Pitombo. *Os blogs e a grande imprensa no Brasil: Tensões e simbioses*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal da Bahia.

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,1873524,00.html>, 07.01.2009

The Gaza Strip: A Humanitarian Implosion, relatório realizado pela Amnesty International, Care International UK, Cafod, Christian Aid, Medecins du Monde UK, Oxfam, Save the Children UK e Trocaire. 2008. Disponível em http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/06_03_08_gaza.pdf. Acesso em 28/09/2009

Anexos

sexta-feira, 09 de janeiro 2009

Um link importante

Uma das boas fontes para acompanhar a chacina contra o povo palestino tem sido o [Twitter da Al Jazeera](#) (em inglês). Há boa informação também no [site da emissora](#). A Al Jazeera [relata](#) que a Câmara dos Deputados americana aprovou uma moção, por 390 votos a 5, que afirma que "Israel tem o direito de se defender contra os ataques de Gaza". A esse ponto chega o cinismo.

Um ilha de dignidade em meio às mentiras patrocinadas pelo lobby pró-Israel, o deputado Dennis Kucinich, de Ohio, perguntou-se: *como reivindicar autodefesa num ataque contra Gaza, que não tem exército, marinha ou força aérea?*

Escrito por Idelber às 18:26 | [link para este post](#)

Israel continua disparando contra ambulâncias

Mohammed Shaheen, um voluntário com o Crescente Vermelho Palestino, estava na primeira das ambulâncias que chegaram ao local da explosão em Zeitoun, desde que ela foi ocupada e depois bombardeada pelo exército israelense. O seu testemunho confirma os relatos dos sobreviventes do clã Al Samouni, publicados primeiro pelo Telegraph, que diziam que eles temiam que entre 60 e 70 membros haviam sido mortos.

“Dentro da casa dos Samouni eu vi cerca de 10 corpos e do lado de fora outros 60”, disse o Sr. Shaheen. “Não fui capaz de contá-los exatamente, porque não havia muito tempo e estávamos procurando feridos. Encontramos quinze pessoas ainda vivas mas feridas, então as levamos para as ambulâncias. Vimos um bulldozer militar israelense destruindo casas na região, mas já não tínhamos tempo e os soldados israelenses começaram a disparar contra nós.”



Como confirma o [artigo do Telegraph](#), cerca de 100 membros do clã Samouni receberam ordens de soldados israelenses para que se reunissem naquela casa, logo que Zeitoun foi tomada, no sábado à noite. Ali mesmo, dezenas foram triturados.

O relato de Mohammed Shaheen confirma também, pela milésima vez, o que já sabemos: a política israelense de disparar contra ambulâncias.

Escrito por Idelber às 16:53 | [link para este post](#)

Tempo dos virtuosos, por Gideon Levy

Essa guerra, talvez mais que as anteriores, está expondo as veias profundas da sociedade de Israel. Racismo e ódio erguem a cabeça, a sede de vingança e de sangue. A "tendência do comando" no exército de Israel hoje é matar, "matar o mais possível", nas palavras dos porta-vozes militares na televisão. E ainda que falassem dos combatentes do Hamas, ainda assim essa disposição seria sempre horrenda.

A fúria sem rédeas, a brutalidade é chamada de "exercitar a cautela": o apavorante balanço do sangue derramado – 100 palestinos mortos para cada israelense morto é um fato que não está levantando qualquer discussão, como se Israel tivesse decidido que o sangue dos palestinos valesse 100 vezes menos que o sangue dos israelenses, o que manifesta o inerente racismo da sociedade de Israel.

Direitistas, nacionalistas, chauvinistas e militaristas são o bom-tom da hora. Ninguém fale de humanidade e compaixão. Só na periferia ouvem-se vozes de protesto - desautorizadas, descartadas, em ostracismo e ignoradas pela imprensa -, vozes de um pequeno e bravo grupo de judeus e árabes.

Além disso tudo, soa também outra voz, a pior de todas. A voz dos cínicos e dos hipócritas. Meu colega Ari Shavit parece ser o seu mais eloquente porta-voz. Essa semana, Shavit escreveu neste jornal ("Israel deve dobrar, triplicar, quadruplicar a assistência médica em Gaza" - Haaretz, 7/1): "A ofensiva israelense em Gaza é justa (...). Só uma iniciativa imediata e generosa de socorro humanitário provará que, apesar da guerra brutal que nos foi imposta, nos lembramos de que há seres humanos do outro lado."

Para Shavit, que defendeu a justiça dessa guerra e insistiu que Israel não poderia deixar-se derrotar, o custo moral não conta, como não conta o fato de que não há vitória possível em guerras injustas como essa. E, na mesma frase, atreve-se a falar dos "seres humanos do outro lado".

Shavit pretende que Israel mate e mate e, depois, construa hospitais de campanha e mande remédios para os feridos? Ele sabe que uma guerra contra civis desarmados, talvez os seres mais desamparados do mundo, que não têm para onde fugir, é e sempre será vergonhosa.

Continue lendo **[Tempo dos virtuosos](#)**, de Gideon Levy, um legítimo herdeiro do humanismo judaico, lá no **[Amálgama](#)**.

Escrito por Idelber às 15:46 | [link para este post](#)

Glossário macabro da ocupação, 2: “equilíbrio”, “ponderação”, “ver os dois lados”

Qualquer bom profissional da área de Letras, com um mínimo de formação em retórica, poderá lhe explicar, caro leitor, como seria relativamente simples escrever um panfleto racista que parecesse “ponderado”, uma monstruosidade pró-Apartheid que soasse “equilibrada”, uma justificativa do colonialismo mais bárbaro que parecesse estar “vendo os dois lados”. Basta ir fazendo um pingue-pongue pretensamente neutro entre verdugo e vítima, e você engana os incautos.

No caso das discussões acerca da catástrofe que assola o povo palestino desde 1948 e, muito especialmente, desde 1967, esses termos, “ponderação”, “equilíbrio”, constituem a faceta mais perversa do glossário macabro. O nosso jornalista “ponderado” dirá: *sim, é verdade que Israel usa força desproporcional, mas o Hamas provocou com os foguetes*, omitindo que a “trégua” -- e eu já expliquei **[aqui](#)** e **[aqui](#)** porque uso aspas nesse termo -- foi rompida no dia 04 de novembro por Israel, com uma invasão seguida de sete assassinatos. O jornalista “equilibrado” dirá: *sim, é verdade que os israelenses estão bombardeando Gaza por motivos eleitorais, mas o Hamas não é muito melhor*, omitindo o fato de que quando a liderança incontestada dos palestinos era a secular OLP de Arafat, a política de extermínio e desumanização de Israel era absolutamente a mesma. Ou seja, como **[já explicou](#)** a especialista Jenniffer Loewenstein, o Hamas não tem nada a ver com o bombardeio a Gaza. Qualquer liderança que os palestinos construíssem,

e que não compactuasse com sua escravização, estaria sofrendo o mesmíssimo massacre.

Nada tenho contra quem escreve sobre o tema com temperatura menos fervente que a minha. Mas não é essa temperatura que determina a forma como avalio o texto. Julgo-o, principalmente, por sua determinação em buscar a verdade. E o filistinismo da “ponderação” muitas vezes não está nem um pouco interessado na verdade, e sim em parecer “equânime” e bonitinho.

Há muita gente bem intencionada que acredita nessa história de “ver os dois lados”. Em qualquer conversa minimamente civilizada, alguém que se propusesse a estudar o nazismo ou o Apartheid “vendo os dois lados” seria ridicularizado. Mas ante a catástrofe palestina, esse filistinismo pretensamente neutro tem ampla circulação. Há jornalistas que, presenciando o nosso horror ante a chacina em Gaza, falam de “indignação seletiva”. Ora, o que teríamos que fazer para que nossa indignação não fosse “seletiva”? Chorar pelos soldados israelenses que estão com as unhas encravadas?



"um lado"

Uma vez, convidei um defensor das chacinas israelenses a uma conversa sobre o monumental trabalho historiográfico de [Ilan Pappé](#), que demonstra a expulsão, o confisco e a política explícita de limpeza étnica contra os palestinos, tudo exaustivamente documentado. A resposta dele foi que lia o livro de Pappé tendo ao lado um texto de Alan Dershowitz. Em qualquer Faculdade de História minimamente séria, tal justaposição seria motivo de gargalhada ou ridicularização. Você não justapõe o trabalho de um historiador que passou anos desenterrando os fatos aos escritos raivosos de um ideólogo pró-Ocupação. Se você nunca leu Pappé ou Dershowitz, imagine que um historiador brasileiro propusesse um curso sobre a ditadura militar, utilizando as pesquisas de Elio Gaspari e Jacob Gorender, e alguém dissesse que para que o curso fosse “equilibrado”, seria necessário incluir o Manual de OSPB da ditadura militar.

É esse filistinismo pretensamente neutro que grassa sobre o sangue do povo palestino.



"o outro lado". ([crédito](#))

Por isso, o Biscoito Fino e a Massa trabalha com um axioma bastante simples: **ante a barbárie inominável, ante o crime contra a humanidade, qualquer “ponderação” entendida nos termos acima é um gesto de cumplicidade com o verdugo**. Por isso, aqui no Biscoito não há “ponderação”. Por isso, aqui não há “dois lados” porra nenhuma. Nós temos um lado: a busca da verdade. E em épocas de bárbarie, a verdade costuma estar do lado das vítimas.

Escrito por Idelber às 15:03 | [link para este post](#)

Best Blogs Brasil 2008

O Biscoito Fino e a Massa está entre os dez finalistas do Best Blogs Brasil na categoria política. Para votar, é só [clique aqui](#). O cadastro é simples e rápido.

Seria impossível agradecer individualmente a todos os blogs que estão me ajudando na cobertura da matança israelense em Gaza, mas deixo o link da [repercussão](#) com o agradecimento a todos.

Logo que eu conseguir algumas horas de sono, publico o segundo verbete do [glossário macabro](#). As palavras e expressões escolhidas são "ponderação", "equilíbrio" e "ver os dois lados".

Escrito por Idelber às 04:57 | [link para este post](#)

Um PDF para quem quer estudar

Alguns dos constantes comentários sobre a Palestina Ocupada são de que “tudo é muito confuso”, “é uma briga milenar” ou “não entendo por que judeus e árabes não se entendem”. Confesso que não tenho muita paciência para esse tipo de comentário, por mais bem intencionado que ele seja.

De “milenar”, caro leitor, esse massacre não tem nada. Ele tem data, bonitinho, para começar: 1948, com a expulsão de 750.000 palestinos de suas terras. Depois, outra data: 1967, o início da ocupação ilegal das terras que não pertencem a Israel. E não são “judeus e árabes” que não se entendem. Eles se entendem muito bem nas ruas de Nova York ou de São Paulo. É de uma ocupação militar estrangeira sobre um povo que estamos falando.

Se você tem interesse em estudar um capítulo importante dessa história – a construção do muro do Apartheid, que rouba mais terras palestinas e separa vilas e cidades palestinas umas das outras --, o Biscoito recomenda o trabalho feito pela Coordenação de Questões Humanitárias das Nações Unidas. Se você tem paciência para baixar um PDF pesadinho (com muitos mapas), [clique aqui](#).

Mesmo sem ser cartógrafo, é possível observar a imensa crueldade do Muro do Apartheid. É só procurar, nos mapas, a “linha verde”. Essa é a linha do armistício de 1967, que define as fronteiras dentro das quais Israel é um país legalmente reconhecido pela comunidade das nações. Agora, procure a linha grossa vermelha que é o muro. Observe como o muro, por exemplo, elimina qualquer contato entre Ramallah – capital provisória da Autoridade Palestina – e Jerusalém Oriental. A distância entre as duas cidades? 10 quilômetros.

[Clique aqui](#) para baixar o PDF e estudar a cartografia do horror.

Escrito por Idelber às 04:25 | [link para este post](#)

Uma mulher de dignidade infinita

Todos se lembram da imagem do rapaz chinês enfrentando os tanques na Praça Tiananmen, em 1989. A imagem correu o globo, em parte porque interessava ao mundo ocidental mostrar as (mui reais, diga-se) violações dos direitos humanos na China. Os incontáveis heróis populares palestinos -- e, muito especialmente, suas heroínas -- não têm a mesma sorte, dado o interesse das potências ocidentais em esconder sua cumplicidade com a política de limpeza étnica de Israel.

Vejam a determinação com que essa mulher enfrenta, de peito aberto, à frente de uma população desarmada, as baionetas do exército sionista de ocupação. Vejam a determinação nos seus olhos. Vejam como os soldados da ocupação evitam o contato visual, envergonhados, desumanizados pela tarefa de verdugos:

(valeu, [Mello](#))

Escrito por Idelber às 03:39 | [link para este post](#)

Jimmy Carter conta como Israel rompeu o cessar-fogo



O escalão superior do Hamas em Damasco, no entanto, concordou em considerar um cessar-fogo em Gaza desde que Israel promettesse não atacar e permitisse a entrega de ajuda humanitária aos cidadãos palestinos.

Depois de extensas discussões, os líderes do Hamas também aceitaram qualquer acordo de paz que pudesse ser negociado entre os israelenses e o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, que também lidera a OLP, desde que fosse aprovado pela maioria dos palestinos em um referendo ou por governo de unidade eleito.

Uma vez que éramos apenas observadores, não negociadores, passamos a informação aos egípcios e eles buscaram uma proposta de cessar-fogo. Depois de cerca de um mês, os egípcios e o Hamas nos informaram que a ação militar dos dois lados e os foguetes iam parar em 19 de junho, por um período de seis meses, e que a ajuda humanitária seria restaurada ao nível normal que existia antes da retirada de Israel em 2005 (cerca de 700 caminhões por dia).

Fomos incapazes de confirmar isso em Jerusalém por causa da decisão de Israel de não admitir qualquer negociação com o Hamas, mas os lançamentos de foguetes logo pararam e houve aumento na entrega de comida, água, remédios e combustível. Ainda assim o aumento foi para cerca de 20% do nível original [de 700 caminhões]. E esse cessar-fogo frágil foi parcialmente rompido em 4 de novembro, quando Israel lançou um ataque em Gaza ([fonte](#) em português; original em inglês [aqui](#)).

Nesse ataque, Israel assassinou sete palestinos. A posição do Biscoito Fino e a Massa é de que jamais houve “trégua” nenhuma, pois não se pode falar de trégua quando uma população vive enjaulada, sem ter sequer o direito de recolher seus impostos ou controlar suas fronteiras. Mas mesmo que usemos o termo “trégua” no sentido em que a mídia, em geral, utiliza-o para se referir à **Palestina Ocupada** -- ou seja, “trégua” consiste em que os palestinos continuem vivendo calados, como escravos, nas suas próprias terras --, mesmo assim, o **fato**, a **verdade**, é que a trégua foi rompida por Israel, quando invadiu Gaza no dia 04 de novembro e assassinou sete palestinos, depois de meses inteiros em que o Hamas não havia lançado rojões Qassam sobre território israelense.

Stephen Zunes, especialista da Universidade de San Francisco, disse com todas as letras: *foi uma enorme, enorme provocação, e agora me parece que o objetivo era mesmo fazer com que o Hamas rompesse o cessar-fogo*. Amigo leitor: nada, nada, nada disso foi relatado pela mídia ocidental. É como se a invasão do 04 de novembro não tivesse acontecido.

Por que Israel escolheu o dia 04 de novembro para romper a trégua? Ora, caro leitor, lembre-se do que **acontecia** nos EUA no dia 04 de novembro. Não é difícil adivinhar. O obviedade **é gritante**.

Escrito por Idelber às 03:18 | [link para este post](#)

Glossário macabro da ocupação, 1: “conflito”

O Biscoito Fino e a Massa começa hoje a publicar um **glossário macabro da ocupação**: uma análise de como as palavras são usadas para mascarar, distorcer, esconder. A primeira escolhida é o termo “conflito”.

Ao definir “conflito”, Houaiss usa os sinônimos “choque” e “enfrentamento”. Certamente, podem existir conflitos entre fortes e fracos. A simetria perfeita de

forças não é um requisito para a aplicabilidade do termo. Mas se você vir um garoto de 15 anos sendo espancado por cinco brutamontes, você dificilmente usará a palavra “conflito” para descrever o que acontece.

Pode ser, caro leitor, que em algum momento da **história catastrófica que se inicia em 1948**, a palavra “conflito” possa ter tido algum grau de aplicabilidade. Mas observar as cenas de Gaza, o massacre de civis, as bombas de fósforo branco contra crianças, o bombardeio de escolas e o enjaulamento de 1,5 milhão de pessoas realizado pelo exército israelense, e ainda assim falar de “conflito israelo-palestino” é de um cinismo inominável ou de uma distração imperdoável.

O nome correto é *matança. Chacina. Carnificina*. Promovida por uma *ocupação militar*. Jornalistas, por favor, dêem o nome correto às coisas.

Escrito por Idelber às 02:25 | [link para este post](#)

quinta-feira, 08 de janeiro 2009

Kanouté: Um cartão amarelo que dignifica o futebol



Ao marcar um gol ontem, na partida contra o Deportivo La Coruña, pela Copa do Rei, da Espanha, o atacante malinês Frederic Kanouté, do Sevilla, mostrou uma camisa com a inscrição **Palestina**, num gesto de solidariedade ao povo banhado em sangue. Aí na foto, com ele, o seu companheiro de equipe brasileiro, Luis Fabiano. O árbitro Mateu Lahoz, cumprindo as regras, exibiu o cartão amarelo a Kanouté no reinício do jogo. O gesto de Kanouté **correu o mundo**.

Pode até levar uma multa da Federação Espanhola, mas já inscreveu seu nome na história, ao lado de Muhammad Ali, Tommie Smith e John Carlos.

Escrito por Idelber às 21:48 | [link para este post](#)

Relembrando um notável judeu



Não é a imagem dos netos libertos, mas a dos ancestrais escravizados a que nos inspira, [ensinou Walter Benjamin](#), esse genial pensador judeu que nunca caiu no conto do sionismo.

Escrito por Idelber às 10:04 | [link para este post](#)

Atualização, com singularidade

Já são mais de 700 mortos palestinos.



Preciso dar algum link para confirmar? Palestinas, as mortes essas que se medem às centenas ou aos milhares, com o filistinismo calculando qual era a porcentagem de "civis" entre os cadáveres, como se existissem militares numa nação que não tem estado.

Neste momento, de verdade, em que só vejo a mídia calcular qual porcentagem desses mortos "eram civis", só consigo pensar em um possível cadáver, só um.

Ibi, minha amiga de Gaza, sumiu da internet. Evidentemente. Já não há água nem luz em Gaza, quanto mais internet. Ainda não pude averiguar se Ibi está morta ou viva. Eu gostava, gosto muito dela. Nenhuma das nossas divergências internéticas tinha a ver com o Hamas. Eu e ela coincidíamos, sempre, na avaliação do que é positivo e do que é negativo no Hamas, e também na avaliação do pouco que essa organização islamista-nacionalista-palestina tem a ver com o genocídio atual perpetrado por Israel. Tudo isso, **Jennifer já explicou**.

Eu e **Ibi** saíamos na porrada mesmo sobre **Tears for Fears**. Ela gostava de Tears for Fears. Eu insistia em que ela ouvisse **Joy Division** com mais atenção. O retrato que você, leitor, recebe de Gaza pela mídia é absolutamente incapaz de imaginar isso: eu, 40, brasileiro-americano; Ibi, 21, moderna, árabe, inteligente, poliglota, secular e fã do Tears for Fears.

Se houver confirmação da morte -- ou da vida -- da minha amiga **Ibi**, eu aviso aqui.

PS: O que é absurdamente comovente nesses momentos é ver os amigos palestinos de Hebron, Ramalá, Nablus, Jerusalém Oriental Ocupada, etc. preocupando-se -- eles, que estão vivendo em situação tão difícil -- com o fato de que eu (que estou, obviamente, em situação bem confortável) possa ter perdido uma amiga.

Escrito por Idelber às 09:20 | **[link para este post](#)**

Correspondente da Globo no Oriente Médio foi do exército de Israel,

escreveu – e apagou – um blog racista, belicista, anti-árabe e pró-ocupação

Quem faz essa acusação de racismo, caro leitor, é o blogueiro que assina o Biscoito – talvez o blog que mais abertamente, junto com o **LLL**, discutiu questões raciais no Brasil nos últimos anos. Este blogueiro jamais, ao longo de 4 anos, milhões de visitas, centenas de discussões e dezenas de milhares de comentários, jamais, jamais acusou alguém de racista, de ter ponto de vista racista, de escrever algo racista. Com a autoridade de quem jamais fez isso, **eu acuso agora**.

Nada do mérito das descobertas que se seguem é meu, que fique claro. O mérito é **todo do Cloaca News, que deu o furo**. Eu simplesmente resumo a história com as minhas palavras.

A Globo tem uma “correspondente” no “Oriente Médio”, Renata Malkes, que, obviamente, fica em Israel. Até aí, tudo normal. Já estamos acostumados a um relato que diz “aqui” para se referir a uma matança que, na verdade, ocorre num “ali” ao qual o repórter não tem acesso. O “aqui” se refere ao lugar em que a matança é planejada, não ao lugar em que a matança ocorre. Até aí, reitero, tudo normal. “Israel” e “Palestina”, os dois lados, como dizem os jornalistas “ponderados”.

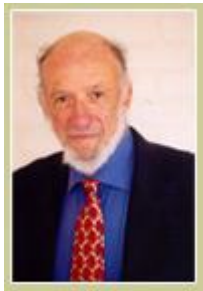
Mas acontece que a atual correspondente da Globo, Renata Malkes, assinou durante anos um blog em que se compilam algumas das coisas mais horrendas, racistas, bélicas e desumanizadoras que já se escreveu em lusitana língua blogueira. Ela **apagou o blog**. Mas acontece que na internet **ficam arquivos**. Cito, com um pouco de nojo:

Aqui, ela celebra o fato de ter sido escolhida como "blog de guerra". **Aqui**, ela descamba para o racismo anti-árabe puro e simples. **Aqui** a generalização é "árabe mentiroso" e **aqui** ela celebra a entrada no exército de ocupação. Os arquivos do que essa moça assinou são uma **monstruosidade racista**.* O selinho que ela tinha no blog dizia, com uma imagem de um árabe ao fundo, associado à figura de um terrorista, claro: *não lhes dê um estado*.

Hoje, na Globo, ela **assina um blog que se quer "ponderado"**, que "mostra os dois lados". No compartimento hipocritamente nomeado "nossos vizinhos palestinos", o primeiro que há é um link quebrado. É a farsa da nossa mídia.

Valeu, **Cloaca**.

* **Atualização do dia 12/01**: links agora quebrados, já que a jornalista mandou retirar os arquivos do seu antigo blog da Wayback Machine.



Relator da ONU expulso por Israel confirma uso de bombas de fósforo contra civis

Entre a sua infindável repetição de boletins de imprensa do exército israelense e a igualmente infindável reiteração dos clichês “ponderados”, que olham “os dois lados” do “conflito”, a Folha de São Paulo conseguiu, reconhecemos, imprimir uma matéria decente nesta quinta-feira. Não é do “enviado” a Israel, mas da reportagem local: uma entrevista com o Professor Emérito de Princeton University, [Richard Falk](#), que foi nomeado pela ONU relator para a situação humanitária nos territórios palestinos.

Falk é gringo de ascendência judaica. Foi nomeado pela ONU. Ao tentar chegar à Cisjordânia, [Palestina Ocupada](#), via Israel, Falk foi enjaulado por 15 horas e chutado para fora de lá. O argumento? Aquele, velho: seu relatório seria “enviesado” [*biased*]. O detalhe é que não lhe foi dada a possibilidade de escrever o relatório. Trechos da [entrevista](#) (link para assinantes):

FOLHA - O Hamas infiltrou organizações humanitárias?

FALK - É uma acusação absurda. A ONU é muito rigorosa no esforço constante de se manter à distância de movimentos políticos. Mas como o Hamas é a principal força em Gaza, é possível que indivíduos isolados tenham algum tipo de simpatia com o Hamas, nada mais.

FOLHA - Há quem ache exagero falar em crise humanitária.

FALK - É uma das mais graves crises humanitárias da história recente. O pior é Israel impedir os civis de abandonarem Gaza. Os israelenses estão usando armas muito sofisticadas, algumas delas ilegais, como bombas de fósforo e projéteis que entram decepando o corpo. Israel também não provê suprimentos básicos e remédios, numa violação clara do direito humanitário internacional que representa um crime de guerra e contra a humanidade. Os responsáveis devem ser julgados.

No que se refere a essas armas químicas conhecidas como bombas de fósforo, caro leitor – lembra-se que a invasão do Iraque foi justificada com a cantilena de que Saddam Hussein supostamente tinha armas químicas e de destruição em massa? -- , a história se repete com a tediosa previsibilidade de sempre. Para benefício de quem não acompanha o assunto há vinte e cinco anos, resumamos: primeiro, as vítimas denunciam que Israel está usando bombas de fósforo, que causam queimaduras químicas e são proibidas pela Convenção de Genebra. Depois, **aparecem fotos** que provam que Israel usou bombas de fósforo contra civis. Que as vítimas diziam a verdade.



O próximo passo também é conhecido por quem acompanha o assunto há tempos: Israel **nega o uso da gerigonça**, mesmo tendo o relator das Nações Unidas, um professor judeu emérito de Princeton, confirmado o crime de guerra. Na última vez em que Israel aterrorizou o sul do Líbano, foi a mesma coisa. O resultado: as **vítimas diziam a verdade** e o próprio exército de Israel reconheceu. Quer brincar de Google, caro leitor? Faça uma busca com "Israel denies" e "phosphorous" e depois outra busca com "Israel admits" e "phosphorous".

Você verá Tio Google documentando um filminho que se repete com a tediosa e macabra previsibilidade de um pesadelo recorrente para quem acompanha o assunto há décadas.

Mas, mesmo assim, se você fuçar a grande mídia, você encontrará: “alega-se” que Israel “possa ter usado” bombas de fósforo. Na melhor das hipóteses, você encontrará que "acredita-se que" (veja só, **neste artigo**, a luta entre a imagem e o texto).

Os crimes de guerra israelenses com bombas de fósforo são fato documentado, fotografado e comprovado. Crime de guerra. Crime contra a humanidade. Não há outro nome, jornalistas.

Quem deliberadamente tenha lançado fósforo contra civis pode terminar sendo julgado pelo Tribunal de Haia. O fósforo branco também é uma arma utilizada para difundir terror. Essas palavras não são de um blogueiro atleticano de extrema-esquerda ou de um simpatizante do Hamas. São de Charles Heyman. Quem é Charlie? **Ex-major do exército britânico.**

Escrito por Idelber às 05:39 | [link para este post](#)

Três espaços indispensáveis em português

Se você não lê nada de inglês ou de outras línguas e se informa só em português, não deixe de acompanhar, enquanto durar o horror sofrido pelo povo de Gaza e de toda a Palestina, três espaços que estão oferecendo textos, links, análises e informações de qualidade certamente superior aos da grande imprensa brasileira: **Agência Carta Maior**, **Amálgama** e **RS Urgente**.

Salaam, Marco, Daniel e equipe. **César Animot** também está lá, atento, com ótimos links.

PS: Brétemas é um blog em galego – essa língua tão bela e tão absurdamente parecida com a nossa – que também tem acompanhado a matança genocida em Gaza.

Escrito por Idelber às 04:49 | [link para este post](#)

O êxodo de Rafah: Mais um testemunho blogueiro



Um pouco antes da meia-noite, começaram a despejar mísseis sobre Rafah, num dos ataques aéreos israelenses mais pesados desde que se iniciaram as atuais atrocidades. Os bombardeios caíram sobre o sul da Cidade de Gaza por mais de 12 horas. Muitas casas foram destruídas ou severamente danificadas, especialmente nos bairros ao longo da fronteira com o Egito.

Os moradores desses bairros relataram um massivo lançamento de panfletos pelos aviões israelenses esta tarde. Os papéis ordenavam que eles deixassem suas casas nas áreas que vão da linha de fronteira de volta até a Rua do Mar, a rua principal que atravessa o coração de Rafah, paralelamente à fronteira. Essa é uma área de centenas de metros de comprimento e milhares de casas. A maioria dessas áreas são de campos de refugiados; os moradores passaram a ser refugiados a partir das demolições em massa de suas casas em 2003 e 2004 pelos tratores militares israelenses D-9.

Rafah Kid é um jovem palestino de Gaza, [testemunha do horror em seu blog](#). Rafah Kid também mantém um Flickr, com [fotos da devastação](#) causada pelo exército invasor.

Escrito por Idelber às 03:47 | [link para este post](#)

quarta-feira, 07 de janeiro 2009

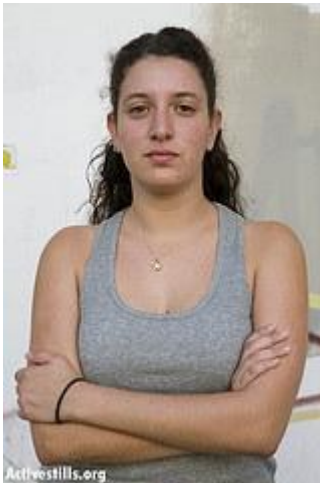
A dignidade infinita dos Shministim

Eu já rascunhava um post sobre esses bravos garotos, mas o [RS Urgente chegou primeiro e já disse tudo](#):

Os Shministim são jovens estudantes israelenses, todos com idade entre 16 e 19 anos, no final do segundo grau. Eles recusam o alistamento no exército de Israel por objeção de consciência. Estão presos por isso. Esses estudantes defendem um futuro de paz para israelenses e palestinos e negam-se a pegar em armas. Além da prisão, enfrentam uma enorme pressão da família, de amigos e do governo de Israel. No dia 18 de dezembro foi iniciada uma campanha mundial pela libertação desses jovens.

Traduzo da declaração de Tamar Katz, [no site dos Shministim](#):

Eu me recuso a alistar-me nas forças militares de Israel por objeção de consciência. Não estou disposta a me tornar parte de um exército de ocupação que é invasor de terras estrangeiras há décadas, que perpetua um regime racista de roubo nessas terras, tiraniza civis e torna a vida difícil para milhões sob um falso pretexto de segurança.



Numa época em que o filistinismo, bem ou mal pago, invariavelmente tira do bolso a acusação de anti-semitismo ou, na melhor das hipóteses, a de desconsideração pela "existência de Israel" contra os que criticamos a ocupação ilegal por sua catástrofe humanitária e seus crimes de guerra, esses valentes garotos judeus são uma inspiração ética, um norte moral. Comprometidos com a existência de seu país dentro das fronteiras internacional, legalmente reconhecidas, eles se recusam a servir uma brutal ocupação militar que já dura mais de quatro décadas. Encaram o cárcere e, pior, muitas vezes o opróbrio dentro de seu próprio país. Mas sabem do que falam. Sabem que a ocupação militar e a escravização dos palestinos não tem nada a ver com a “segurança” de Israel.

Você pode mandar uma mensagem de apoio e pedido de libertação para esses bravos garotos lá no [site dos Shministim](#).

Escrito por Idelber às 18:33 | [link para este post](#)

O verdadeiro jornalismo

Mas não é na mídia oficial ocidental, israelense ou árabe que encontrarão alento os que anseiam pelos fatos.

São os relatos de civis, de gente comum que ainda consegue se comunicar com o mundo, que mais chamam a atenção pela crueza e perplexidade com que o horror da guerra é narrado. De acordo com o Technorati, site que indexa posts do mundo inteiro, somente no domingo (4) foram escritos mais de quatro mil textos sobre Gaza mundo afora.

Mídia, blog, cidadãos jornalistas e as notícias de Gaza: um excelente resumo da verdadeira insurreição informacional que estamos presenciando. Está no blog **Escrevinhamentos**.

Escrito por Idelber às 12:10 | [link para este post](#)

Mais bombardeios a escolas

Pelo menos 42 palestinos que se abrigavam numa escola das Nações Unidas, no campo de refugiados de Jabaliya, foram mortos na terça-feira à tarde, depois de bombardeios de tanques israelenses. Centenas de palestinos aterrorizados, desesperadamente tentando escapar das bombas, haviam buscado abrigo lá, pressupondo que uma escola claramente marcada não seria um alvo.

Outro prédio da ONU, a escola Ash-Shouka, em Rafah, no sul da Faixa de Gaza, foi bombardeado na segunda-feira à noite. A **Agência de Socorro** da ONU, antes do início do massacre, havia cedido às autoridades israelenses todas as coordenadas GPS de suas instalações em Gaza.

A notícia completa, em inglês, **aqui**.

Escrito por Idelber às 04:06 | [link para este post](#)

Israel não tem nenhuma intenção de admitir um estado palestino: Se o Hamas não existisse, por Jennifer Loewenstein

Palestinian and Jewish land 1946



Deixemos uma coisa perfeitamente clara. Se a degradação e a mutilação por atacado da Faixa de Gaza for continuar; se a vontade de Israel é uma com a dos Estados Unidos; se a União Européia, a Rússia, as Nações Unidas e todas as organizações e agências legais internacionais espalhadas pelo globo vão continuar sentadas como manequins ociosos sem fazer nada a não ser os repetidos “chamados” por um “cessar-fogo” de “ambos os lados”; se os covardes, obsequiosos e supinos Estados Árabes vão continuar de braços cruzados vendo seus irmãos serem trucidados de hora em hora enquanto a Super-Potência valentona do mundo olha-os ameaçadoramente de Washington, no caso de que digam qualquer coisinha que a desgoste; então vamos pelo menos dizer a verdade sobre por que está tendo lugar este inferno na terra.

O terror de estado disparado neste momento dos céus e do chão contra a Faixa de Gaza não tem nada a ver com o Hamas. Não tem nada a ver com o “Terror”. Não tem nada a ver com a “segurança” a longo prazo do Estado Judeu ou com o Hezbolá, a Síria ou o Irã, exceto na medida em que agrava as condições que levaram até a crise de hoje. Não tem nada a ver com alguma conjurada “guerra” -- um eufemismo cínico e gasto que não representa mais que a escravização por atacado de qualquer nação que ouse reclamar seus direitos soberanos; que ouse afirmar que seus recursos são seus; que não queira uma das obscenas bases militares do Império assentada em suas queridas terras.

Esta crise não tem nada a ver com liberdade, democracia, justiça ou paz. Não é sobre Mahmoud Zahhar ou Khalid Mash'al ou Ismail Haniyeh. Não é sobre Hassan Nasrallah ou Mahmoud Ahmadinejad. Eles são todos peças circunstanciais que ganharam um papel na tempestade atual só agora, depois de que se permitiu por 61 anos que a situação se desenvolvesse até a catástrofe que é hoje. O fator islamista coloriu e continuará a colorir a atmosfera da crise; ele alistou líderes atuais e mobilizou amplos setores da população do mundo. Os símbolos fundamentais hoje são islâmicos – as mesquitas, o Alcorão, as referências ao profeta Maomé ou à Jihad. Mas esses símbolos poderiam desaparecer e o impasse continuaria.

Houve uma época em que o Fatah e a FPLP eram a bola da vez, quando poucos palestinos queriam ter qualquer coisa a ver com políticas ou medidas islamistas. Esta política não tem nada a ver com foguetes primitivos sendo lançados do outro lado da fronteira ou com túneis de contrabando ou com o mercado negro de armas, assim como o Fatah de Arafat tinha pouco a ver com as pedras e os atentados suicidas a bomba. As associações são contingentes; criações de um dado ambiente político. Elas são o resultado de algo completamente diferente do que os políticos mentirosos e seus analistas estão lhe dizendo. Elas se tornaram parte da paisagem dos acontecimentos humanos no Oriente Médio de hoje; mas incidências tão letais, ou tão recalcitrantes, mortais, enraivecidas ou incorrigíveis poderiam muito bem ter estado em seus lugares.



Descasque os clichês e o blá-blá-blá estridente e vazio da mídia servil e de seu patético corpo de servidores estatais voluntários no mundo ocidental e o que você encontrará é o desejo nu de hegemonia, de poder sobre os fracos e de domínio sobre a riqueza do mundo. Pior ainda, você encontrará o egocentrismo, o ódio e a indiferença, o racismo e a intimidação, o egoísmo e o hedonismo que tentamos tanto mascarar com nosso jargão sofisticado, nossas teorias e modelos acadêmicos refinados, que na verdade ajudam a guiar nossos desejos mais feios e baixos. A insensibilidade com que nos rendemos a eles já é endêmica à nossa cultura; nela floresce como moscas sobre um cadáver.

Descasque os atuais símbolos e linguagem das vítimas dos nossos caprichos egoístas e devastadores e você encontrará os gritos desafetados, simples e cheios de paixão dos pisoteados; dos “condenados da terra” implorando para que você cesse sua agressão fria contra suas crianças e seus lares; suas famílias e seus vilarejos; implorando que os deixe em paz para que tenham seu peixe e seu pão, suas laranjas, suas olivas e seu tomilho; pedindo primeiro educadamente e depois com crescente descrença no porquê de você não poder deixá-los viver sem serem incomodados nas terras de seus ancestrais, sem serem

explorados, livres do medo de serem expulsos, violados ou devastados; livres dos carimbos e dos bloqueios de estrada e dos postos policiais de controle e cruzamentos; dos monstruosos muros de concreto, torres de guarda, bunkers de concreto e arame farpado; dos tanques, das prisões, da tortura e da morte. Por que é impossível a vida sem essas políticas e instrumentos do inferno?

A resposta é: porque Israel não tem qualquer intenção de permitir um estado palestino viável e soberano ao lado de suas fronteiras. Não tinha qualquer intenção de permiti-lo em 1948, quando arrancou 24% mais terra do que havia sido legal, ainda que injustamente, alocado pela Resolução 181 das Nações Unidas. Não tinha qualquer intenção de permiti-lo ao longo dos massacres e complôs dos anos 1950. Não tinha qualquer intenção de permitir dois estados quando conquistou os 22% que restavam da Palestina histórica em 1967 e reinterpretou a Resolução 248 do Conselho de Segurança da ONU a seu bel prazer, apesar do esmagador consenso internacional que estabelecia que Israel receberia completo reconhecimento internacional dentro de fronteiras reconhecidas e seguras se recuasse das terras que havia recentemente ocupado.

Não tinha qualquer intenção de reconhecer direitos nacionais palestinos nas Nações Unidas em 1974, quando – sozinho com os Estados Unidos – votou contra uma solução biestatal. Não tinha qualquer intenção de permitir um acordo de paz completo quando o Egito estava pronto para realizar, mas só recebeu, e obedientemente aceitou, uma paz separada que excluía os direitos dos palestinos e dos outros povos da região. Não tinha nenhuma intenção de trabalhar na direção de uma solução biestatal justa em 1978 ou em 1982, quando invadiu, bombardeou, esmigalhou e demoliu Beirute para que pudesse anexar a Cisjordânia sem ser incomodado. Não tinha qualquer intenção de admitir um estado palestino em 1987, quando a primeira Intifada se espalhou pela Palestina Ocupada, na Diáspora e nos espíritos dos despossuídos do mundo, ou quando Israel deliberadamente auxiliou o nascente movimento Hamas, como forma de implodir a força das facções mais seculares-nacionalistas.

Israel não tinha qualquer intenção de admitir um estado palestino em Madrid ou em Oslo, quando a OLP foi superada pela trêmula e titubeante Autoridade Palestina, muitos de cujas chapas perceberam a riqueza e o prestígio que ela lhes dava, às custas dos seus. Enquanto Israel alardeava nos microfones e satélites do mundo o seu desejo de paz e de uma solução biestatal, ele mais que duplicava os assentamentos colonizadores judeus, ilegais, nas terras da Cisjordânia e em volta de Jerusalém Oriental, anexando-as na medida em que construía e continua a construir uma superestrutura de estradas e autopistas sobre as cidades e vilarejos sobreviventes, picotados da Palestina. Anexou o Vale do Jordão, a fronteira internacional da Jordânia, expulsando quaisquer dos “nativos” que habitassem a terra. Fala com uma língua de víbora sobre os múltiplos amputados da Palestina, cujas cabeças serão logo arrancadas do corpo em nome da justiça, da paz e da segurança.

Através das demolições de casas, dos ataques à sociedade civil que tentavam lançar a cultura e a história palestinas num abismo de esquecimento; através da indizível destruição dos cercos aos campos de refugiados e dos bombardeios à infraestrutura na Segunda Intifada, através dos assassinatos e das execuções sumárias, pela grandiosa farsa do desengajamento até a nulificação das eleições livres, democráticas e justas da Palestina, Israel já nos fez saber qual é a sua visão, uma e outra vez, na linguagem mais forte possível, a linguagem do poder militar, das ameaças, das intimidações, do acosso, da difamação e da degradação.

Israel, com o apoio aprovador e incondicional dos Estados Unidos, já deixou dramaticamente claro ao mundo todo, várias vezes, repetindo em ação atrás de ação que não aceitará um estado palestino viável ao lado de suas fronteiras. O que mais é preciso para que escutemos? O que será necessário para terminar com o silêncio criminoso da “comunidade internacional”? O que será preciso para ver mais além das mentiras e da doutrinação acerca do que tem lugar diante de nós, dia após dia, claramente, no raio de visão dos olhos do mundo? Quanto mais horrorosas as ações no terreno, mais insistentes são as palavras de paz. Ouvir e assistir sem escutar nem ver permite que a indiferença, a ignorância e a cumplicidade continuem e aprofundem, a cada túmulo, a nossa vergonha coletiva.

A destruição de Gaza não tem nada a ver com o Hamas. Israel não aceitará qualquer autoridade nos territórios palestinos que ele, em última instância, não controle. Qualquer indivíduo, líder, facção ou movimento que não aceda às exigências de Israel ou que busque genuína soberania e igualdade de todas as nações da região; qualquer governo ou movimento popular que exija a aplicabilidade da lei humanitária internacional e a declaração universal dos direitos humanos para seu próprio povo será inaceitável para o Estado Judeu. Aqueles que sonham com um estado devem ser forçados a perguntarem-se: o que Israel fará



com uma população de 4 milhões de palestinos **dentro** de suas fronteiras, quando comete crimes diários, se não a cada hora, contra a humanidade coletiva deles enquanto eles vivem **ao lado** de suas fronteiras? O que fará mudar de repente a razão de ser, o autoproclamado objetivo e razão de existência de Israel se os territórios palestinos forem anexados a ele totalmente?

O sangue de vida do Movimento Nacional Palestino jorra hoje pelas ruas de Gaza. Cada gota que cai rega a terra da vingança, do ressentimento e do ódio não só na Palestina, mas em todo o Oriente Médio e em boa parte do mundo. Nós temos uma escolha sobre se isso deverá continuar ou não. Agora é a hora de escolher.

*Jennifer Loewenstein é Diretora Associada do Centro de Estudos do Oriente Médio de uma das principais universidades públicas norte-americanas, a de **Wisconsin em Madison**. Ela trabalhou durante meses, em 2002, no Centro Al Mezan de Direitos Humanos, em Gaza. Retornou a Gaza várias vezes desde então. Original, em inglês, **aqui**. Tradução ao português de Idelber Avelar. Ilustrações, **daqui**.*

Escrito por Idelber às 03:23 | [link para este post](#)

terça-feira, 06 de janeiro 2009

As crianças de Gaza

Do milhão e meio de pessoas que estão enjauladas sob bombardeio em Gaza, quase 50% é composta de crianças de menos de 15 anos de idade. Os palestinos, e muito especialmente os palestinos de Gaza, são regularmente submetidos a um dos maiores horrores imagináveis: pais e mães enterrando crianças trucidadas por massacres militares.

O vídeo que se segue vale a pena ser visto:

Uma das experiências que as vítimas costumam relatar como das mais dolorosas é a de presenciar o filho assistindo o enterro do irmão, como na foto abaixo:



(crédito)

Já são, confirmadas, **pelo menos oitenta e nove crianças mortas** pela chacina israelense, além, claro, das milhares de fisicamente feridas e das centenas de milhares traumatizadas psicologicamente de forma severa, talvez irrecuperável.

Atualização: Fotos do massacre das crianças de Gaza.

Escrito por Idelber às 21:48 | [link para este post](#)

Palestinos no Facebook

Já há alguns meses, recolho quase diariamente, via **Facebook**, relatos de palestinos vivendo sob o horror da ocupação colonial ou no desterro dos campos de refugiados. Se você é membro da **comunidade** do Biscoito no Facebook, e não está listado como **meu amigo**, fique à vontade para enviar uma solicitação (uma linha de auto-apresentação ajuda).

A partir daí, se quiser, você poderá enviar solicitações também aos palestinos listados como amigos meus. Uma das características mais recorrentes que tenho visto em meus contatos com palestinos, ao longo dos anos, é o forte **desejo de dar testemunho** daquilo que vivem. Um alô em inglês quebrado mesmo -- tipo *I'm Brazilian, interested in the Palestinian cause. I'd like to be in touch and learn more about Palestine* -- será invariavelmente recebido com alegria, gratidão e disposição ao diálogo. O Brasil tem enorme prestígio na Palestina.

Algumas das comunidades do Facebook dedicadas à causa palestina são:

**I condemn the Israeli attacks on Gaza.
Let's collect 500,000 signatures.
Palestinians on Facebook.**

Para o fórum de cada comunidade, a recomendação do blog, claro, é que se evite bater boca com trolls defensores das chacinas da ocupação israelense. Em qualquer rede de relações sociais, por incrível que pareça, há gente dedicada a fazer isso. A dica é estabelecer o contato individualizado com o potencial amigo que lhe interessar, com uma palavra de interesse e carinho. A partir daí, converse, ouça.

Estará fazendo jornalismo mais verdadeiro que aquele de que tem sido capaz a grande mídia.

Escrito por Idelber às 21:15 | [link para este post](#)

Amálgama inicia traduções do Electronic Intifada

No décimo dia de sua agressão na Faixa de Gaza, as Forças de Ocupação Israelenses (FOI) aumentaram significativamente suas operações militares, atingindo principalmente alvos civis, particularmente casas. Ataques aéreos e bombas de artilharia atingiram dezenas de casas. As FOI também atingiram instalações médicas e ambulâncias. Uma equipe da Defesa Civil foi alvejada enquanto tentava apagar o incêndio que se seguiu ao bombardeio de uma clínica.

A invasão terrestre das FOI na Faixa de Gaza se expandiu, na medida em que tropas e tanques desembarcaram vindos do mar ao sul da Cidade de Gaza. Setenta e sete pessoas foram mortas nos ataques das FOI entre 1:00pm do dia 4 e 2:30pm do dia 5. Esse número inclui 21 crianças e nove mulheres. Além disso, uma equipe de resgate médico foi morta durante o mesmo período. Dezenas mais foram feridos, a maioria civis. Atacar bens e pessoas protegidas representa flagrante indiferença às regras do direito internacional que dizem respeito a conflitos armados; particularmente enquanto porta-vozes do exército e do governo israelenses continuam a afirmar que as FOI atingem apenas a infraestrutura militar e combatente.

Aviões israelenses dispararam 15 mísseis ao redor da escola do Colégio Omar Ibn al-Khattab, em Beit Lahia, não muito longe de onde estão as tropas terrestres israelenses. Não recebemos ainda nenhum informe quanto à existência de vítimas.

Às 5:50pm aproximadamente do dia 4 de janeiro, aviões israelenses dispararam mísseis na mesquita Mosab Ibn Omair, em Beit Lahia, norte da Faixa de Gaza, matando três homens. Eles foram identificados como:

- Mohammed Khader Hamouda, 19 anos;
- Ala Zaqout, 28 anos;
- Mohammed Hassan Baba, 30 anos.

O **Amálgama** iniciou **uma série de traduções** do **Electronic Intifada**, com notícias que você não encontrará no nosso pobre jornalismo, enlameado entre o silêncio cúmplice e a distribuição de boletins de imprensa do exército de ocupação.

Parabéns e obrigado ao **Amálgama**.

Escrito por Idelber às 16:07 | [link para este post](#)

"Estão destruindo tudo ... O que dizem as notícias?": O horror de um pai enjaulado em Gaza, no blog da filha



Meu pai falou calma, eloquentemente, na escuridão de Gaza sitiada, só com o fogo das bombas israelenses iluminando o seu mundo: “eles estão destruindo tudo o que é belo e vivo”, ele disse ao âncora. Suas mãos tremiam, ele confessava, enquanto se apoiavam no chão de sua casa, onde eles moviam os colchões para mais longe das janelas, com as explosões ensurdecedoras rasgando o céu negro ao redor, iluminando-o em enormes

de

fogo.

nuvens

[...]

“O que está acontecendo, o que está acontecendo?”, ele repete em tom exausto, hipnótico. “A sensação é que eles bombardearam nossa rua de dentro para fora. Não vejo nada. Não sei o que está acontecendo. O que dizem as notícias?”, ele pergunta freneticamente, desesperado por qualquer migalha de informação que possa fazer sentido do terror que tomou conta dele.

Laila é uma mãe palestina de Gaza, casada com um palestino refugiado e, no momento, "a salvo" na Carolina do Norte, enquanto seu próprio pai **vive o**

inferno em Gaza. As conversas telefônicas entre Laila e seu pai, relatadas pelo post, ocorreram no sábado à noite. Hoje elas já seriam praticamente impossíveis. Imperdível, urgente, o blog: **Diary of a Palestinian Mother**.

Escrito por Idelber às 15:44 | [link para este post](#)

Carta aberta de professores brasileiros sobre o bombardeio israelense a universidade em Gaza

Via amigos gaúchos **Suzana Gutiérrez** e **Marco Aurélio Weissheimer** chega a **Carta Aberta de professores brasileiros** e também hispano-americanos, como Eduardo Galeano, e norte-americanos, como Immanuel Wallerstein, sobre o massacre aéreo à **Universidade Islâmica de Gaza**:

Enquanto a carnificina causada pelo ataque israelense à Faixa de Gaza nos enche de horror, tristeza e indignação, um fato nos obriga a nos manifestar: a destruição da Universidade Islâmica de Gaza. Assim como as universidades católicas e pontifícias em todo o mundo, a Universidade de Gaza é uma instituição dedicada ao ensino e à pesquisa acadêmica. Devido à negação ao acesso e compartimentação da vida nos territórios palestinos, a Universidade Islâmica tornou-se ainda mais importante para a população jovem de Gaza, impedida de cursar faculdades na Cisjordânia, em Israel ou no exterior, inclusive quando são aceitos como bolsistas. A Universidade atende mais de 20.000 estudantes, 60% dos quais são mulheres. Formada por 10 faculdades, oferece cursos de graduação e pós-graduação em educação, religião, arte, comércio, charia, direito, engenharias, ciências, medicina e enfermagem.

Clique aqui para ler a íntegra da carta e **aqui** para assiná-la.

O bombardeio e a destruição deliberados das instalações de uma universidade situada numa faixa de terra que é uma verdadeira prisão ao ar livre e que -- sabiam-no mui cinicamente os bem informados serviços de inteligência israelenses -- não abrigava arma nem rojão nenhum, configura uma daquelas ações para as quais o termo *crime de guerra* é um pobre, patético, miserável eufemismo.

Abaixo vai a foto do protesto realizado em **Birzeit University** há alguns dias. Birzeit é uma notável universidade situada perto de Ramalah, Cisjordânia, **Palestina Ocupada**:



*(Post dedicado a M.S., estudante de comércio em Birzeit. Imaginam o que é estudar **comércio** na Palestina Ocupada, jornalistas e mídia? Não? Então imaginem).*

Escrito por Idelber às 13:44 | [link para este post](#)

"Vou lhe contar como ele morreu": Tradução de um blog de Gaza

Trabalhadores médicos de emergência, Arafat Hani Abd al Dayem, 35 anos, e Alaa Ossama Sarhan, 21 anos, tinham atendido o chamado para ir buscar Thaer Abed Hammad, 19, e seu amigo morto Ali, 19, que haviam estado fugindo do bombardeio, quando foram eles mesmos atingidos por disparo de um tanque israelense.

Era pouco depois das 8:30 da manhã de 04 de Janeiro, e eles estavam na região de Attattra, Beit Lahia, noroeste de Gaza, na área da escola americana bombardeada no dia anterior, em que mataram um guarda-noturno civil de 24 anos, destruindo-o, queimando o que restara.



Gemendo de dor, com o pé direito amputado e lacerações de bomba de fragmentação ao longo das costas, de todo o corpo, Thaer Hammad conta como seu amigo Ali foi morto. “Estávamos atravessando a rua, saindo de nossas casas, e aí o tanque disparou. Havia muita gente saindo, não éramos os únicos”. Hammad interrompe seu testemunho, de novo gemendo de dor. Ao longo dos dois últimos dias, desde que a invasão terrestre de Israel e a campanha intensificada de bombardeios começaram, os residentes de toda Gaza têm estado fugindo de suas casas. Muitos não tiveram a chance de escapar, tendo sido pegos dentro de casa, enterrados vivos, esmagados. O médico continua a narrativa: “Depois que foram bombardeados, Thaer não conseguia caminhar. Ele chamou Ali para que o carregasse”. O resto da história é que Ali havia carregado Thaer por alguma distância quando atiraram na cabeça de Ali, bala disparada por um soldado não visto, bem na direção na qual eles fugiam. Ali morto, Thaer ferido, e as pessoas fugindo, a ambulância foi chamada.

Tradução minha de mais um relato em primeira mão que confirma o que já sabemos: no massacre israelense em Gaza, a prática é matar mesmo os civis feridos que estão sendo carregados. O [testemunho](#) vem de mais um blog que você deve acompanhar nos próximos dias, enquanto ele dure: [In Gaza](#).

Escrito por Idelber às 11:31 | [link para este post](#)

segunda-feira, 05 de janeiro 2009

Carta aberta de acadêmicos americanos ao Presidente Eleito Barack Obama

Em 1981, quando o Sr. era aluno de graduação no Occidental College, o Sr. esteve entre os primeiros num corajoso grupo de estudantes e professores que, na época em que a causa ainda era impopular ou desconhecida, clamou por desinvestimento do regime de apartheid na África do Sul. O Sr. sabia que era imperativo exercer pressão sobre um regime racista que, sem escrúpulos, oprimia populações negras e de cor que eram discriminadas, submetidas a leis sobre a passagem e ao controle de todos os seus movimentos, picotadas em bantustões e sujeitas a detenção, tortura e execução extra-judicial. Quando a população negra protestava, como as crianças escolares de Soweto, podia ser sumariamente fuzilada pela polícia ou pelo exército. O Congresso Nacional Africano, sob Nelson Mandela, foi proscrito como movimento terrorista, seus líderes foram encarcerados, torturados e assassinados, e suas guerrilhas encararam o poder esmagador do exército da África do Sul, equipado e treinado em parte pelos Estados Unidos e por seus aliados europeus. [...]

Figuras públicas tão distintas como o Bispo Desmond Tutu e o Presidente Jimmy Carter já reconheceram que Israel também é um regime de apartheid, prática se não nominalmente. A África do Sul, agora uma democracia multi-étnica em funcionamento, era um estado branco para o povo branco. Israel é um estado judeu para o povo judeu. Seus cidadãos não-judeus, a maioria deles árabes palestinos, são discriminados civil e economicamente de numerosas formas. Às populações palestinas despossuídas, vítimas de limpeza étnica, dispersas na diáspora e nos campos de refugiados de Gaza, da Cisjordânia e do Líbano, nega-se o internacionalmente reconhecido direito de retorno. Eles tiveram suas terras e casas tomadas por força “legal” e armada. São submetidas a punição coletiva, prolongados estados de enjaulamento e controle absoluto e deliberadamente destrutivo de seus movimentos diários. Enquanto a África do Sul instituiu leis de passagem, os postos de controle que proliferaram em toda a Cisjordânia e nas saídas de Gaza impedem que estudantes cheguem a suas escolas, que trabalhadores cheguem a seus lugares de trabalho, que lavradores cheguem a suas plantações, que os doentes cheguem aos poucos hospitais que sobrevivem para servi-los.

Os assentamentos colonizadores ilegais que, em desrespeito a todas as leis internacionais acerca de ocupações, proliferaram em toda a Cisjordânia, são feitos para que se tornem “fatos do terreno” permanentes. Eles dividiram o território reconhecidamente palestino em ilhotas segmentadas, em bantustões sitiados, com o intento de impedir um estado palestino contíguo. O assim chamado muro de segurança, ilegalmente construído em território palestino, como reconheceu a própria Corte Suprema de Israel, separou lavradores de suas terras e transformou vilarejos antes prósperos em prisões isoladas. Os bombardeios

aréos e as rotineiras incursões militares israelenses em cidades e campos de refugiados palestinos já mataram incontáveis civis, muitos dos quais crianças. Desde a eleição do Hamas, em eleições abertas e livres, Israel tem sujeitado a população civil de Gaza a um prolongado estado de enjaulamento, com o objetivo de sufocá-la até a submissão, privando-a de água, eletricidade, comida, medicamentos e acesso ao mundo exterior. O ataque mais recente a Gaza, com uso sangrento e desproporcional de força excessiva, não é um ato de auto-defesa, e sim a continuação dramática de uma insidiosa política de extermínio sobre um povo que se recusa a desaparecer.

Cada um desses atos é um crime contra a humanidade.

Esta é uma tradução minha de um trecho da Carta Aberta a Barack Obama intitulada **Teachers against the occupation**, que **assinamos** centenas de professores universitários norte-americanos. Entre os signatários estão **Gayatri Spivak**, **Michael Taussig**, **Paula Rabinowitz** e incontáveis outras figuras de ponta em suas respectivas disciplinas.

Escrito por Idelber às 23:30 | [link para este post](#)

Nota sobre a política editorial do blog

Enquanto a situação em Gaza for de massacre do exército invasor israelense sobre a população civil, este blog deverá funcionar como central de tradução e disseminação de textos, vídeos e informações sobre a matança, com um ritmo bem mais acelerado de postagem e caixas de comentários fechadas. Esta última escolha tem sido, com exceções ocasionais, a mais comum neste blog para o tema da **Palestina Ocupada**. Ela não está em discussão.

O blog recomenda aos que queiram debater o tema aqui num futuro próximo que comecem pela leitura de **The Ethnic Cleansing of Palestine**, de **Ilan Pappé**, livro que será tratado em edição de fevereiro do **Clube de Leituras**.

Escrito por Idelber às 22:38 | [link para este post](#)

Um blog de Gaza

Vittorio me disse ontem ... quando lhe perguntei como ele responde à morte ... ele me disse que já não tem lágrimas para chorar ... que suas lágrimas secaram ... olho para ele sentado diante de mim ... um homem bonito de um metro e oitenta ... trinta e três anos ... sua maior preocupação no mundo: salvá-lo e “permanecer humano”, que é como ele termina [Bomba!] cada artigo que escreve ...



É o **relato** ao vivo dos horrores perpetrados pelo exército israelense na maior prisão ao ar livre do mundo: **Moments of Gaza**.

(valeu, Frank).

Escrito por Idelber às 21:32 | [link para este post](#)

"Estão bombardeando 1,5 milhão de pessoas enjauladas"



(Criança em Gaza. [Crédito](#) da foto)

Bombardearam o mercado central de frutas de Gaza ... ao mesmo tempo, bombardearam um prédio de apartamentos ... é tipo o inferno aqui agora ... já são mais de 500 mortos e 2500 feridos, dos quais 50% são crianças ... há feridas que você não gostaria de ver ... crianças chegando com o abdômen aberto ...

*Entre as centenas que vimos entrando no hospital, **um** era militar do Hamas .. qualquer um que queira apresentar isso como uma guerra contra outro exército está mentindo ... é uma guerra total contra a população civil ... eles estão bombardeando 1 milhão e meio de pessoas que estão enjauladas.*

Quem fala é Mads Gilbert, médico norueguês que está no meio do inferno em Gaza, dando notícias reais, ao invés de repetir os boletins de imprensa do exército de Israel que vemos na grande mídia.

Aprendam, jornalistasinhos.

(via [Juan Cole](#)).

Escrito por Idelber às 20:23 | [link para este post](#)

Uma nova tag

O blog reuniu sob uma mesma tag todos os seus posts sobre a [Palestina Ocupada](#), desde 2005.

Escrito por Idelber às 19:40 | [link para este post](#)

A paz não passa pelo massacre, por Milton Hatoum

O exército de Israel é suficientemente poderoso para destruir todo o Oriente Médio (e, de fato, também para destruir parte importante do ocidente). O único problema é que, até hoje, jamais conseguiu mandar, sequer, no território em que lhe caberia mandar. O mais poderoso exército do mundo está detido, ainda, pela resistência palestina. Como entender essa contradição?

Bem, para começar, Israel jamais trabalhou para construir qualquer paz com os palestinos; jamais usou outro meio que não fossem os meios do extermínio, da limpeza étnica, do holocausto, para matar as populações nativas e residentes históricas na Palestina, desde a fundação do Estado de Israel, em maio de 1948.

Israel expulsou 750 mil palestinos, converteu-os em refugiados e, em seguida, passou a impedir sistematicamente o retorno deles e de seus filhos (hoje, também, já, dos netos deles), apesar das Resoluções da ONU, ao mesmo tempo em que continuou a destruir cidades e vilas, ou - o que é o mesmo - passou a construir colônias de ocupação sobre as ruínas das cidades e vilas palestinas.

Desde 1967, Israel fez tudo que algum Estado poderia fazer para tornar impossível qualquer solução política: colonizou por vias ilegais territórios ocupados por via ilegal e recusou-se a acatar os limites de antes das invasões de 1967; construiu um muro de apartheid; e tornou a vida impossível para a maioria

dos palestinos. Nada, aí, faz pensar em esforço de paz. Antes, é operação continuada e sistemática para a limpeza étnica dos territórios palestinos ocupados ilegalmente.

Assim sendo, se a paz implicar - como implica necessariamente - o fim do mini-império construído por Israel, Israel continuará a fazer o que estiver ao seu alcance para que não haja paz, mesmo que a paz lhe seja oferecida numa bandeja, como a Iniciativa de Paz dos sauditas, recentemente, por exemplo. Outra vez, não se entende: se os israelenses só tinham a esperar esse tipo de oferta, se desejassem alguma paz, porque a rejeitaram, praticamente sem nem a considerar?

Faz tanto tempo que Israel rejeita toda e qualquer possibilidade de paz, que a maioria dos israelenses já nem são capazes de ver que rejeitar a paz converteu-se, para Israel, numa espécie de segunda natureza.

Mas o motivo mais aterrorizante pelo qual nenhuma iniciativa de paz jamais teve qualquer chance de prosperar tem a ver, de fato, conosco, com o ocidente.

Israel continua a ser apoiada pelas democracias ocidentais como uma espécie de força delegada, como batalhão ocidental avançado, implantado na entrada do mundo árabe, mais indispensável, tanto quanto mais dependente do ocidente, que regimes-clientes, como os sauditas e como o Iraque de Saddam até 1990.

Como uma espécie de 'encarnação' da tese do "choque de civilizações" de Huntington, Israel é, como sempre foi, mais exposta ou mais veladamente, um bastião do mundo judeu-cristão, contra os árabes e o Islam.

Isso já era verdade há décadas, mas jamais foi mais verdade do que na última década, quando a Ordem do Novo Mundo entrou em crise terminal, e começou-se a ouvir falar da "Doutrina do Choque", de "Choque e Horror", de várias 'operações' tempestade contra os desertos da Ásia e sempre contra os islâmicos.

Israel, não o Iran, possui armas nucleares e é capaz de usá-las - e várias vezes já ameaçou usá-las. Mas fala-se como se o perigo viesse do Iran, não se Israel. Os que propõem a destruição do Iran são os mesmos mercadores de tragédias que impingiram aos EUA e à Inglaterra o custo altíssimo da guerra do Iraque.

Quem escreve é Haim Bresheeth, professor titular de Estudos sobre Mídia na Universidade de East London, **[citado pelo mais premiado escritor brasileiro contemporâneo, Milton Hatoum.](#)**

terça-feira, 30 de dezembro 2008

Carta aberta de Uri Avnery a Barack Obama



As humildes sugestões que se seguem são baseadas nos meus 70 anos de experiência como combatente de trincheiras, soldado das forças especiais na guerra de 1948, editor-em-chefe de uma revista de notícias, membro do parlamento israelense e um dos fundadores do movimento pela paz:

1) No que se refere à paz israelense-árabe, o Sr. deve agir a partir do primeiro dia.

2) As eleições em Israel acontecerão em fevereiro de 2009. O Sr. pode ter um impacto indireto, mas importante e construtivo já no começo, anunciando sua determinação inequívoca de conseguir paz israelo-palestina, israelo-síria e israelo-pan-árabe em 2009.

3) Infelizmente, todos os seus predecessores desde 1967 jogaram duplamente. Apesar de que falaram sobre paz da boca para fora, e às vezes realizaram gestos de algum esforço pela paz, na prática eles apoiavam nosso governo em seu movimento contrário a esse esforço.

Particularmente, deram aprovação tácita à construção e ao crescimento dos assentamentos colonizadores de Israel nos territórios ocupados da Palestina e da Síria, cada um dos quais é uma mina subterrânea na estrada da paz.

4) Todos os assentamentos colonizadores são ilegais segundo a lei internacional. A distinção, às vezes feita, entre postos “ilegais” e os outros assentamentos colonizadores é pura propaganda feita para mascarar essa simples verdade.

5) Todos os assentamentos colonizadores desde 1967 foram construídos com o objetivo expresso de tornar um estado palestino – e portanto a paz – impossível, ao picotar em faixas o possível projetado Estado Palestino. Praticamente todos os departamentos de governo e o exército têm ajudado, aberta ou secretamente, a construir, consolidar e aumentar os assentamentos, como confirma o relatório preparado para o governo pela advogada Talia Sasson.

6) A estas alturas, o número de colonos na Cisjordânia já chegou a uns 250.000 (além dos 200.000 colonos da Grande Jerusalém, cujo estatuto é um pouco diferente). Eles estão politicamente isolados e são às vezes detestados pela maioria do público israelense, mas desfrutam de apoio significativo nos ministérios de governo e no exército.

7) Nenhum governo israelense ousaria confrontar a força material e política concentrada dos colonos. Esse confronto exigiria uma liderança muito forte e o apoio generoso do Presidente dos Estados Unidos para que tivesse qualquer chance de sucesso.

8) Na ausência de tudo isso, todas as “negociações de paz” são uma farsa. O governo israelense e seus apoiadores nos Estados Unidos já fizeram tudo o que é possível para impedir que as negociações com os palestinos ou com os sírios cheguem a qualquer conclusão, por causa do medo de enfrentar os colonos e seus apoiadores. As atuais negociações de “Annapolis” são tão vazias como as precedentes, com cada lado mantendo o fingimento por interesses políticos próprios.

9) A administração Clinton, e ainda mais a administração Bush, permitiram que o governo israelense mantivesse o fingimento. É, portanto, imperativo que se impeça que os membros dessas administrações desviem a política que terá o Sr. para o Oriente Médio na direção dos velhos canais.

10) É importante que o Sr. comece de novo e diga-o publicamente. Idéias desacreditadas e iniciativas falidas – como a “visão” de Bush, o “mapa do caminho”, Anápolis e coisas do tipo – devem ser lançadas à lata de lixo da história.

11) Para começar de novo, o alvo da política americana deve ser dito clara e sucintamente: atingir uma paz baseada numa solução biestatal dentro de um prazo de tempo (digamos, o fim de 2009).

12) Deve-se assinalar que este objetivo se baseia numa reavaliação do interesse nacional americano, de remover o veneno das relações muçulmano-americanas e árabe-americanas, fortalecer os regimes dedicados à paz, derrotar o terrorismo da Al-Qaeda, terminar as guerras do Iraque e do Afeganistão e atingir uma acomodação viável com o Irã.

13) Os termos da paz israelo-palestina são claros. Já foram cristalizados em milhares de horas de negociações, colóquios, encontros e conversas. São eles:

a) estabelecer-se-á um Estado da Palestina soberano e viável lado a lado com o Estado de Israel.

b) A fronteira entre os dois estados se baseará na linha de armistício de 1967 (a “Linha verde”). Alterações não substanciais poderão ser feitas por concordância mútua numa troca de territórios em base 1: 1.

c) Jerusalém Oriental, incluindo-se o Haram-al-Sharif (o “Monte do Templo”) e todos os bairros árabes servirão como Capital da Palestina. Jerusalém Ocidental, incluindo-se o Muro Ocidental e todos os bairros judeus, servirão como Capital de Israel. Uma autoridade municipal conjunta, baseada na igualdade, poderia se estabelecer por aceitação mútua, para administrar a cidade como uma unidade territorial.

d) Todos os assentamentos colonizadores de Israel – exceto aqueles que possam ser anexados no marco de uma troca consensual – serão esvaziados (veja-se o 15 abaixo).

e) Israel reconhecerá o princípio do direito de retorno dos refugiados. Uma Comissão Conjunta de Verdade e Reconciliação, composta por palestinos, israelenses e historiadores internacionais estudará os fatos de 1948 e 1967 e determinará quem foi responsável por cada coisa. O refugiado, individualmente, terá a escolha de 1) repatriação para o Estado da Palestina; 2) permanência onde estiver agora, com compensação generosa; 3) retorno e reassentamento em Israel; 4) migração a outro país, com compensação generosa. O número de refugiados que retornarão ao território de Israel será fixado por acordo mútuo, entendendo-se que não se fará nada para materialmente alterar a composição demográfica da população de Israel. As polpudas verbas necessárias para a implementação desta solução devem ser fornecidas pela comunidade internacional, no interesse da paz planetária. Isto economizaria muito do dinheiro gasto hoje militarmente e a partir de presentes dos EUA.

f) A Cisjordânia, Jerusalém Oriental e a Faixa de Gaza constituirão uma unidade nacional. Um vínculo extra-territorial (estrada, trilho, túnel ou ponte) ligará a Cisjordânia e a Faixa de Gaza.

g) Israel e Síria assinarão um acordo de paz. Israel recuará até a linha de 1967 e todos os assentamentos colonizadores das Colinas de Golã serão desmantelados. A Síria interromperá todas as atividades anti-Israel, conduzidas direta ou vicariamente. Os dois lados estabelecerão relações normais.

h) De acordo com a Iniciativa Saudita de Paz, todos os membros da Liga Árabe reconhecerão Israel, e terão com Israel relações normais. Poder-se-á considerar conversações sobre uma futura União do Oriente Médio, no modelo da União Européia, possivelmente incluindo a Turquia e o Irã.

14) A unidade palestina é essencial. A paz feita só com um naco da população de nada vale. Os Estados Unidos facilitarão a reconciliação palestina e a unificação das

estruturas palestinas. Para isso, os EUA terminarão com o seu boicote ao Hamas (que ganhou as últimas eleições), começarão um diálogo político com o movimento e sugerirão que Israel faça o mesmo. Os EUA respeitarão quaisquer resultados de eleições palestinas.

15) O governo dos EUA ajudará o governo de Israel a enfrentar-se com o problema dos assentamentos colonizadores. A partir de agora, os colonos terão um ano para deixar os territórios ocupados e voluntariamente voltar em troca de compensação que lhes permitirá construir seus lares dentro de Israel. Depois disso, todos os assentamentos serão esvaziados, exceto aqueles em quaisquer áreas anexadas a Israel sob o acordo de paz.

16) Eu sugiro ao Sr., como Presidente dos Estados Unidos, que venha a Israel e se dirija ao povo israelense pessoalmente, não só no pódio do parlamento, mas também num comício de massas na Praça Rabin em Tel-Aviv. O Presidente Anwar Sadat, do Egito, veio a Israel em 1977 e, ao se dirigir ao povo de Israel diretamente, mudou em tudo a atitude deles em relação à paz com o Egito. No momento, a maioria dos israelenses se sente insegura, incerta e temerosa de qualquer iniciativa ousada de paz, em parte graças a uma desconfiança de qualquer coisa que venha do lado árabe. A intervenção do Sr., neste momento crítico, poderia, literalmente, fazer milagres, ao criar a base psicológica para a paz.

*(esta é uma **carta aberta escrita por Uri Avnery**, 85 anos, ex-deputado do Knesset, soldado que ajudou a fundar Israel em 1948 e que há décadas **milita pela paz**. A tradução ao português é de Idelber Avelar. O obrigado pelo envio do link vai ao **Daniel** do **Amálgama**. O pedido de divulgação vai a todos os que desejam uma paz duradoura, nos termos já reconhecidos pela comunidade internacional).*

Escrito por Idelber às 00:29 | [link para este post](#) | [Comentários \(66\)](#)

segunda-feira, 29 de dezembro 2008

300 mortos e 1000 feridos em Gaza: Israel continua assassinando e os líderes mundiais se calam

A chacina **começou a ser preparada há seis meses**. Isso, por si só, desmantela qualquer uma das desculpas usadas por Israel para justificar o pior massacre da história de Gaza, desde o começo da ocupação ilegal da Palestina, em 1967.

Enquanto durou a “trégua” (entendam as aspas: trégua na Terra Santa significa que os palestinos continuem vivendo calados, sem reagir, numa realidade de ocupação militar brutal, demolições de casas, cerco naval, terrestre e aéreo de Gaza, checkpoints humilhantes, colonização constante de suas terras na Cisjordânia, espancamentos em mãos de colonos fortemente armados, monopolização dos recursos hídricos, **proibição de observadores internacionais** etc.), Israel teve várias oportunidades de suspender o verdadeiro crime de guerra que é o bloqueio à entrega internacional de **alimentos** e remédios aos habitantes de Gaza. Quatro de cada cinco habitantes de Gaza dependem dessas entregas para sobreviver. Somente durante essa “trégua”, dezenas de palestinos foram assassinados por Israel.



A estratégia é conhecida: forçar a população da maior prisão ao ar livre do mundo ao desespero e à destituição para, num segundo momento, usar suas reações como pretexto para mais um massacre. Afinal de contas, há eleições em Israel em fevereiro e, no estado sionista, assim como nos EUA, bombardeios às terras árabes **rendem votos fáceis**. Antes, os “terroristas” com os quais não se podia negociar era a OLP (atual Fatah), excluídos por Israel e pelos EUA da última rodada de conversações de paz que tiveram alguma chance real, as de Madri em 1991. Agora, o “terrorista” da vez já não é o humilhado Fatah, mas o Hamas. Para a ocupação colonial, interlocutor bom é interlocutor morto.

O crime israelense foi perpetrado na hora do rush, em que as crianças ainda não haviam voltado da escola. Bombardearam até a **universidade**. Tudo cuidadosamente planejado para matar o maior número de gente possível. O máximo que os jornalístazinhos conseguem dizer sobre a chacina -- com honrosas **exceções** -- é que se tratou de uma “reação” “desproporcional”. Eis aqui a "reação desproporcional" (vejam depressa, porque há uma verdadeira operação de censura sionista sobre o YouTube; vários vídeos já foram retirados):

Na **Síria**, na **Turquia**, no **Líbano**, na **Indonésia**, até em **Londres**, aumenta a cada dia a revolta contra os repetidos massacres que sofre o povo palestino. A cada dia, fica mais longe a solução biestatal com que a comunidade internacional e os palestinos já concordaram há tempos: uma partilha ao longo das fronteiras de 1967, que desse aos palestinos o direito de viver em 22% da sua terra original. O crime não é somente contra os palestinos. É também – não se iludam, jornalístazinhos que **racionalizam cada chacina sionista** – um crime contra as

crianças israelenses, pois não há ocupação colonial que dure para sempre. Israel tem hoje todas as cartas na mão, dada a esmagadora diferença de forças.

Mas são 7 milhões de israelenses, dos quais 20%, árabes, jamais defenderiam o estado sionista. Em volta dele, 1 bilhão de muçulmanos. Essa irresponsabilidade do **país que se recusa a ser adulto** ainda custará muito caro a **toda** a humanidade.

Porque a vingança virá.



(crédito das fotos)

Este blog considera que o jugo criminoso sob o qual vive o povo palestino é a questão humanitária definitiva do nosso tempo. Ela tem ramificações em todas as facetas da política internacional. É importante se informar sobre ela. Aqui vão alguns links, infelizmente quase todos em inglês.

Para uma documentação diária dos crimes perpetrados pela ocupação militar, acompanhe o **International Middle East Media Center**. Também é possível ter notícias diárias do horror no **Palestine Information Center**. Para uma coleção atroz de vídeos dos massacres em Gaza, consulte o **Israel's Crimes** e o **Palestine Video**. Se você quer dedicar 50 minutos a se informar sobre a catástrofe palestina, assista ao imperdível filme **Palestine is still the issue**. Para ler depoimentos terríficos sobre o cotidiano em Gaza e na Cisjordânia ocupada, assine o feed do **Electronic Intifada**. No Facebook, você pode demonstrar solidariedade e ouvir um pouco das histórias dos palestinos que resistem à

ocupação, trocando a foto do seu perfil, por alguns dias, por [essa aqui](#), cuja inscrição em árabe diz "somos todos Gaza". Se você é membro de alguma associação profissional, confira se ela já faz parte do [boicote a Israel](#). O boicote foi uma arma poderosa contra o Apartheid sul-africano e é um dos poucos instrumentos que temos para ajudar aos que lutam contra a infinitamente mais perversa ocupação sionista.

O blog se despede por 2008, promete para fevereiro, em data a se confirmar, um debate sobre o livro de Ilan Pappé, [The Ethnic Cleansing of Palestine](#), confirma a reabertura da caixa de comentários no próximo post e deseja aos seus leitores um feliz, ou pelo menos tolerável, 2009.

Atualização: em português, leia, no Amálgama, a [entrevista com Amira Hass e A "força" do inimigo de Israel](#), de Márcio Pimenta, e [A "transferência compulsória" palestina](#), de [Daniel Lopes](#).

Atualização II: Na chamada "blogosfera progressista" norte-americana, nem uma palavra. Silêncio sepulcral, com [uma](#) ou [outra](#) exceção.

Atualização III: Além, claro, do perene ponto luminoso que é o blog, não de um jornalista, não de um militante, não de um "blogueiro profissional", mas de um acadêmico: [Professor Juan Cole](#), que há tempos esmiuça, estuda, traz informação nova, escreve com lucidez e sabe do que fala. Não é somente um leitor competente do "árabe" em geral, mas falante proficiente de três de suas variantes dialetais. Ler os arquivos do [Informed Comment](#), nos dias de hoje, é instrutivo, revelador.